

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VALDENIA PINTO DE SAMPAIO ARAÚJO

**EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE(S): QUAL A COR  
DA HOMOFOBIA NO ARCO-ÍRIS DA ESCOLA?**



VALDENIA PINTO DE SAMPAIO ARAÚJO

**EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE(S): QUAL A COR  
DA HOMOFOBIA NO ARCO-ÍRIS DA ESCOLA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Alves do Bomfim

A658e

Araújo, Valdenia Pinto Sampaio.

Educação e diversidade(s): qual a cor da homofobia no arco-íris da escola? / Valdenia Pinto Sampaio Araújo. – 2012.

139 f.

Impresso por computador.

Orientador: Maria do Carmo Alves do Bomfim.

Dissertação (mestrado em Educação)—Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, 2012.

1. Homossexualidades. Homofobia. 2. Escola. 3. Jovens LGBT's. 4. Homofobia I. Título.

CDD 370

VALDENIA PINTO DE SAMPAIO ARAÚJO

**EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE(S): QUAL A COR  
DA HOMOFOBIA NO ARCO-ÍRIS DA ESCOLA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Alves do Bomfim

Data de aprovação: 31 de agosto de 2012

---

Orientadora: Maria do Carmo Alves do Bomfim

(Doutora em História e Filosofia da Educação / Universidade Federal do Piauí – UFPI)

---

Examinadora Interna: Shara Jane Holanda Costa Adad

(Doutora em Educação Brasileira / Universidade Federal do Piauí – UFPI)

---

Examinador Externo: Francisco de Oliveira Barros Júnior

(Doutor em Ciências Sociais / Universidade Federal do Piauí – UFPI)

---

Suplente: Francis Musa Boakari

(Ph.D em Educação para a Diversidade/ Universidade Federal do Piauí – UFPI)

“Fica decretado que agora vale a verdade, agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos/as pela vida verdadeira. [...] Fica decretado que as pessoas estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. As pessoas se sentarão à mesa com seus olhares limpos porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa. [...] Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama [...] Só uma coisa fica proibida: amar sem amor. [...] Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração das pessoas”.

(Parafrazeando o poema “Estatuto do Homem”, de Tiago de Mello).

**AGRADECENDO E RECONHECENDO...**

A todas as expressões espirituais e de luz que me acompanham, que acredito e que “mudaram minha história e ressuscitaram meus sonhos”: **Deus, Oxalufan, Iemanjá, Dona Maria Padilha, Dona Sete e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.**

À **Mariá Sampaio**, minha mãe, exemplo de força e disponibilidade, que lutou muito para que eu pudesse ir mais longe e alcançar os meus sonhos. Mesmo não sabendo o significado de um mestrado já torcia e rezava para que eu pudesse chegar aqui. Sei que sempre posso voltar e pousar no seu colo...

À **Valdirene Sampaio**, minha irmã “TUTI-FRUTTI”, por dedicar a mim esperança e força e estar presente nos momentos mais importantes da minha vida, desde o digitar de um simples texto até o apoio incondicional. Em todos os momentos da minha vida sinto o seu amor e carinho por mim como um facho de luz a me guiar.

A **Vagner Lucas Sampaio**, meu filho-irmão “PITOTE”, que a cada dia me faz crer que sua existência é um motivo de alegria. Desejo que nos encontremos mais pra estreitar o amor que sempre nos uniu. Espero ver você realizar todos os seus sonhos e tocar as músicas mais lindas para embalar nossa jornada e nosso amor.

À **Vera Lúcia Jorge**, minha segunda-mãe, que serenamente me ensina a desacelerar para perceber o que me rodeia. Sempre serei grata por me presentear com a Agda, pelos ensinamentos aprendidos dia a dia e pelas palavras que me alimentam a alma.

À **Maria do Carmo Alves do Bomfim**, orientadora, amiga e que em meus momentos de fraqueza soube conduzir-me pelos mais floridos e belos campos do saber e não desistiu de mim em nenhum segundo. Sua generosidade, competência, altruísmo e humanidade são inquestionáveis e foram imprescindíveis em meu caminhar. Agradeço por transformar meus fragmentos em algo sólido, em unidade. Já seria grata apenas por me deixar fazer parte de sua vida. O mundo precisa tomar conhecimento do seu legado!

À **Shara Jane “de Barros” Holanda Costa Adad**, amiga e co-orientadora eleita por mim, que me afetou e me “atravessou” desde o nosso primeiro encontro com seu olhar que traz a paz, o carinho, a verdade e a serenidade. Você foi uma das responsáveis por grandes mudanças em minha vida e inspirou novos sonhos em meu caminhar acadêmico. Segurando sua mão me permiti aproximar da Sociopoética e descobrir novas possibilidades de pesquisar com o corpo. Compartilhei contigo os voos mais altos e os mergulhos mais profundos do saber. Obrigada pelas experimentações e partilhas em Foucault, Nietzsche, Deleuze, Guatarri, Veiga-Neto, Pelbart, Canevacci, Chimamanda e tantas/os que interferiram positivamente em minha trajetória.

Às amigas-irmãs, **Leila Medeiros e Conceição Souza**, companheiras inconfundíveis em minha vida e que sempre me dedicaram carinho, generosidade, atenção e amor. Vocês são a expressão do companheirismo. Todas as pessoas no mundo deveriam ter

anjos em suas vidas iguais a vocês. Não esquecerei a promessa que as três fizemos, ao meio-dia na escadaria da igreja, de não nos separarmos pela vida!

Aos amigos **Lucivando Martins e Romário Nascimento**, que se aproximaram de mim durante esta caminhada “mestradeana” e que partilham comigo “a dor e a delícia de ser” o que somos. Agradeço todos os momentos vividos junto a vocês e a ajuda imprescindível e generosa de suas leituras, críticas e sugestões. Quero estar perto de vocês pra compartilhar toda a paz, os saberes, o carinho e a atenção que lhes são peculiares. Meu caminho se iluminou desde que a luz que irradia de vocês me alcançou.

Aos **sujeitos da pesquisa** que se despiram, desvelaram e segredaram para o mundo o seu afeto e o seu desejo e demonstraram coragem ao decidir participar deste momento de estudo.

À **18ª turma do Mestrado em Educação da UFPI**, pelas aprendizagens, partilhas e vivências. Especialmente quero agradecer a **Emanoela Maciel (Manu)**, irmã gêmea, que me trouxe a paz e alegria sempre que precisei e me levantou nos momentos difíceis desta caminhada; **Vicelma Sousa**, que me presenteou com mais sabedoria e força e tem escritos e rabiscos intensos na minha história; **Wladimyr Silva**, que não mediu esforços para me mostrar o que é ser amigo de verdade; **Francilene Silva**, que trouxe a arte, fortaleza e beleza para o meu caminhar; **Cristiana Barra**, pelos sorrisos e lágrimas em nossas conversas; **Patrícia Amarante**, pelos momentos alegres e por me trazer recados providenciais de Nossa Senhora de Fátima sempre; **Grasiela Coêlho**, pela amizade e por ser uma inspiração de força quando eu pensava que podia não conseguir chegar até aqui.

À **família OBJUVE** que me acolheu e contribuiu para meu crescimento. Obrigada **Dilma, Tamyra, Dolores, Waldílio, Cruz, Claudilene, Adriana, Daniela, Socorro Borges, Mary Michele, Ilana e Darlane Stela**. Em especial a **Ana Paula**, que prontamente auxiliou com os documentos do Comitê de Ética; a **Vanessa Stefâne**, sempre prestativa, colaborou nas transcrições das falas, a **Elisângela Fernandes**, que socorreu-me nas dúvidas da Sociopoética e **Pollyana das Graças**, que sem sua ajuda a última oficina não teria tido o mesmo brilho.

À **Eleyne Deyannys de Sousa Silva**, uma das primeiras pessoas que acreditou que eu podia ir mais longe do que meus olhos alcançavam. Obrigada pelo carinho e incentivo a mim dedicados por muitos anos.

Ao Professor Doutor **Francisco de Oliveira Barros Júnior**, que o encantamento do destino encaminhou para minha vida e foi um clarão arrebatador de sabedoria em todos os momentos em que partilhamos desde uma simples conversa, passando pela experiência de aluna-professor, até a travessia do mestrado. Obrigada por me apresentar “Flicts” na qualificação e pelos direcionamentos para este trabalho e para minha vida.

Ao Professor Doutor **Solimar Oliveira**, amigo, guru, irmão, referência de caráter e saber. Sempre soube o que me dizer e como me tratar para que meu crescimento pessoal e acadêmico fosse visível. Obrigada pela oportunidade de me deixar ser, a partir daquele domingo de 2004, a sua “mais nova amiga”!

Ao Professor Doutor **Francis Musa Boakari**, referência em elegância, gentileza e saber. Foi maravilhoso partilhar da sua experiência e sabedoria durante esta caminhada e desejo fortemente que não nos percamos por esta vida.

À **família Jorge**, que me recebeu desde o primeiro momento como se fora parte dela desde sempre. Agradeço especialmente a **Tia Carminha, Yanamara, Fernanda, André, Kamila e Adriana**.

Ao grupo das “colegagens” **SÓ NÓS.COM**, que nos bingos, consórcios, encontros, viagens e festas contribuíram para que esta caminhada fosse mais alegre e leve. Especialmente quero agradecer a **Gilvaneide Pontes**, minha lindinha, que sempre esteve comigo em todos os momentos e me dedicou todo o seu carinho e amor desde a culinária às palavras singelas de afeto. Você significa muito para mim!

À **Ana Célia Santos, Elmo Lima e Raimundo Dutra**, pela amizade e pelas leituras, críticas e sugestões no projeto de pesquisa para a seleção. Meu caminho tem muito de suas contribuições e sou grata por fazerem parte de minha vida.

À **Dulce Silva**, que se tornou referência de postura feminista em minha vida e que ocupa um grande espaço em meu viver com sua força e sua amizade.

À **Andrea Barros**, amiga fiel, responsável por grandes mudanças em minha vida e um exemplo de dedicação, força, coragem e caráter.

Ao **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI**, que colaborou para que minha pesquisa fosse possível, tornando meu crescimento profissional e acadêmico mais sólidos.

Às colegagens “ifpianas”: **Ellen Mourão**, que inspira dedicação; **Regianny Monte**, que é exemplo de força e coragem; **Gabriela Rosa**, que me mostrou delicadeza até nas “rochas”; **José Neto**, que é referência de amizade e ética.

Ao **PPGED**, em especial às professoras **Ivana Ibiapina**, exemplo de dedicação ao que se propõe a realizar; **Carmem Cabral**, que me apresentou de fato a Filosofia; **Glória Lima**, referência em generosidade; **Antônia Edna**, exemplo de serenidade; **Bárbara Macêdo**, expressão da alegria deste mestrado. Às secretárias, **Fernanda e Suely**, que sempre me receberam com atenção e respeito e nunca me deixaram sem respostas.



À amigas e amigos conquistadas/os durante toda uma vida e que são luz para minha vida: **Adailma Santana, Kátia Simmone, Alda Costa, Áurea Regina, Dércia Santana, Lígia Maria, Waldemar Neto, Fátima Brito e Irá.**

Ao **Wellington Sérgio**, da Bambu Xerox e **Ana Célia e Belita** do Trailler Lanches, que sempre me receberam com carinho e respeito e contribuíram com seus serviços nesta etapa da minha vida acadêmica.

### **DEDICANDO COM TODO AMOR QUE HOVER NESSA VIDA...**

Ao meu pai, **Valdemar Sampaio** (*In memoriam*), que, mesmo não estando mais aqui neste plano para partilhar comigo este momento, eu acredito que da sua morada olha por mim e por todos os meus caminhos...

À **Agda Jorge**, meu “amor do céu”, minha vida, “VIDINHA”, que compartilhou comigo o desejo e a realização deste mestrado desde o momento em que tudo era apenas um sonho. Você minimizou muitos momentos difíceis desta caminhada apenas com um abraço ou um sorriso. Como diz o poeta “estranho seria se eu não me apaixonasse por você”. Uma pessoa com sua dedicação, amor, força e serenidade era o meu pedido de todas as noites. Saiba que minha vida se redimensionou desde a sua chegada. Sigo cantando e explodindo de amor por e pra você: “e assim viemos nos assimilando, nos assemelhando a nos absorver, e agora não tem onde, não tem quando, quando fecho os olhos, vejo só você!”.

A **Paulo Neto**, sobrinho-filho querido, que em sua existência breve já conhece e exerce plenamente o significado de amar, partilhar e viver. Minha vida se ressignificou desde a sua chegada.

À **Maria Cecília**, sobrinha-filha querida, que no seu sorriso e no seu viver carrega muito do que sou e magnificamente tem poesia na alma. Você traz a luz para meu caminho.

À **Maria Alice**, sobrinha-filha querida, que me trouxe a inocência, calma e fortaleza que preciso para seguir. O seu amor e sua capacidade de resiliência me guiam pela minha jornada.

A **todas as pessoas da população LGBT** que em algum momento de suas vidas sofreram e ainda sofrem algum tipo de violência apenas por desejarem viver o seu amor na plenitude.

**Corre-se, sempre, o risco de esquecer-se de dizer algo  
de ou citar alguém... Perdão!**

## RESUMO

A sexualidade no universo escolar tem sido um tema polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores e atrizes sociais – alunas/os, mães, pais, professoras/es e gestoras/es, entre outras/os, assim como tabus e interditos relacionados. Quando se trata das homossexualidades, certamente a questão se torna mais delicada. Frente a estas constatações, este trabalho apresenta a investigação realizada sobre as práticas homofóbicas no espaço da escola, no caso, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). A pesquisa cartografa, problematiza e analisa o ponto de vista de um determinado grupo de jovens lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT's) em relação à orientação sexual, às suas manifestações de sociabilidades afetivas, ao conceito de diversidade sexual, seus posicionamentos relativos à homofobia e como ocorre a convivência entre pessoas com estas diferenças e outras, dentro da escola pesquisada. Este estudo está ancorado nas questões relativas às homossexualidades fundadas nos estudos de Junqueira (2007, 2009), Louro (1997, 1999, 2004) e Foucault (1983, 1984, 1985, 2001) dentre outros. No percurso metodológico, utilizou-se a pesquisa qualitativa baseada nos ditos de Barbier (2007) e Melucci (2005) através de oficinas com inspiração na abordagem Sociopoética (ADAD, 2004), contatos pessoais, observações e questionário. Neste texto, registram-se resultados do processo de pesquisa, no qual foram envolvidos quatro jovens, sendo uma lésbica, duas bissexuais e um *gay*. Os principais achados assim se configuram: a existência de intolerâncias na família no que se refere às homossexualidades; a escola como espaço de apoio e opressão para esta população e a esperança na mudança de conceitos e atitudes da sociedade em relação às homossexualidades.

**Palavras-chave:** Homossexualidades. Escola. Jovens LGBT's. Homofobia.

## ABSTRACT

Sexuality In the school universe has been a controversial topic, considering the multiplicity of views, beliefs and values of the various social actors – students / mothers, fathers, teachers and managers, among others, as well as taboos and prohibitions related to them. When it comes to homosexuality, certainly the issue becomes more delicate. In view of these findings, then, this paper investigates the homophobic practices In the school, In this case, the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí (IFPI). The research maps, discusses and analyzes the views of a particular group of young lesbians, gays, bisexuals and transgenders (LGBT's) In relation to sexual orientation, their expressions of affective sociability, the concept of sexual diversity, their positions concerning homophobia and how the coexistence among people with these differences occur with In the school. This study is anchored on issues relating to homosexuality based on studies of Junqueira (2007, 2009), Louro (1997, 1999, 2004) and Foucault (1983, 1984, 1985, 2001) among others. In the methodological approach, we used a qualitative research based on the sayings of Barbier (2007) and Melucci (2005) through workshops inspired on the Sociopoetics approach (ADAD, 2004), personal contacts, observations and a questionnaire. The results of the research process, which involved four young people – one lesbian, one gay and two bisexuals, were registered In this paper. The main findings are: the existence of intolerance In the family regarding homosexuality; the school as a supportive and oppressive environment for this population; and the hope In changing concepts and attitudes of society regarding homosexuality.

**Keywords:** Homosexualities. School. Young LGBT's. Homophobia.

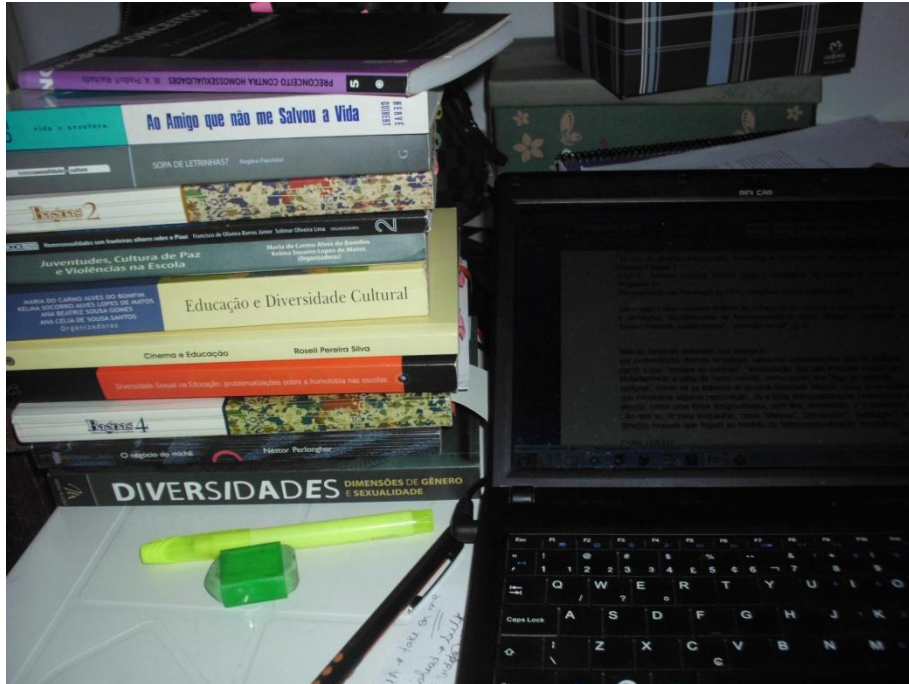
## Sumário

INTRODUÇÃO .....	13
1 PRIMEIRA COR: O <b>VIOLETA</b> COLORE MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA.....	20
2 SEGUNDA COR: OS <b>ANIS</b> QUE PINTAM E PROBLEMATIZAM AS HOMOSSEXUALIDADES.....	29
2.1 Sobre homossexualidades e LGBT's: olhares iniciais .....	31
2.2 Escola e homossexualidades: uma relação possível.....	37
3 TERCEIRA COR: O <b>VERMELHO</b> ATRAVESSA AS TEORIAS DA HOMOFOBIA NA ESCOLA .....	45
4 QUARTA COR: O <b>LARANJA</b> REVELA O BRILHO DE CADA PESSOA .....	52
4.1 Cazuzu: o azul da cor dos seus olhos e de sua força infinita.....	54
4.2 Avril: a felicidade do amarelo nas recordações da sua infância e no brilho do seu olhar .	57
4.3 Katy: o lilás para aplacar o seu medo do mundo continuar a ser preconceituoso .....	60
4.4 Demétria: porque o azul turquesa traz a certeza de que sem medo já temos dignidade e honra.....	63
4.5 Alanis: sonhos lilases, realidades multicoloridas .....	65
5 QUINTA COR: TRAVESSIAS <b>VERDES</b> NO PERCURSO DA PESQUISA.....	68
5.1 Pesquisa qualitativa: porque a compreensão dos detalhes é essencial .....	71
5.2 Abordagem Sociopoética: porque o estranhamento dos/nos dados também é imprescindível.....	73
5.3 O IFPI: pensar a partir do lugar onde ocupamos.....	78
5.4 As oficinas: momentos de travessias, idas, retornos e escaladas .....	80
5.5 Escritos: por que ainda foi preciso dizer algumas coisas .....	81
5.6 Os diários de itinerâncias: o que o corpo sente as palavras refletem .....	82
6 SEXTA COR: O ILUMINAR DO <b>AMARELO</b> NA CARTOGRAFIA DOS DADOS .....	84
6.1 Primeira oficina: aproximações e descobertas iniciais rumo ao mergulho .....	85
6.2 Segunda oficina: intensidade no mergulho em busca da profundidade .....	100
6.3 Questionários: à procura de vestígios não ditos .....	116
7 SÉTIMA COR: CONTINUIDADES <b>AZUIS</b> PARA UM NOVO RECOMEÇAR .....	121

REFERÊNCIAS .....	125
APÊNDICES .....	133
QUESTIONÁRIO .....	136

## INTRODUÇÃO

Fotografia 1 – O *habitat* de estudo da pesquisadora, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Há muito o que trilhar nesta aventura didático-pedagógica que ousa falar de um assunto gerador de resistências. [...] Se nós, educadores, que estamos no olho do furacão do tema, não ousarmos falar do nome do nosso amor, nos diversos graus e espaços educacionais, quem falará por nós?

(Francisco de Oliveira Barros Júnior)

As homossexualidades têm alcançado nos últimos anos o interesse da mídia, das pesquisas, da academia e da sociedade como um todo. Essa temática que intriga, insufla e estimula o debate a cada dia também é alvo de perseguições por parte das correntes mais conservadoras de estudiosas/os e das representações de vários segmentos religiosos. E para falar de homossexualidades é necessário romper com alguns padrões estilísticos, de conceito sobre diversidade, de escrita, de atitude, pois os sujeitos, assim como os escritos, que constituem essa dimensão, “revelam um campo multifacetado, permeado de tendências que expressam confluências entre elas, mas que descortinam dissonâncias no modo como aparecem” (BARROS JÚNIOR, 2007, p. 92). Com plural até no nome, as homossexualidades, (des)revelam e trazem uma amplitude de possibilidades para refletirmos sobre mais esta manifestação da sexualidade ao darmos o som para esta discussão e seus sujeitos, pois

[...] Quando ouvimos tais sujeitos, temos acesso a uma introdução ao linguajar, aos códigos, valores, estética e outros elementos que configuram uma específica “homocultura”. Nesse contexto, é produzido um glossário particular, no qual cada uma das múltiplas categorias se autodefinem, demarcando identidades. Homossexualidades no plural, isso rompe com óticas homogeneizadoras [...]. (BARROS JÚNIOR, 2007, p. 92-93).

Compreendendo a pluralidade que envolve as homossexualidades, observei que no Brasil, nos últimos anos, tem-se pesquisado mais em nível acadêmico as homossexualidades e as temáticas que as atravessam como gênero, sexismo, raça, etnia, identidade de gênero, dentre outras. No Piauí, as pesquisas têm avançado nesta temática e demonstrado, assim, a grande relevância para desmistificação em torno desse tema.

À luz dos Direitos Humanos<sup>1</sup> e compreendendo a pluralidade e diversidades culturais e o contexto atual que nos encaminha para o reconhecimento e respeito às diferenças é que percebemos a necessidade de se estudar as homossexualidades e seus sujeitos. Sujeitos esses que são conhecidas/os pela sigla que identifica Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Lésbicas são mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres; *Gays* são homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens; Bissexuais são pessoas que se relacionam afetivo-

---

<sup>1</sup> A Declaração Universal dos Direitos Humanos em seus artigos I, II e III faz referência à liberdade que todo ser humano deve ter para conduzir sua trajetória de vida e, portanto, deve ser respeitado em suas escolhas e posicionamentos. A Declaração se transformou num instrumento poderoso que baliza as ações de enfrentamento às intolerâncias. Para conhecer/entender melhor seus artigos ela pode ser encontrada no link [http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm).

sexualmente com outras pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto; Travestis são pessoas que nascem com um sexo biológico, fazem modificação no próprio corpo e desejam apresentar-se com características do sexo oposto ao do nascimento; Transexuais são pessoas que nascem com um sexo biológico e, na maioria das vezes, desejam a readequação corporal através de procedimentos cirúrgicos<sup>2</sup>.

Assim, diante de todas as temáticas que atravessam as homossexualidades, assumo como problema de pesquisa: *Quais práticas de intolerâncias contra jovens LGBT's estão presentes no cotidiano escolar de estudantes do curso médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí (IFPI) Campus Zona Sul?*

A escolha pelo tema deve-se ao fato de perceber a urgência em tratar de um tema que transita entre a polêmica e a curiosidade. Outro fator importante é aumentar o aporte teórico sobre as homossexualidades na academia, no Piauí e no Brasil, especialmente as práticas homofóbicas e as práticas pedagógicas de superação destas. Também temos a intenção de contribuir para que as reflexões que serão feitas dentro do texto suscitem outras discussões acerca dessa temática. Sobre práticas homofóbicas podemos identificá-las como atitudes ou situações que derivem da homofobia. E sobre homofobia pode-se afirmar que

[...] o termo “homofobia” é um neologismo cunhado pelo psicólogo clínico George Weinberg (1972), que agrupou dois radicais gregos – ὁμοῖο (semelhante) e φόβος (medo) – para definir sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades. [...] o termo costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja). Assim, seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. (JUNQUEIRA, 2007, p. 148-149).

Os/as teóricos/as que pesquisaram e escreveram sobre o tema e seus desdobramentos em diversas áreas do conhecimento são muitas/os. Aqui nos apoiaremos em Junqueira (2007, 2009), Louro (1997, 1999, 2004), Foucault (1983, 1984, 1985, 2001), Abramovay; Castro; Silva (2004), Butler (1993), Prado *et al.* (2008).

<sup>2</sup> Sobre temas como a sexualidade e seus desdobramentos, a sugestão é uma leitura mais aprofundada de PICAZIO, C. M. S. **Sexo Secreto: Temas Polêmicos da Sexualidade**. São Paulo: Editora Summus, 1999.



Com base nas reflexões feitas por estas/es teóricas/os sobre a sexualidade, as homossexualidades e a relação destas com a escola, defini como objetivo geral desta pesquisa: *analisar como as manifestações das construções das homossexualidades e seus desdobramentos relativos às/aos jovens LGBT's no ambiente escolar do ensino médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí (IFPI) – Campus Zona Sul.*

Os objetivos específicos, por sua vez, buscaram conhecer aspectos que envolvem as subjetividades e as identidades das/os jovens envolvidas/os nesse estudo. Assim, definimos:

- Identificar a existência ou não de práticas homofóbicas presentes no cotidiano escolar de jovens LGBT's (mulheres e homens) estudantes do ensino médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí (IFPI) – Campus Zona Sul;
- Captar os impactos das práticas homofóbicas e/ou de tolerâncias na vida das/os jovens estudantes a partir da visão daquelas e daqueles que se autodeclararam LGBT's;
- Identificar ações pedagógicas trabalhadas no IFPI – Campus Zona Sul, particularmente nos cursos de nível médio integrado ao técnico (Saneamento, Vestuário e Edificações) visando à superação de práticas homofóbicas e fortalecimento daquelas que dignificam a pessoa humana.

No percurso metodológico para encontrar os resultados das inquietações acerca das homossexualidades utilizamos a pesquisa qualitativa ancorada nos estudos de Barbier (2007) e Melucci (2005) através de oficinas com inspiração na abordagem Sociopoética (ADAD, 2004), contatos pessoais, observações e aplicação de questionário.

Acredito que os resultados desse estudo têm relevância, pois buscou compreender os sentidos e as simbologias que as homossexualidades promovem na vida das/os jovens LGBT's e como as temáticas que se relacionam e derivam das homossexualidades perpassam a vida destas/es jovens.

Essa juventude que ora estudo e que protagoniza fazendo sua a história traz consigo a alegria das cores que pintam o mundo. Cores que o movimento LGBT trouxe para lhe representar. O arco-íris é o símbolo da comunidade LGBT pelo mundo e inspirado nele e na magia que o circunda todo o texto o terá como inspiração para identificar seus capítulos. Suas cores pintarão o caminho percorrido na pesquisa e vão

espalhar o colorido pelas suas letras, pois este trabalho é uma construção, uma edificação, uma casa e

As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. [...] Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho... (GALEANO, 2002, p. 13).

A cor representa muito sobre algo, desde o subjetivo até aos palpáveis chegando, muitas vezes a dar significado. Uma das funções da cor é justamente a sua capacidade de significar (GUIMARÃES, 2008). Goethe, que poetizou todo o seu legado, pesquisou e dedicou mais de 35 anos na construção de uma teoria das cores, citou as aplicações simbólica e alegórica das cores.

A aplicação que concorda perfeitamente com a natureza poderia ser denominada simbólica, caso a cor seja utilizada em consonância com o efeito, e a verdadeira relação exprima imediatamente o significado. Uma aplicação muito próxima da anterior é a que poderíamos chamar de alegórica, mais circunstancial e arbitrária, ou melhor, convencional, na medida em que o sentido do signo nos deve ser transmitido antes que saibamos o que deve significar, como, por exemplo, em relação ao verde, ao qual se atribui a esperança. (GOETHE, 1993, p. 154).

Cada momento da pesquisa foi pensado considerando a relação que, pensamos ter, o título com a cor escolhida para pintá-lo. Trouxemos para esta reflexão cheia de tons o livro *Flicts*, de Ziraldo (2005) que, lindamente, passeia pelas cores e mostra a importância de cada uma.

Início o percurso colorido contando um pouco da minha história e, para tanto, o primeiro momento será intitulado **Primeira cor: o violeta colore minha vida, minha história** e fala sobre como foi percebida a força que a temática das homossexualidades foi sendo impressa em minha vida que, como feminista, tem essa nuance do lilás com cor norteadora de sua luta pela igualdade de gênero. O “violento violeta” (ZIRALDO, 2005) traz essa sensação arrebatadora de iniciar desbravando a vida de quem se propõe a desnudar-se em nome do partilhar, do aprender e do saber.

O segundo momento tem como título **Segunda cor: os anis que pintam e problematizam as homossexualidades** e a cor foi escolhida pela tonalidade vibrante e forte que tem. Cor que traz respostas e explicações e tem como subtemas **Sobre Homossexualidades e LGBT's: olhares iniciais** que fala um pouco sobre as

homossexualidades e sua trajetória e o segundo subtema **Escola e homossexualidades: uma relação possível** que faz a relação entre homossexualidades e a escola e ainda nos apresenta a justificativa desta pesquisa.

**Terceira cor: o vermelho atravessa as teorias da homofobia na escola** é o terceiro momento e fala da homofobia e suas manifestações dentro e fora da escola. Trago mais informações acerca das intolerâncias e violências que ainda cercam as pessoas que fazem parte da comunidade LGBT. Essas intolerâncias e violências machucam a alma e, muitas vezes, machucam o corpo trazendo para a pele o sangue que borra a pele. Eis o motivo da escolha do “forte” vermelho (ZIRALDO, 2005).

**Quarta cor: o laranja revela o brilho de cada pessoa** onde esboço um perfil de cada partícipe da pesquisa e busco na cor laranja e no seu brilho forte as formas de conhecer melhor quem sente, fala, escreve, produz e partilha o que vive na ambiência escolar quando se percebe fazendo parte da comunidade LGBT. Contaremos aqui um pouco do que cada um e cada uma carrega em sua história e em sua trajetória pela vida e como foram se percebendo vivenciando sentimentos e desejos que não se enquadravam com os ditames da sociedade vigente. Os subtópicos são, respectivamente, **Cazuza: o azul da cor dos seus olhos e de sua força infinita, Avril: a felicidade do amarelo nas recordações da sua infância e no brilho do seu olhar, Katy: o lilás para aplacar o seu medo do mundo continuar a ser preconceituoso, Demétria: porque o azul turquesa traz a certeza de que sem medo já temos dignidade e honra e Alanis: sonhos lilases, realidades multicoloridas.**

No próximo momento comunico a metodologia utilizada para identificar as respostas para o problema e os objetivos deste estudo, definindo-o de **Quinta cor: travessias verdes no percurso da pesquisa.** Nestas “travessias verdes”, que se assemelharam a um caminho com árvores, sombras, flores e aromas de tão encantador que foi realizar as oficinas e aplicar os questionários para a produção dos dados, explico a metodologia escolhida que foi a pesquisa qualitativa, denominando o subtópico para falar dela de **Pesquisa qualitativa: porque a compreensão dos detalhes é essencial.** A inspiração para agregar artefatos da arte e buscar a pesquisa com outros elementos foi descrita no subtópico **Abordagem Sociopoética: porque o estranhamento dos/nos dados também é imprescindível** que trata da aproximação da abordagem Sociopoética com a pesquisa. Falo também do local pesquisado e no subtópico **O IFPI: pensar a partir do lugar onde ocupamos** explicito um pouco da história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). É o verde nos estimulando e dizendo

“vai embora” (ZIRALDO, 2005) e segue a pesquisa. No verdejante percurso foram realizadas oficinas com as/os jovens e as descrevo no subtópico **As oficinas: momentos de travessias, idas, retornos e escaladas**. Também fizeram parte deste percurso os diários de itinerância das/os jovens pesquisadas/os que falam sobre os sentimentos vividos por elas/es durante a pesquisa e são compartilhados no subtópico **Os diários de itinerâncias: o que o corpo sente as palavras refletem**. Algumas informações ainda precisaram ser mais explicitadas e, para isto, utilizei o questionário semiestruturado e chamamos de **Escritos: porque ainda foi preciso dizer algumas coisas**.

Depois de produzidos os dados, analisei os mesmos para buscar respostas às minhas inquietações cujas análises estão presentes no sexto momento desta dissertação denominado de **Sexta cor: o iluminar do amarelo na cartografia dos dados**. A cor amarela que traz “a imensa luz” (ZIRALDO, 2005) e brilho, dando ideia de conhecimento e elucidação. Eis o motivo da escolha desta cor para este momento. Dividi a análise de acordo como os encontros com as/os partícipes da pesquisa. No nosso primeiro encontro os dados analisados estão no subtópico **Primeira oficina: aproximações e descobertas iniciais rumo ao mergulho**. No segundo subtópico intitulado **Segunda oficina: intensidade no mergulho em busca da profundidade** refletimos sobre a análise dos dados do segundo encontro e para o questionário semiestruturado reservamos o terceiro e último subtópico que denominamos de **Questionário: à procura de vestígios não ditos**.

Para as considerações finais escolhi o azul da “paz” e da “lua” (ZIRALDO, 2005) para intitulá-lo, pois esta cor me remete ao céu e suas infinitudes e infinitudes de possibilidades de perguntas e respostas, como também a impressão de que aqui fiz uma reflexão e esta pode suscitar outras tantas. **Sétima cor: continuidades azuis para um novo recomeçar** vem com a pretensão e o desejo de não esgotar o tema.

## 1 PRIMEIRA COR: O VIOLETA COLORE MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA

Fotografia 2 – Máscara utilizada para a identificação de Alanis, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Mudei-me da casa dos eruditos e bati a porta ao sair. Por muito tempo, minha alma assentou-se faminta à sua mesa. Não sou como eles, treinados a buscar o conhecimento como especialistas em rachar fios de cabelo ao meio. Amo a liberdade. Amo o ar sobre a terra fresca. É melhor dormir em meio às vacas que em meio às suas etiquetas e respeitabilidades.

(Friedrich Nietzsche)

O cabelo pode falar muito do que somos, do que temos e do que pensamos. O cabelo também pode revelar nossos pensamentos, quaisquer que sejam. Pensamentos penteados que seguem as normas e as ordens e têm “dificuldade de incluir em suas reflexões tudo aquilo que escapa dela, que passa a ser pensado a partir de categorias e conceitos denegadores como [...] perversidade, desordem, inadequação, [...] desarrazoado, animalesco” e “sem a perspectiva de um fora, de um além, de um devir em relação às estruturas, aos códigos sociais e culturais em que vivem” e os pensamentos despenteados que subvertem, transpõem, chamam “a atenção para aqueles aspectos negligenciados ou que não têm lugar na arrumada teorização do cientista social” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 136). Sou despenteada, desarrumada, cabelo solto, cabeça cheia de histórias. Não me penteio fácil sou “um ser sem lugar, um ser sempre em fuga de espaços e tempos em que não encontra guarida ou conforto, um ser desterritorializado, nomádico, um batedor de calçadas, sempre em busca de um território, de construir um lugar para suas vivências” (ABREU, 2002, p. 143). Sou uma eterna construção despenteada que não perde tempo rachando fios de cabelo ao meio.

Perseguindo sempre a serenidade (difícil!) não me encaixo nas prateleiras das pessoas “puras”. Sei o quanto sou “desadequada” às normas vigentes da “moral e bons costumes” e me enquadrando bem no pensamento foucaultiano, não sou famosa, sou infame! Durante boa parte da minha vida fui privada de dialogar com a linguagem instituída pelas leis e normas que foram pensadas e “penteadas” para a sociedade heterossexual. Talvez possa expressar hoje sentimentos e ideias que outrora estavam no anonimato e/ou adormecidos, pois quem é infame sempre encontra uma forma de ser ouvida/o. Acredito que

O que resta então nessas vidas anônimas, que só se manifestam em choque com o poder, debatendo-se com ele, trocando com ele – palavras breves e estridentes – antes de voltar para a noite” – “a vida dos homens infames” – e ele dizia, que “deveríamos respeitá-los em função de sua infelicidade, sua raiva ou sua incerta loucura”. “Estranhamento, inverossimilhança: é essa infâmia, que ele próprio reivindica”. (DELEUZE, 1988, p. 102).

Assim, infame, comprometida com a vida e com as pessoas, convido-te a falar sobre mim, mas também faço um convite: tente se despentear...

Impossível iniciar o falar da minha vida sem me reportar à Chimamanda Adichie<sup>3</sup>, uma contadora de história nigeriana, que conheci através de um vídeo durante as aulas do mestrado, na disciplina Antropologia do Corpo e da Saúde, ministrada pelo Professor Doutor Francisco Júnior e pela Professora Doutora Shara Jane Adad. Foi um momento mágico ver aquela mulher falar serenamente de coisas tão duras e difíceis da sua vida e afirmar que temia ver sua história se transformar em uma história única. O perigo da história única! Bem, eu tenho medo que minha história se transforme em uma história única por isso quero contá-la, recontá-la, atravessá-la, perdê-la, encontrá-la e vivê-la!

Não me parece inédita a história de uma menina pobre que cresce sem pai e com uma mãe se desdobrando em mil pedaços para dar dignidade à sua família. O ineditismo talvez resida no fato dela não querer que sua história ficasse inerte. O movimento é o diferencial em nossas histórias. O movimento que imprimimos à nossa travessia é que nos difere das outras pessoas.

Chimamanda disse que os livros africanos a salvaram de ter uma história única e digo que a leitura também me salvou. Na adolescência, lembro-me de minha mãe dizendo que “leitura demais cansa a vista!”, e pedindo, quase em uma súplica, para que fizesse outra coisa além da leitura. Os livros da escola e as revistinhas em quadrinhos povoavam meu imaginário com seres que eu queria ser e situações que eu queria viver. Depois vieram os romances e comecei a me aproximar das leituras que me envolveram para um futuro compromisso com a academia. Asseguro que essa fase representou minha salvação, pois me mostrou quem realmente eu era e quem gostaria de ser adiante.

Na adolescência também fui percebendo que o pensar e o agir coletivo torna qualquer ação mais forte e seus resultados fazem uma infinidade de pessoas serem beneficiadas. Conheci os movimentos sociais através de grêmios estudantis, centros acadêmicos, diretórios acadêmicos, movimentos de mulheres e LGBT que me aproximaram mais de temáticas que antes sequer conhecia. Conheci o feminismo que me tornou uma mulher mais independente e empoderada e me percebi vivendo sentimentos que, muitas vezes confundiam e me libertavam, muitas vezes. A confusão residia em perceber que ensinamentos que me foram repassados pela minha família por toda uma vida não se enquadravam com o que eu realmente desejava ser. Dona de casa e esposa que cuida do lar enquanto o marido trabalhava não me parecia o melhor futuro

---

<sup>3</sup> Ver o vídeo da íntegra desta palestra em que Chimamanda Adichie fala do perigo da história única e está disponível em:< <http://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>.

para mim. Olhava mais adiante e via liberdade em poder trabalhar, ser professora, ter minha casa, não ser esposa de um homem e sim companheira de uma mulher. Esses pensamentos me povoavam e me faziam sentir empoderada e livre. Nesse momento não havia mais confusão e me enxergava como eu realmente gostaria de ver. Dito isso me reporto ao subtítulo que traz a escolha do lilás para minha vida, o lilás é a cor do feminismo, a cor das mulheres, a cor que vestimos para lutar, a cor da liberdade.

Aos poucos fui percebendo que pensar e agir assim representava estar próximo do pensamento feminista que luta pela igualdade de oportunidades entre os seres humanos e não a supremacia histórica masculina. O feminismo também me mostrou que eu podia escrever e ser dona da minha própria história. Esta dissertação carrega minha aproximação com estes pensamentos libertários. Assim, feminista, escrevo na primeira pessoa do singular, assumindo minha escrita e não deixando que falem por mim, pois sem identidade

[...] Não precisamos nem usar mais as palavras para dizer o que sentimos, basta comprar as palavras, porque do modo como estão parece que podem exprimir o que sentimos melhor do que nós. Há um grande buraco no meio das pessoas que lhes abafa a fala e absorve as vozes que vêm dos outros. Vivemos numa vida pobre, esvaziada de sentidos[...] (ADAD, 2011. p. 219).

Também me oponho a escrever de forma a promover a norma masculina como regra geral, inclusive usar a palavra “homem” para me referir à humanidade. Em todo o texto buscarei fazer os recortes necessários ou usar palavras que contemplem os dois gêneros – masculino e feminino (FURLANI, 2005). Ao longo do texto você se familiarizará com a “feminização da escrita” onde deixo nítida minha “insurreição contra o androcentrismo linguístico” (FREITAS *et al.*, 2012, p. 101). Assim, traduzo o que penso sobre igualdade de gênero e assevero que “o estilo, num grande escritor, é sempre também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência [...]” (DELEUZE, 1992, p. 126).

As leituras e as vivências por mim experienciadas com os estudos de gênero e sexualidade, reflexões sobre o feminismo e os estudos culturais me aproximavam cada vez mais das discussões acerca das homossexualidades e compreendi que tinha que fazer algo para direcionar a força impressa por esta temática dentro da minha vida. Compreendendo melhor que o afeto, o desejo e a vontade que explodiam dentro de mim se chamava lesbianidade e que muitas pessoas também viviam este sentimento, decidi compartilhar o que já havia apre(e)ndido, agregar mais conhecimentos e registrar toda



essa caminhada. Compreendi que a lesbianidade era uma “questão de existência” para além do sexo, era um devir, uma possibilidade de reinvenção de si não se tratando apenas de um *outing*<sup>4</sup> (FOUCAULT, 1994, p. 163-166).

Fui entendendo que minha “estadia” no mundo não deveria ser uma mera passagem. Era preciso tomar partido. Instalava-se em mim uma compreensão que era preciso fazer minha parte e contribuir para que o mundo fosse mais igualitário e menos (in) diferente. Era preciso interferir e para tanto, movimentar-me. Fui à luta mudar meus “arredores”, pois

Todos estão interferindo nos lugares que lhes são, por costume, destinados socialmente e, em consequência, “mudando a gramática da vida”, na medida em que transformam suas próprias vidas e incorporam essas mudanças às suas práticas e expectativas como militantes. (FACCHINI, 2005, p. 59).

Aproximei-me, então, do movimento LGBT e busquei colaborar, dentro das minhas possibilidades, para que essa temática não ficasse apenas na retórica das bocas e dos ditos.

Aqui no Piauí, precisamente no ano de 2004, adentrei mais profundamente nas discussões que aconteciam em torno das homossexualidades e através da Liga Brasileira de Lésbicas – LBL, uma organização da sociedade civil que agregava militantes lésbicas e mulheres bissexuais em todo o Brasil, e pude me envolver mais intimamente com esta temática e, enquanto o Brasil – reforço a inclusão do Piauí nessa assertiva –, discutia as homossexualidades dando uma ênfase maior a questões reservadas às especificidades masculinas, na contramão a LBL,

[...] enquanto instância de empoderamento e mobilização nacional e internacional de lésbicas foi criada por mulheres lésbicas, ou seja, por mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres e que ousaram e ousam politizar a sexualidade combatendo a heteronormatividade. Ou seja, mulheres que trazem a público a lesbianidade como uma das formas de orientação e expressão sexual e como identidade política. [...] a LBL, é uma expressão do movimento social, que se constitui como espaço autônomo e não institucional de articulação política, anti-racista, não lesbofóbica e não homofóbica, de articulação temática de lésbicas e bissexuais, pela garantia efetiva e cotidiana da livre orientação e expressão afetivo-sexual. (MESQUITA, 2007, p. 151-152).

Fui me constituindo militante LGBT e cada vez mais estava envolta com as questões dos movimentos sociais de uma forma geral. Percebia-me cada dia mais

---

<sup>4</sup> Termo em inglês usado para identificar a atitude de assumir publicamente a homossexualidade.

mergulhada neste universo das lutas e das sobrevivências. Universo este que, embora solidário, também riscava traços e linhas com pincéis talhados pelo patriarcado. Percebia que, mesmo estando no movimento LGBT ao lado de pessoas que também sofriam em seus corpos a homofobia cotidiana, ainda sim este movimento respirava ares de machismos. Alguns homens gays, por exemplo, reproduziam e ainda reproduzem práticas misóginas, racistas, machistas e patriarcais (MESQUITA, 2007, p. 149). Para enfrentar e tentar dizimar esse modelo se faz interessante ampliar nosso entendimento sobre ele e

É necessário, também, desmistificar a visão sobre patriarcado, muitas vezes tomado como algo ancestral e perdido no tempo, uma memória quase lendária, ou como algo que se exerce da mesma maneira, perenemente, a despeito dos contextos sociais e históricos. Portanto, ahistóricos [sic] [...]. Reconhecer a existência desse sistema de dominação, e fazer conhecer os mecanismos de sua reprodução em qualquer medida que isso aconteça é uma importante contribuição do feminismo para a democratização da vida social. Não levar em conta a questão do patriarcado coloca, por outro lado, um limite na concepção e nas estratégias de luta por igualdade. (ÁVILA, 2001, p. 32-33).

Lutando sempre por uma igualdade que, embora considere hoje mais comum, ainda não a vi consolidada, fui desenhando meu lugar e compreendendo que estava no caminho seguro e, assim, em 2007, saí temporariamente da dinâmica do movimento social para assumir um cargo de gestão no Governo Estadual do Piauí. Estava responsável pela articulação das políticas públicas para LGBT's com outros órgãos do Governo. Devo confessar que, mesmo considerando razoável minha contribuição, fiquei frustrada por não poder caminhar por onde pensava ser “o caminho das pedras amarelas de OZ” e encontrar as “saídas” para problemas históricos da população LGBT, como as violências, por exemplo. Fiquei neste Governo até meados de 2010.

Esta passagem pela “institucionalidade” também me trouxe muitos saberes e, à medida que mergulhava neste universo de saberes, também vi que muitas pessoas escreviam sobre o que lhes afetava, sobre o seu afeto e sobre o afeto das outras pessoas. Estes escritos estavam na academia. Descobri que a academia podia me guiar por este caminho e que os saberes produzidos neste percurso transformariam minha história e ela provavelmente não seria uma história única, pois me possibilitaria contá-la, falar das minhas angústias, minhas descobertas e, assim “colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento

aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer à razão razões para evoluir” (BACHELARD, 1996, p. 24).

Nesta perspectiva de evolução, vislumbrei no mestrado a possibilidade de agregar mais saberes e dividir o que acumulei nestes anos em que me percebia ora diferente por não entender sobre o meu amor e o meu desejo, ao mesmo tempo, me sentia igual por acreditar que merecia todos os direitos das pessoas heterossexuais de/para viver essa realidade na minha vida.

Outro motivo que me levou a pesquisar um tema que, em quase vinte e um anos de mestrado não havia sido tema principal de pesquisas em Educação na UFPI, apenas em recortes de algumas pesquisas, foi a escassez em nosso Estado de pesquisadoras/es, em nível de mestrado e doutorado, que se debrucem sobre esta temática que aflora e efervesce cada dia mais em nosso cotidiano. Nesse sentido, é preciso registrar a grande contribuição da Professora Doutora Maria do Carmo Alves do Bomfim, que com sua sensibilidade acolheu esta pesquisa e, de maneira intrépida e corajosa, contribui cotidianamente para que as suas pesquisas e inserção da temática da cultura de paz nas escolas alcancem também a população LGBT que lá está. Através do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Gênero, Educação e Cidadania (NEPEGECEI) e do Observatório das Juventudes, Cultura de Paz e Violência nas Escolas (OBJUVE) ela tem promovido ações cidadãs em favor de uma escola sem violência, sem sexismo, sem misoginia, sem homofobia e outras formas de preconceitos correlatas. Sobre NEPEGECEI, a cada dia mais compreendo que ele

Como célula viva [...] inspira-se numa UTOPIA: a de construir-se, ao mesmo tempo como possibilidade de socializar conhecimentos produzidos pelos/as docentes a ele agregados/as e como um espaço de estudo, de produção de conhecimento e de incentivo à formação de novos pesquisadores/as, no qual se exercite a prática democrática com a valorização dos saberes de cada integrante, a busca de novos conhecimentos, o espírito de acolhida humana e profissional, de pluralidade cultural e de solidariedade entre seus integrantes, e no qual, cada um, iniciando ou com percursos mais longos no campo da pesquisa, possa ter igualdade de oportunidades para prosseguir no seu caminhar! (BOMFIM *et al.*, 2010, p. 19-20).

Guiada por Bomfim, entendia que era preciso pesquisar mais sobre as homossexualidades para entender mais e, assim, contribuir com os meus escritos, por exemplo, para minimizar sofrimentos das pessoas que vivenciam as homossexualidades no campo da clandestinidade temendo práticas de intolerâncias em seus círculos sociais,

como já foi constatado em outros estudos piauienses como os de Sá (2005); Gontijo (2005, 2006, 2008 2012).

Lembrando acontecimentos na minha vida, certa vez uma amiga querida escreveu que sou uma mulher de múltiplos tempos e isso me levou a pensar em todos os silêncios, gritos e ruídos dos meus tempos e nas tempestades e calmarias que vi e vivi. Abrindo ferrolhos na minha travessia pela vida, percebo uma similitude entre mim e Chimamanda, em que constato:

Todas estas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir apenas nestas histórias negativas é planar a minha experiência, e esquecer tantas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é eles serem mentira, mas eles serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. (ADICHIE, 2012).

Apesar de entender que minhas histórias não são negativas, porém em alguns momentos sofria por compreender que talvez as pessoas que eu amava pudessem me abandonar em algum momento da vida. Esse medo de me perder dança comigo vez ou outra, passos mais lentos, porém, de forma abrupta, ousou mudar o ritmo de uma maneira que me vejo deslizando para outra coreografia aonde vou percebendo tudo ao meu redor e considerando cheiros, gostos, trajetórias, perdas, ganhos e territórios. Territórios estes que são lugares onde me encontro para apre(e)nder saberes e me perco para me achar e apre(e)nder novamente muito mais. Assim, mais uma vez eu e Chimamanda nos encontramos e dizemos dos nossos lugares e os lugares de outras pessoas e compartilhamos que

Sempre senti que é impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem me relacionar com todas as histórias desse lugar ou pessoa. A consequência da história única é isto: rouba as pessoas da sua dignidade. Torna o reconhecimento da nossa humanidade partilhada difícil. Enfatiza o quanto somos diferentes em vez do quanto somos semelhantes. (ADICHIE, 2012).

É assim que sinto o futuro se aproximar. Sinto que escrever sobre quem somos, o que queremos, o que sentimos promovem transformações em nosso viver e na vida de uma forma geral. No enalço de Cixous (1995) acredito que

[...] escrever é precisamente a real possibilidade de mudança. O espaço que pode servir de trampolim para o pensamento subversivo, o movimento precursor das transformações das estruturas sociais e culturais... As mulheres aponderando-se da oportunidade de falar e, em consequência, sua

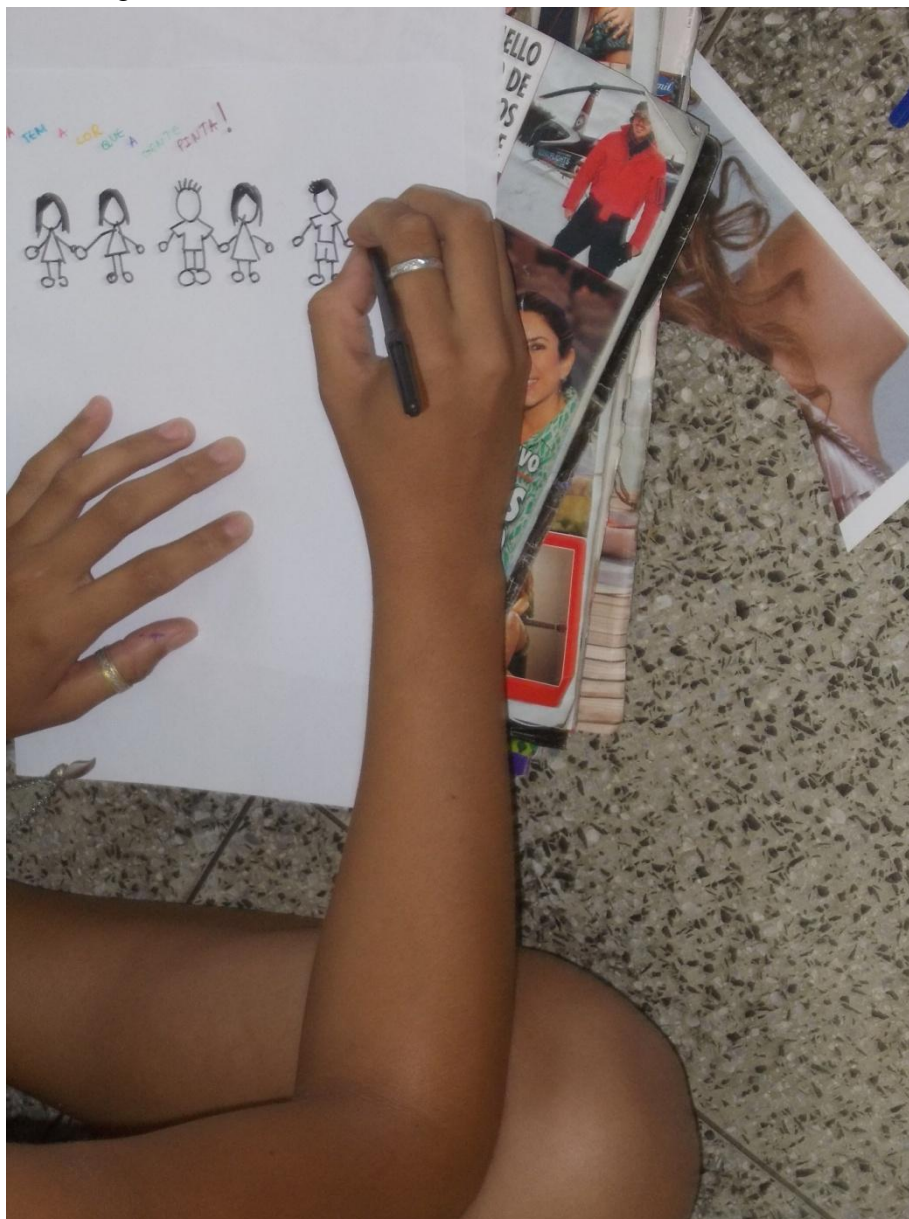
revolucionária entrada na história. [...] escreva sobre você mesma, seu corpo precisa ser ouvido... Escrever. Um ato que [...] lhe devolverá seus bens, seus prazeres, seus órgãos, seus imensos territórios corporais que foram mantidos lacrados. (CIXOUS, 1995, p. 350-351).

Escrever para desvelar os meus territórios, sentidos, desejos e escritos foram importantes para alcançar mais longe e os escritos da academia têm contribuído neste processo. Escrever sobre as homossexualidades e seus desdobramentos em minha vida, na escola, na vida das outras pessoas tem sido uma boa (re)descoberta para mim, como vocês leitoras e leitores poderão constatar nos capítulos adiante. O próximo capítulo, por exemplo, traz aproximações sobre as homossexualidades, com olhares iniciais e algumas reflexões sobre a escola a possibilidade dessa temática ser efetivamente discutida e assumida na e pela escola e, assim, promover uma ambiência escolar plural e com mais respeito.

Essa mudança, a partir de nós, de conceitos na escola a respeito de vários temas e a tomada de consciência e responsabilidade sobre ela, nossas vidas e tudo que lhes rodeia faz com que possamos ser alguém bem melhor. É assim que espero contribuir com a minha escrita e fazer a minha própria história, cuidando para que ela não seja uma história única.

## 2 SEGUNDA COR: OS ANIS QUE PINTAM E PROBLEMATIZAM AS HOMOSSEXUALIDADES

Fotografia 3 – Avril construindo seu memorial, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria e que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisesse ter. Que nada, minha porção mulher, que até então se resguardara, é a porção melhor que trago em mim agora, é que me faz viver.

(Gilberto Gil)

O que realmente nos faz viver? Desejos, afetos, projetos, ações individuais e coletivas, amores, verdades, incertezas, buscas, perdas, “outras tantas”, “tantos outros”... Quem realmente (sobre)vive em nosso mundo? Nossas porções mulheres/homens devem permanecer resguardadas? Parece que, à nossa revelia, sim. Nossos direitos ainda não estão garantidos em sua integralidade, embora expressos nas leis, pelo menos para as populações que se encontram imersas em situações de vulnerabilidade social e estão presentes nos grupos subrepresentados, como as/os LGBT's, exemplo.

O desrespeito aos Direitos Humanos na contemporaneidade se configura em múltiplas formas e, para exemplificar essa afirmação, vemos cotidianamente situações que demonstram esse desrespeito aos direitos individuais. Um exemplo desse desrespeito é a Homofobia, ou seja, a intolerância às homossexualidades que se revelam em desenhos de atitudes que ferem nossa dignidade e os direitos humanos e conspiram contra a vida, a cultura de paz, a tolerância e alimentam todas as formas de discriminação (BRASIL, 2001).

O artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz que “toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião pública ou de qualquer natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição” (BRASIL, 2001, p. 36). Infelizmente esse não é o cenário no qual a população LGBT brasileira se encontra inserida. Os direitos garantidos as pessoas heterossexuais não alcançam esta população que ainda estão distantes da realidade de inclusão social plena. Acredito que, uma das alternativas para reverter essa situação de desigualdade, seria repensarmos nossas atitudes e revermos nossos conceitos para assim, possivelmente, ainda ver uma sociedade mais justa e igual em oportunidades e direitos.

O monge budista, Lama Michel, aponta um caminho para o encontro com o respeito aos nossos direitos. Ele nos guia ao dizer que

Reconhecendo-se no próximo, interagiremos, cada um de nós, com tudo e com todos de uma forma pacífica e altruística. Eliminaremos a violência de nossa mente e ações, contribuindo para realizar uma Cultura de Paz, a única na qual é possível realizar o respeito pelos Direitos Humanos. (BRASIL, 2001, p. 38).

Esse respeito aos direitos tão alardeados e desejados por mim e por muitas/os alijadas/os deles é dever do Estado. Não podemos emudecer, temos que lutar por essa garantia seja com manifestações públicas, escritos, palestras e outras formas de publicização da nossa indignação. Especialmente quem faz parte da população LGBT e vê, cotidianamente, demonstrações nítidas de exclusão, desprezo, intolerâncias e outras formas de preconceitos correlatos. Possivelmente reside no desconhecimento de muitas pessoas a raiz da violência contra homossexuais, ou seja, “a discriminação assenta-se no solo fértil do preconceito, com base, por sua vez, sobretudo na ignorância” (BRASIL, 2007, p. 88). Os tópicos a seguir vêm com o desejo de contribuir na desconstrução<sup>5</sup> dos olhares equivocados acerca das homossexualidades e contribuir na discussão de que na escola é possível a relação entre essa nuance da sexualidade e a educação.

## 2.1 Sobre homossexualidades e LGBT's: olhares iniciais

Há muito nossa sociedade busca motivos que justifiquem a homossexualidade das pessoas. É cada dia mais possível ver a homossexualidade sendo “biologizada” para em seguida ser “patologizada” e, assim, ser “curada”. As curas são propostas desde as intervenções psicológicas, passando pelas psiquiátricas até as de cunho religiosos. Embora alguns setores do movimento LGBT ainda realcem o seu caráter biológico “é necessário reter que há razões éticas (e morais) suficientemente sólidas para se exigir o devido reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, sem que seja necessário lançar mão de argumentos de ordem naturalizante” (JUNQUEIRA, 2007, p. 150).

Segundo Foucault (2001, p. 233), os/as homossexuais que antes, no mundo antigo, eram vistas/os como libertinas/os, podendo ser punidos/as com a morte e fogo, também eram tidas/os como loucas/os, mais uma vez reafirmando a patologização das homossexualidades. Há muito se procura a “causa” da homossexualidade e

Concernente à etiologia, deve-se observar que as “causas” da homossexualidade somente constituem um problema importante para as sociedades que consideram os gays como indivíduos estranhos e anômalos. A

---

<sup>5</sup> Sobre desconstrução, termo inventado pelo filósofo francês Jacques Derrida (1930- 2004), pode-se afirmar que seria uma aproximação de buscar perturbar, transgredir, desestabilizar e subverter a lógica de poder que estabelece aquela “verdade” como inquestionável e merecedora de *status*, de prestígio, de hegemonia, como amplamente é discutido em YAMASHIRO, Setu-Co. 2004. Desconstrução. A crítica que se pretende literatura. *Revista Ângulo*. Disponível em [http://angulo.fatea.br/angulo88\\_artigo04.htm](http://angulo.fatea.br/angulo88_artigo04.htm). Acesso em 29 de junho de 2012.



maioria das pessoas não se pergunta pelas “causas” das características estatisticamente ordinárias, como o desejo heterossexual ou o uso da mão direita; somente procuram “causas” de atributos pessoais que se supõem à margem dos padrões ordinários da vida. No mundo antigo, eram muito poucos aqueles que consideravam rara ou anormal a conduta homossexual, os comentários sobre sua etiologia são muito escassos. (BOSWELL, 1998, p. 73).

Nem sempre as homossexualidades estiveram no campo da biologia e da saúde, interpretada como doença. Na antiguidade as práticas homoeróticas eram comuns e não geravam as intolerâncias que hoje carregam. Na Grécia, por volta de 150 anos d.C., era “formidável” e parecia de bom prognóstico um sonho no qual o sonhador era um ser “ativo” com seu escravo, independente do sexo, bem como um rapaz mais jovem e pobre, da mesma forma seria bom ser “passivo” com alguém mais velho e rico. A homossexualidade, inclusive, era incentivada, sendo também treinada como disciplina militar em Esparta, China e Roma (VIEIRA JÚNIOR, 2007).

Mudanças nas relações homossexuais ocorreriam com a intervenção de religiões monoteístas que cresciam. O judaísmo, por exemplo, prega que “a importância à pureza do ritual e à propagação étnica” trazendo arraigada em seus preceitos recados expressos de intolerâncias a outras nuances do sexo senão a procriação, castigando quem desviasse essa norma e a consolidação dessa intolerância se deu com a consolidação do cristianismo. É importante definir que não foi apenas essa consolidação a responsável por tais situações de desrespeitos às pessoas LGBT’s (VIEIRA JÚNIOR, 2007).

A história nos mostra que as homossexualidades viveram momentos de aceitação e negação. Ressalvo que a aceitação também fora de forma comedida. As manifestações de intolerâncias à sexualidade que desviasse da norma fêmea/ macho ou mulher/ homem, instituída pelas sociedades, fatalmente seriam castigadas ou levadas à morte por muitas vezes. Algumas pessoas inclusive foram mortas nas fogueiras, forcas e prisões apenas por não se enquadrarem nestas normas e, não necessariamente, eram homossexuais.

Homens eram chamados de sodomitas e perseguidos sob a acusação de não contribuir para a procriação, o que representava um grave delito. A sodomia assumia sentidos para explicarem/justificarem práticas de repressão ao sexo ou manifestações mais íntimas de afeto entre os que a praticavam. Esse sentido era visto com triplos significados que

Em seu sentido próprio era um dos pecados mais graves de luxúria, sem que o sexo dos atores importasse para o caso; em seu sentido mais geral vinha a ser sinônimo de toda a forma de sexualidade reputada como contrária à natureza, incluída a bestialidade; em seu terceiro significado, por fim, designava a penetração anal entre homens. (CARRASCO *apud* GUASH, 2000, p. 40).

Na literatura, quando se fala de homossexualidades pouco são citadas as relações afetivo-sexuais entre mulheres, acredito ser fruto da invisibilidade histórica que a nós, mulheres, foi imposta em vários aspectos. Sobre a invisibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais, pude observar que

[...] a homossexualidade feminina é quase totalmente ignorada, possivelmente como aponta o pesquisador norte-americano Vern Bullough, como consequência do preconceito amplamente difundido que sustenta que qualquer tipo de atividade sexual precisa da participação de um pênis, pelo que um envolvimento sexual entre duas mulheres nem sequer é considerado possível; é negado. Isto, no fundo, não deixa de ser uma atitude altamente repressiva e sexista, quer entre aqueles povos que toleram a homossexualidade masculina, quer entre aqueles que a condenam. (MAZIN; BRUSCHINI, 2002, p. 76).

O movimento feminista, como também outros tantos movimentos sociais organizados, contribuiu muito para que as questões relativas à sexualidade das mulheres fossem desmistificadas, inclusive no território das homossexualidades, onde as mulheres lésbicas e bissexuais puderam vivenciar de forma mais espontânea seus desejos e afetos. Essa vivência nos mostrou também outras possibilidades de pensar as homossexualidades que não pelo viés da patologia ou perversão. A sexualidade e, por conseguinte, a homossexualidade começou a ser pensada considerando-a como um construto complexo que relaciona fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, étnicos, religiosos, políticos e geográficos, reforçando a dimensão social e afastando-se da noção de natureza pré-linguística reforçadas, ainda, pelo senso comum nas sociedades (PRADO; MACHADO, 2008).

No Brasil, as práticas sexuais ditas não convencionais datam ainda da época do império, segundo estudiosas/os e documentos históricos (MOTT, 2006, p. 11). O Piauí tem em seus registros que em 1758, duas escravas, uma negra de nome Josefa Linda e outra índia que se chamava Custódia de Abreu, protagonizavam em plena inquisição, relação afetivo-sexual, sob o pretexto de realizar rituais de magia e de feitiçaria. Foram interrogadas pelos inquisidores sob acusação de atos sexuais entre ambas. Confessaram os atos sexuais e, inacreditavelmente, foram absolvidas e “nada aconteceu contra essas pioneiras da homossexualidade feminina no sertão piauiense” (MOTT, 2006, p. 11).

O avanço nas discussões sobre as homossexualidades puderam realmente ser sentidos na metade do século XIX e início do século XX. Estados Unidos e Europa protagonizaram as primeiras manifestações populares em favor dos direitos das pessoas LGBT's e nos apresentaram as primeiras organizações da sociedade civil. Um episódio ficou marcado na história da população LGBT mundial. Em 1968, dia 28 de junho, na cidade de Nova Iorque dos Estados Unidos, um grupo de LGBT's que iam assiduamente ao bar Stonewall Inn, cansadas/os de apanhar quase que diariamente da polícia local resolve se insurgir contra os maus tratos. Convocam um grande número de pessoas frequentadoras/es do bar e revidaram a agressão policial por várias semanas. A polícia estadunidense, acuada, foge e este dia fica marcado como o dia do orgulho *gay* e Stonewall ficou reconhecido como marco do surgimento do moderno movimento homossexual que depois viria a se internacionalizar (FACCHINI, 2005).

Considerando a organização social desta população, as organizações da sociedade civil que agrega os/as LGBT's iniciaram no fim da década de 1970 e ficaram mais fortes com o surgimento, carregado de estigmas, e avanço da epidemia da AIDS<sup>6</sup> em meados de 1980. Uma das primeiras populações infectadas com o vírus HIV<sup>7</sup> foram homens *gays* e

[...] a polifonia de discursos pouco informados e carregados de valores contraditórios provocou a associação direta e fatal entre AIDS, homossexualidades e morte, aspectos provocadores de atitudes violentas, física ou simbolicamente, em relação à comunidade homossexual, em todo o mundo. (ARAÚJO, 2007, p. 160).

A partir daí esse movimento ganhou força quando as políticas públicas de enfrentamento a esta epidemia incluiu e reconheceu esta população nas ações efetivas. Muitos grupos surgiram na defesa dos direitos humanos LGBT's e, especialmente, trazendo a discussão do HIV/AIDS para esta população. Impensável, talvez, acreditar que uma enfermidade foi capaz de, posit(HIV)amente, agregar muitas pessoas em torno da minimização de seu alastrar fulminante. As pessoas se voltaram para a piedade disfarçada de solidariedade, mas também desencadeou bons sentimentos adormecidos e/ou desconhecidos, pois “essa ameaça criou novas cumplicidades, novas ternuras,

---

<sup>6</sup> Sigla que identifica a patologia Acquired Immune Deficiency Syndrome e que na tradução em português podemos interpretar como: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

<sup>7</sup> Sigla que identifica o Human Immunodeficiency Vírus que na tradução em português podemos interpretar como: Vírus da Imunodeficiência Humana. Esse vírus pertence à classe dos retrovírus e é o causador da AIDS.

novas solidariedades” e “dantes nunca trocávamos uma palavra, agora falamos uns com os outros” (GUIBERT, 1993, p. 27).

Seguindo as trilhas do que acontecia em boa parte do Brasil que cada dia mais buscava o protagonismo, o reconhecimento e o respeito, o Piauí, no final da década de 1980, ensaiou uma “tentativa fracassada de fazer valer o conceito ainda tímido de diversidade sexual” (MORAIS, 2007, p. 139) e se organizava enquanto sociedade civil no Estado para o enfrentamento às práticas discriminatórias em virtude de orientação sexual. Nascia o Grupo *Free*. Ele não perdurou até nossos dias, porém teve significativa importância enquanto primeiro a pautar a temática das homossexualidades nesta terra de “cabra macho sim, Senhor!”. O Grupo *Free* tentava iniciar uma discussão em nosso Estado na expectativa de

[...] solidificar um movimento capaz de se posicionar na sociedade piauiense, com características próprias, no sentido de libertar a homossexualidade do viés patológico ou moralista, como também promover e disseminar a ideia de que não era mais tolerável vivermos nossa sexualidade de maneira policiada e marginalizada. (MORAIS, 2007, p. 140).

Sua participação fora e dentro do nosso Estado pode ser percebida, mesmo que de forma discreta, inclusive em eventos nacionais direcionados a tratar de temáticas voltadas para a população LGBT, como o IV Encontro Brasileiro de Homossexuais, em 1990, em Aracaju (SE), onde participou com outros cinco grupos da construção de estratégias de enfrentamento à epidemia de HIV/AIDS no segmento e denúncia de assassinatos de LGBT's, por exemplo (FACCHINI, 2005, p. 120).

Depois dele outros grupos vieram e foram, começaram e não terminaram, alguns se efetivaram e outros ainda tentam, porém o Grupo *Free*, por ter sido o intrépido, o pioneiro, o desbravador fica marcado na memória e uma de suas fundadoras afirma que ele

[...] foi precursor de todas essas bandeiras que atualmente estão em voga, e que, no final da década de 80, era algo que provocava mal-estar, quando não, risos desconfortáveis, entre pessoas ainda despreparadas para entender, de forma madura e sensata, o sentido da identidade sexual dos grupos sociais mais marginalizados em nossa história [...] Fomos capazes de proferir ideias sobre a sexualidade, considerando-a como uma energia de comunicação – como um vínculo entre os seres humanos. Esse vínculo vai além do coito. Tais seres estão implicados em afinidades variadas e variáveis. São afinidades que comprometem, de maneira positiva ou negativa, o desenvolvimento das pessoas. Comprometem, também, a auto-estima dos indivíduos, dependendo da forma como eles se valorizam e se aceitam, e de como se relacionam, são vistos e valorizados pelos outros. (MORAIS, 2007, p. 145).

A contribuição destes grupos organizados para o enfrentamento dos processos excludentes enfrentados pelas pessoas da comunidade LGBT foi bastante significativa mesmo quando se trata de mazelas como HIV/AIDS. E, assim como a epidemia de HIV/AIDS foi importante elemento desencadeador de discussões acerca das homossexualidades, outras temáticas fortaleceram mais a discussão sobre o “amor que não ousa dizer o nome”, como a *Queer Theory* ou Teoria *Queer* que nos traz a mensagem para a subversão ou rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e/ou amoroso entre as pessoas. *Queer*, traduzindo para o português de forma literal, equivale a estranho, esquisito, efeminado, bicha, ridículo, excêntrico, é semanticamente subvertido para designar um movimento que irá nos afirmar tanto os direitos das diferentes orientações sexuais como também abolir um pensamento que aprisiona a outra pessoa em modelos únicos e imutáveis (ALCOBA, 2005). O uso dessas palavras e expressões no sentido torpe e, por vezes, desqualificador do ser humano,

[...] veio a ser considerado apropriado e conduzido ao posto de “convertido” como forma de “elogio” a uma condição de sexualidade “estranha” à norma, diferente do natural, enfim, como marca do que constitui a sexualidade humana: algo estranho.

De xingamento, o termo ganha, na década de 1990, contornos de movimento que envolve construções teóricas e engajamento político, sobretudo afirmação de uma identidade pós-identitária. (BUTLER, 1999; SEIDMAN, 1995).

O movimento, a teoria e a política *queer* guardam alguns fluxos de influência da desconstrução psicanalítica acerca da sexualidade, da identidade e da própria heteronormatividade, além de uma forte influência do pós-estruturalismo francês de Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Jacques Lacan, Louis Althusser, Michel Foucault, Roland Barthes e outros que propõem uma leitura crítica do social como texto a ser constantemente relido e evocador de novas práticas e políticas. (LIZARDO DE ASSIS, 2011, p. 149).

Para Louro (2004), o termo *queer*, com toda a sua carga de estranheza e de deboche, é defendido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para assumir e caracterizar sua perspectiva de oposição e contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a heteronormatividade – **venha de onde vier**<sup>8</sup>.

Essa discussão está fortemente presente na academia e nos dá mais elementos para reflexão quando deixa nítido que

---

<sup>8</sup> Grifo meu.

Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade, mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Assim, a teoria *queer* se arvora como porta-voz de travestis, transexuais, bissexuais, hermafroditas, entre outros, não deixando por menos de eleger, como seus próprios inimigos, os próprios gays e lésbicas. (LOURO, 2004, p. 45).

Partilhando da reflexão de Louro (2004) e de Vieira Júnior (2007), percebo que subverter discursos, reconhecer pluralidades, festejar as diferenças e redimensionar semanticamente ultrapassados e antigos conceitos pejorativos parece ser a estratégia cultural adotada por grupos e por pessoas para se edificarem como cidadãos e cidadãs, que, em função de suas preferências, desejos ou aparências, historicamente, foram obrigadas/os ao silêncio e a invisibilidade.

## **2.2 Escola e homossexualidades: uma relação possível**

A sexualidade no universo escolar tem sido um tópico polêmico e até ignorado por falta de informações específicas precisas o que, muitas vezes, incorre na ausência do debate. Este universo escolar a que nos referimos precisa colocar mais fortemente em suas prioridades a discussão a cerca das homossexualidades, considerando também a multiplicidade de visões, crenças e valores das/os diversas/os atrizes e atores sociais – alunas/os, mães, pais, professoras/es e gestoras/es, entre outras/os, assim como tabus e interditos relacionados. Quando se trata de um viés diversificado de manifestação afetiva, que diz respeito à homossexualidade, certamente a questão se torna mais delicada ainda.

A iniciação sexual no mundo está ocorrendo cada vez mais cedo, e concorrentemente, as opiniões e manifestações a este respeito ocorrem, via de regra, sob o ponto de vista moralista. Neste contexto, o caráter da sexualidade envolve ditames sociológicos, psicológicos, filosóficos dentre outros, compreendendo a convivência com a outra pessoa mais próxima e as respectivas inserções dos padrões culturais, que por natureza, são bastante amplos

[...] a cultura delimita alguns percursos identitários para diferentes grupos. E o jovem, gregário por definição, encontra e constrói novos papéis por meio da socialização com seus pares, exercendo, pela sexualidade, uma forma preponderante de sociabilidade e de construção da identidade. A identidade se vai delineando e se redefinindo em processos dialéticos, em vários

encontros com o outro, principalmente quando são confrontados valores, crenças e emoções. (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 69).<sup>9</sup>

A nossa sexualidade resulta do entrelaçamento de quatro pilares, os quais determinam sua estrutura, forma e ação, aspectos biológicos, identidade sexual, papel sexual e orientação sexual, sendo o último, o único elemento que se altera entre heterossexuais e LGBT's e é o direcionamento do desejo sexual manifesto por uma pessoa, que pode ter como parceira, pessoa do mesmo sexo (homossexual) ou do outro (heterossexual), ou de ambos os sexos (bissexual) – que cada jovem traz consigo evidencia várias características, correspondentes a uma construção social permeada por práticas, desejos, afetos, sonhos, costumes, diversidades, concepção de mundo e condutas idealizadas (BALEEIRO *et al.*, 1999, p. 73).

As expressões da sexualidade são tão variadas quanto às opiniões sobre um determinado filme, certa obra de arte, ou até uma comida. Daí surgirem posicionamentos que respeitam tais diversidades e outros que são intolerantes, ambos em múltiplas formas. A intolerância com que o mundo lida com as diversidades sexuais é diretamente proporcional à forma que lidamos com nossos desejos, que é construída histórica e culturalmente. Isto é, são atitudes e pensamentos apre(e)ndidos, por isso podem permanecer ou serem modificados na construção de mudanças nos vários contextos sociais, inclusive no espaço escolar, quando são enfrentados os conflitos. Uma sociedade que enfrenta conflitos dessa natureza é aquela que respeita e abraça a(s) diversidade(s) permitindo a todas/os viverem em igualdade de cidadania.

Visando a construção de outra ambiência escolar, com respeito às identidades, várias ações têm sido formuladas e colocadas em prática através de políticas públicas organizadas pelo Estado. Ao mesmo tempo, também Organizações Não Governamentais e grupos de profissionais, numa perspectiva transdisciplinar, praticam a cultura de paz na escola, concretizando mediações de conflitos e melhorando as convivências escolares.<sup>10</sup> São iniciativas que se apresentam como ações afirmativas que

---

<sup>9</sup> Ver mais detalhadamente a este respeito na publicação de ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. p. 69.

<sup>10</sup> São exemplos: a experiência Escola-Comunidade desenvolvida pela SEDUC/PI e o projeto Escola Aberta/Escola da Gente executado pela SEMEC/Teresina-PI, ambas nos finais de semana, envolvendo crianças e jovens das mais diversas orientações sexuais. Em Teresina-PI e Fortaleza-CE algumas ações com o mesmo intuito são desenvolvidas no cotidiano escolar através de diversas modalidades de dança, práticas terapêuticas, reiki dentre outras.

têm colocado em pauta a discussão acerca da discriminação para com o segmento LGBT's e pessoas com outras diferenças no espaço escolar.

A homofobia é uma manifestação preconceituosa e discriminatória que, no geral, considera as pessoas LGBT's como inferiores e anormais. Atitude que não condiz com os preceitos contemporâneos dos direitos humanos, que deve ser enfrentada no interior dos vários espaços de sociabilidade, principalmente nas escolas, que são agências criadas pela humanidade para formar corpos e mentes. A própria Declaração Universal dos Direitos Humanos traz em seus artigos 2º, comentado anteriormente, e 7º, prescrições de que esses direitos devem ser garantidos para todos os seres humanos, em especial, o último artigo, que trata das questões relativas à sexualidade e orientação sexual, pois “Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. [...] a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação” (BRASIL, 2001, p. 84). Sobre violações desse artigo,

[...] frequentemente vemos nos meios de comunicação, em rodas de amigos e em diversas situações sociais, homossexuais, serem menosprezados e ridicularizados. Esse tipo de atitude precisa ser superada, pois a intimidade de cada pessoa é assunto de cada um, [...], e é direito fundamental a liberdade de expressão sexual. (BRASIL, 2001, p. 91).

Considerando que, no atual contexto histórico, são produzidos conhecimentos científicos e difundidos tanto pelo Estado quanto pela Sociedade Civil Organizada, sob a ótica das diversidades, pluralidades, respeito às diferenças, e sensibilidade em relação a gênero e orientação sexual. Face a tudo isso reafirmo como problema de pesquisa, já mencionado na Introdução: *Quais práticas homofóbicas estão presentes no cotidiano escolar contra jovens LGBT's (mulheres e homens) estudantes do ensino médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí – IFPI – Campus Zona Sul?*

Pensando em todas as diferenças que povoam a escola e nos indivíduos que a compõem é que afirmamos a urgência de se pensar o espaço escolar de uma forma ampla, observando todos os elementos que fazem parte do processo escolar. Os indivíduos são as figuras mais importantes deste processo e, ousado dizer que, as/os discentes são os elementos fundamentais desta dinâmica. O processo de se sentir indivíduo surge, dentre outras coisas, a partir da sensibilidade de diferentes falas, discursos, imaginário e práticas. Em uma dinâmica de relações consigo mesma/o e com



outras pessoas, a sexualidade ou orientação sexual, vai se processando e demarcando trajetórias.

A iniciação ou percepção da sexualidade é um forte rito na vida dos indivíduos e da coletividade, pois é normatizada de acordo com parâmetros sobre a juventude, ciclo privilegiado na simbologia do consumo, mitificada por meio da valorização do corpo e da saúde perfeita. (VIANNA, 1992, p. 27).

Tendo em vista estas conjecturas, o papel da escola e das/os profissionais da área da educação é de fundamental importância no enfrentamento das formas de produção do sofrimento psíquico e social dos/as jovens não heterossexuais, sobre as/os quais, a carga discriminatória e os padrões normativos acabam por desencadear atitudes desrespeitosas, posto que, observo que a grande maioria das pessoas compreende que a homossexualidade está vinculada ao erotismo, exotismo e perversão, portanto, é também função da escola, dar atenção ao papel social desses grupos, pois antes da orientação sexual, que é inerente a cada pessoa, devem-se considerar as visões e posições das/os LGBT's, enquanto sujeitos políticos, e, portanto, merecedoras/es de reconhecimento e respeito.

A homofobia é cotidiana nas escolas, nas ruas, nas famílias e nos círculos sociais e é responsável por altos índices de desistência escolar, resultantes de perseguições, discriminações e marginalização que a população LGBT sofre no cotidiano, simplesmente por praticarem “o amor que não ousa dizer o nome”, principalmente as/os travestis, que exteriorizam e rompem com a dicotomia de gênero<sup>11</sup>. Travestis e transexuais, inclusive, são os sujeitos da população LGBT que mais sofrem as consequências da violência contra LGBT's na escola, pois

Quando começa a manifestação da sexualidade das travestis e transexuais, que diverge daquelas padronizadas dentro da heteronormatividade – e, portanto, convencionalmente aceita –, a consequência é a discriminação, seguida, de modo geral, da expulsão do ambiente familiar, da rejeição pelas (os) colegas, da evasão escolar, etc. Tudo isso desemboca na falta de qualificação para um mercado de trabalho, a cada dia, mais exigente. (ARAÚJO; BRANDÃO, 2009, p. 167).

Diante disso as/os travestis e transexuais são “alijadas de muitos processos de inclusão e, quase sempre sem alternativas, além de desconhecerem seus verdadeiros direitos, sofrem por não terem condições de acesso ao trabalho” (ARAÚJO;

---

<sup>11</sup> Para uma visão mais detalhada sobre travestilidades e transexualidades vide BENTO (2004), (2005), (2006), (2008) e (2011).

BRANDÃO, 2009, p. 168). Trabalho esse que cada dia exige mais qualificação profissional que são oferecidas pelas escolas técnicas e universidades, lugares onde esses sujeitos estão em números insignificantes. O que lhes resta, então? As profissões tidas pela nossa sociedade como pouco promissoras, pouco rentáveis ou direcionadas explicitamente “para sua natureza” como maquiadora, cabeleireira e o exercício da prostituição, por exemplo, referindo-me aqui a travestis e transexuais femininas. Essa mesma sociedade enxerga a prostituição como uma situação de “declínio social, decrepitude e a escória humana” (ARAÚJO; BRANDÃO, 2009, p. 168). O que não se deve perder de vista é que existe uma parcela desses sujeitos que “o fazem por autonomia corporal, desejo e prazer de se prostituir, e não, necessariamente, por sobrevivência” (ARAÚJO; BRANDÃO, 2009, p. 168).

O trabalho e as formas de sobrevivência humana são elementos abordados na escola e, refletindo sobre a escola que ainda não conseguiu (con)viver com as diversidades e, nesse bojo, com as homossexualidades e suas nuances, atrevo-me a dizer que urge uma mudança em suas práticas pedagógicas. Para diagnosticar esse cenário, a UNESCO realizou, em 2002, uma pesquisa com professoras/es brasileiras/os e os resultados são os mais desanimadores possíveis. Dentre os resultados alarmantes podemos citar que 59,7% das/os docentes entrevistadas/os considera inadmissível que uma pessoa possa ter relações afetivo-sexuais com outra do mesmo sexo (UNESCO, 2004, p. 144). Já dissera certa vez o famoso cineasta italiano, Pier Paolo Pasolini, que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos da sociedade pós-industrial.

Uma pesquisa que busca permear os sentidos e as simbologias que fazem as/os jovens pensarem sobre o “fenômeno” da homofobia manifestada por outras pessoas em relação a elas/es, em relação aos seus pares ou iguais, parece inovadora e de grande relevância acadêmica, quando auxilia na construção de um território escolar marcado pelo respeito às diversidades. Compreendendo que nesta faixa etária, estes sujeitos sociais são tidos como vulneráveis e, por sua vez, influenciáveis, a proposta se justifica pela necessidade de se analisar, na perspectiva pedagógica, os tipos de pensamentos que estas/es alunas/os absorvem, quais recursos e métodos a sua escola adota para colocar em pauta a interdisciplinaridade e qual modelo de cidadã/cidadão está sendo projetado ou idealizado por essa instituição.

Uma vez que estamos vivendo o momento mais enfático da inclusão no ensino escolar com o advento da Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº 9394/96, em seu Art. 3º que trata de princípios como “igualdade de condições para o acesso e permanência na

escola” e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN no volume 10 que trata da pluralidade cultural e orientação sexual, na qual os *gays*, lésbicas, travestis, bissexuais, transgêneros e transexuais, enquanto sujeitos de direitos, têm a garantia de vivenciar e/ou conviver com uma prática pedagógica, baseada na igualdade de direitos, sem distinção de qualquer natureza, percebemos a importância de pautarmos novas temáticas, novas discussões, novos desafios para a educação brasileira no tocante à participação de novos sujeitos que outrora eram excluídos dos processos escolares e vítimas de intolerâncias e preconceitos no âmbito da sexualidade. A ideia de inclusão social difundiu-se após a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, na Tailândia, em 1990. Neste Encontro conferencial, o Governo brasileiro assumiu o compromisso de construir um sistema educacional inclusivo (MORGADO, 1999, p. 53), que se intensificou a partir da Declaração de Salamanca, dando ênfase ao aspecto da heterogeneidade e ao rompimento com ultrapassados paradigmas pedagógicos, que não respondem positivamente às demandas identitárias e singulares.

Aqui no Brasil, a primeira proposta inovadora relacionada à educação formal, ocorreu em 1928 (ABRAMOVAY *et al.*, 2004, p. 35), quando chegou ao Congresso Nacional, a reivindicação da educação sexual nas escolas. Somente em 1995, com a aprovação dos PCN, é que o Governo Federal reconheceu a Orientação Sexual como um dos temas transversais, portanto, merecedor de fazer parte da programação pedagógica – de forma articulada, democrática e transparente – em conjunto com diversas disciplinas, atravessando outros temas, tais como ética, saúde sexual e reprodutiva, gênero, meio ambiente, diferenças regionais e pluralidades culturais.

Nos PCN a cidadania é considerada o eixo vertebral da educação escolar, o que implica eleger e respeitar determinados princípios que orientam a vida em sociedade, a fim de contribuir de maneira afirmativa para esta prerrogativa. Isto significa que as/os educadoras/es devem estar preparadas/os e conscientes para este princípio humano, principalmente quando estes/as lidam e convivem com sujeitos ainda em fase de formação. Sabe-se que durante muito tempo a escola era concebida como uma instituição que fomentava a capacidade da/o aluna/o, sob o prisma do tecnicismo e da formação profissional, ao passo que hoje, a realidade social exige das/os educadoras/es uma visão holística, eclética e humanista, por considerar vários aspectos das experiências humanas que interferem na construção da personalidade destas/es jovens (TOURAINÉ, 1998).

Nesse sentido, os sujeitos que manifestam uma orientação sexual nestes espaços públicos que não está condizente com os padrões morais secularmente perpetuados, no geral, são marginalizados em função do despreparo das/os educadoras/es e da visão conservadora dos seus pares. Aos poucos se tem avançado sobre estes questionamentos, considerando o fato de que a escola é demarcada pelo conhecimento e capacitação, mas também pelas formas de viver, sentir, trocar e pensar das/os jovens. Em suma, torna-se

[...] indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado. Na instituição escolar, estão presentes as concepções de gênero e sexuais, que histórica e socialmente, constituem uma determinada sociedade. (LOURO, 1997, p. 38).

Todas estas premissas implicam a afirmação de que não se permite mais uma visão higienista, biológica e reprodutiva da sexualidade, delegando a uma/um única/o professora/or, a/o de Ciências ou Biologia, a competência para trabalhar tantas perspectivas como a sexualidade e por sua vez a orientação sexual. E sobre a escola, ainda é válido acrescentar que ela

[...] não é um lugar onde somente devam ser ensinados conteúdos como matemática, ciências, português, mas onde se pode aprender sobre cidadania bem como se pode exercitar a convivência e o respeito – e não apenas a tolerância – à diferença. Enfim, consideramos a escola um espaço profundamente significativo para a construção das subjetividades em nossa sociedade. [...] Desse modo, devido à importância dos processos educacionais na construção das subjetividades, a escola deve estar preparada também para orientar as alunas<sup>12</sup> a viverem em um mundo plural, onde práticas e desejos sexuais diferentes sejam possíveis e igualmente respeitados. (FREITAS *et al.*, 2012, p. 104).

Com base nestes elementos, a pesquisa se justifica, no sentido de cartografar, problematizar e analisar o ponto de vista de um determinado grupo de jovens LGBT's, em relação à orientação sexual, às manifestações de sociabilidades afetivas das/os adolescentes – gay, lésbica, travesti, bissexual, transgênero e transexual – referentes ao conceito de diversidade sexual, seus posicionamentos relativos à visibilidade e como ocorre a convivência entre pessoas com estas diferenças e outras, dentro da ambiência escolar do local pesquisado.

Realçando que a homofobia é uma das manifestações de violências contra homossexuais e, considerando, também, que a escola tem importante função no

---

<sup>12</sup> Neste artigo o uso do feminino foi utilizado em todo ele para se referir a homens e mulheres, numa estratégia de “insurreição contra o androcentrismo linguístico”.

enfrentamento a essa forma de preconceito, problematizo, no próximo capítulo, como certas pessoas se comportam diante dessa problemática, pois

Quando o assunto é violência, é preciso, pois, olhar cenários, contextos, situações e processos sociais. Ao priorizarmos, em relação à violência, o segmento juvenil e a escola como *locus*, partimos do pressuposto de que os jovens são afetados pela violência e de que ela se encontra presente no ambiente escolar. Tanto como violências nas escolas, como violência das escolas. [...] Nesse sentido, a escola é percebida como um espaço que poderá também, favorecer o aparecimento de comportamentos de violência. A escola nem sempre é um espaço democrático e igualitário. [...] Embora se espere que ela funcione como um lugar de inclusão, de convivência das diversidades, a escola possui e utiliza seus próprios mecanismos de exclusão e seleção social, escolhendo alguns indivíduos e colocando para fora outros. (MACEDO; BOMFIM, 2007, p. 31).

Sobre escola e homossexualidades e, por sua vez a homofobia, posso informar que o fato de nem sempre ser um espaço democrático e igualitário, torna esse debate sobre as homossexualidades mais urgente, visto que as pessoas que fazem parte da população LGBT estão na escola e cada dia sofrem algum tipo de constrangimento, violência simbólica ou até mesmo violência física apenas por não se enquadrarem nos modelos propostos para as pessoas heterossexuais dentro dos espaços escolares e da nossa sociedade.

### 3 TERCEIRA COR: O VERMELHO ATRAVESSA AS TEORIAS DA HOMOFOBIA NA ESCOLA

Fotografia 4 – A representação da cor da homofobia vista e construída pelos sujeitos da pesquisa, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Os imorais falam de nós, do nosso gosto, nosso encontro, da nossa voz. Os imorais se chocam por nós, por nosso brilho, nosso estilo, nossos lençóis. Mas um dia, eu sei a casa cai e então a moral da história vai estar sempre na glória de fazermos o que nos satisfaz. [...] Os imorais sorriram pra nós, fingiram trégua, fizeram média, venderam paz. [...]

(Zélia Duncan)

A cegueira do preconceito de alguns setores e algumas pessoas da/em nossa sociedade não permite que elas e eles enxerguem pessoas homossexuais como dignas de respeito e, portanto, as consideram anormais. Imorais nas condutas oferecem resistência a enxergar afeto, cuidado e construção familiar em uma relação entre duas pessoas do mesmo sexo, pois

[...] a hipocrisia da sociedade burguesa é incapaz de ver a relação entre iguais como uma espécie de comunhão, também espiritual. Em sua mentalidade dicotômica, o tratamento do corpo – *o cuidado de si*, de que fala Foucault – é imoral e doentio, quando se tratando do prazer homossexual. (BRASILEIRO, 2007, p. 135).

Destarte, a sociedade brasileira tem se conduzido, em sua maioria, nos padrões da heteronormatividade que pode ser compreendida como ponto de vista determinante e dominante da cultura masculina ou machista (TREVISAN, 2000), o que inegavelmente, nesse intrincado e enigmático território do desejo, nos impossibilita de calcular adequadamente o número de pessoas LGBT's. Além disso, este segmento social, por força dos preconceitos existentes na sociedade e, particularmente, no espaço escolar, em grande medida parece adotar vivências clandestinas quanto à sexualidade, podendo-se supor que há um silêncio envolvendo vários de seus sujeitos. Esse silêncio nada mais é que a representação desse preconceito que se refere a “atitudes injustas e negativas a um grupo ou a uma pessoa” (SILVA, 2007, p. 157). Relativo à homofobia, ainda se pode acrescentar sobre seu conceito que

A palavra “homofobia” designa dois aspectos de uma mesma realidade: uma dimensão pessoal de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição aos homossexuais, e uma dimensão cultural de natureza cognitiva, na qual o objeto da rejeição não é o indivíduo homossexual, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. (BORRILLO, 2009, p. 19).

Não se deve, também, deixar à revelia as caracterizações das violências sofridas pelos LGBT's, como a violência social e simbólica, preconceitos, abandono, sutilezas, que, aliás, é a mais praticada no Brasil, além da violência psicológica com ameaças, chantagens e coação, fazendo com que o indivíduo se isole em virtude da marginalidade à qual é submetido (JUNQUEIRA, 2007).

Louro (1999) considera que a escola é uma instituição que tem uma grande interferência na construção social de, nós, seres humanos, porém ela não deve carregar

“o poder e a responsabilidade de explicar identidades sociais ou de determiná-las de forma definitiva” (JUNQUEIRA, 2009, p. 16), deve sim, cuidar para que suas diretrizes caminhem para uma escola que não perpetue a discriminação a LGBT's, pois

[...] suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm 'efeitos de verdade', constituem parte significativa das histórias pessoais [...] Consentida e ensinada na escola, a homofobia se expressa pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. (LOURO, 1999, p. 21, 29).

As/os jovens<sup>13</sup>, por vivenciarem uma fase tida como de autoafirmação, possivelmente podem estar vulneráveis a qualquer situação desconfortável ou desfavorável. Este grupo social corresponde, praticamente, a 40% da população brasileira (ABRAMOVAY, 2004) e a cidade de Teresina, onde a pesquisa foi desenvolvida, certamente está inserida neste índice, permitindo, assim, a assertiva de que é realmente importante entender a maneira como este grupo de indivíduos organiza, representa, expressa e manifesta suas concepções acerca de um viés da orientação sexual humana, que é a homossexualidade.

Segundo Trevisan (2000), a Revolução Sexual que poderia ter tido um efeito emancipatório, foi um fenômeno que não ultrapassou manchetes midiáticas, discursos de grupos rebeldes e um lucro extraordinário para a publicidade, com a venda de produtos como broches, bandeiras, flâmulas e camisetas, com célebres frases de efeito. Essa revolução definitivamente não foi um fator de transformação da consciência das pessoas, mas, por outro lado, na atual conjuntura, todas as discussões que envolvem sexualidade, já estão inseridas na educação escolar, permitindo, desta forma, uma perspectiva positiva.

Na literatura há um número considerável de teóricas/os que subsidiam o debate sobre o tema e, durante a realização dessa pesquisa, novas descobertas surgiram e foram de grande valia em nível de conteúdo, para atingir níveis de aprofundamento cada vez mais substanciais. Até porque nos últimos anos, várias/os são as/os autoras/es que têm se empenhado em desvencilhar o tema da sexualidade na perspectiva funcionalista, que diz respeito apenas à área biológica, e se debruçam em desmistificar o sentido pervertido da homossexualidade, como os autores Edward MacRae e Peter Fry na obra *O que é homossexualidade* (1983).

---

<sup>13</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre juventude, suas perspectivas, desafios, manifestações, posicionamentos e ações, ver Abramo (1994) e Bomfim *et al.* (2006).



Embora a sexualidade humana tenha raízes no mundo biológico, hoje existe uma complexidade de pensamentos e de concepções que envolvem essa discussão. Por essa razão, foi necessário o acesso a publicações e pesquisas que levam em conta a linguagem, a simbologia e a imagem que nós fazemos de nós mesmas/os e das outras pessoas, pois “tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade são posições libidinais e identificatórias que o sujeito alcança dentro da particularidade de sua história” (CECCARELLI, 2000, s/p.).

E a função social da escola, nesse sentido, é valorizar ensinamentos que promovam a interatividade, além de despertar o sentido da autonomia, autoestima, respeito mútuo e noções de justiça social entre os/as estudantes, pois cada vez mais se noticia a violência nas escolas para com a população LGBT, seja das/os discentes, muitas vezes das/os professoras/es e das/os demais funcionárias/os da escola de uma maneira geral, em que podemos enxergar nitidamente que

A inexistência de um arsenal consistente de dados acerca da homofobia nas escolas brasileiras não é índice da inexistência do problema. Pelo contrário, a homofobia institucional tem alimentado, entre muitos formuladores de políticas educacionais, uma postura de marcada indiferença ou de incapacidade de perceber o quadro de preconceito, discriminação e violência homofóbica nos mais diversos setores da sociedade. (JUNQUEIRA, 2009, p. 16-17).

Percebendo a importância de quantificar a homofobia para dar mais visibilidade à necessidade de outros rumos na ambiência escolar que permita uma convivência harmoniosa entre LGBT's e não homossexuais, é que realço a importância desta pesquisa, pois

[...] a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas. Somos também desafiados a construir indicadores sociais de homofobia nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularmos, implementarmos e executarmos políticas educacionais inclusivas. (JUNQUEIRA, 2009, p. 16).

Entendo que a atualidade também trouxe a perspectiva de uma escola como espaço plural em que diversas culturas, pessoas, histórias, trajetórias, vidas, desejos e muitos outros sentimentos e possibilidades se entrecruzam e se misturam em uma visão

rizomática<sup>14</sup>. É indubitavelmente um espaço de construção social e, portanto, deve ser o lugar em que a/o aluna/o deve ser formado de forma ampla fazendo com que o processo de humanização seja aprofundado neste indivíduo, aprimorando as dimensões e habilidades que são comuns a nós seres humanos (DAYRELL, 1996).

Sem dúvida, as teorias que englobam a prática educativa na perspectiva pós-estruturalista e pós-moderna, considerando que a pós-modernidade, segundo Stuart Hall (2002), é um fenômeno social, econômico e cultural, que se desencadeou a partir da segunda metade da década de 1960, com o advento de vários movimentos sociais que pautaram a mudança de paradigmas, dentre eles o movimento feminista, que emplacou uma política de identidades, envolvendo gênero, etnia/raça, gerações e orientação sexual pensando em uma escola que eduque para a igualdade de oportunidades.

Ora, educar para igualdade em dias atuais não é uma das tarefas mais fáceis! Em tempos de racismos, homofobia, xenofobias, sexismos, preconceitos geracionais, procedência regional dentre outros, muitas pessoas têm se debruçado a pesquisar sobre alternativas que venham a transformar a escola num espaço plural e inclusivo e que respeita as diferenças, onde cotidianamente

[...] o espaço escolar seja cada vez mais democrático, divertido, acolhedor e educativo, ensinando sobre diversidade e respeito em vez de continuar sendo um espaço opressivo, humilhante e degradante para as alunas que afrontam a heteronormatividade dominante. (FREITAS *et al.*, 2012, p. 118).

Certamente essa questão se apresenta como desafio teórico da contemporaneidade e como uma necessidade diante dos princípios e das práticas presentes na articulação entre o campo científico e o processo educativo na sociedade moderna (GUSMÃO, 2008). Nos anos de 1998, o Ministério de Educação elaborou os “Parâmetros Curriculares Nacionais” com o objetivo de respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país e considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Foram incorporados os “Temas Transversais”, como Ética, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho, Consumo e Pluralidade Cultural. Dentro deste cenário de

---

<sup>14</sup> Para saber mais sobre Rizoma vide Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995) que falam sobre este conceito na perspectiva da pós-modernidade e apresentam princípios como: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia, redes e outras possibilidades que, aparentemente, podem não ter ligações, mas produzem sentido. Trago essa interrelação entre os conceitos para a escola como uma possibilidade de pensar a construção de uma escola mais plural considerando as várias ações da/na/sobre/fora da escola e os sujeitos envolvidos nesse processo.

avanço na educação brasileira em relação aos PCN, observei que o desafio maior da escola é

[...] reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Neste sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdades, dos diferentes. O trabalho com Pluralidade Cultural se dá a cada instante, exige que a escola alimente uma “Cultura de Paz”, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania compartilhada por todos os brasileiros. (MEC/SEF, 1998).

Baseado neste documento é que investiguei se este espaço silencia e permite violências contra os grupos subrepresentados e se têm organizado seus currículos e práticas na perspectiva do modelo hegemônico heteronormativo<sup>15</sup> que ainda são excludentes, discriminatórios e, por vezes, violentos.

A escola que ainda vemos tem contornos excludentes e a cada dia se “ouve falar” mais sobre pessoas que sofrem todos os tipos de violências nas escolas e sequer têm seus direitos garantidos. Muitas vezes nem chegam a denunciar o fato pelo medo de sofrer retaliações de quem cometeu a violência. Esses episódios, na maioria das vezes, nem chegam às estatísticas, contudo é importante sabermos que

A inexistência de um arsenal consistente de dados acerca da homofobia nas escolas brasileiras não é índice da inexistência do problema. Pelo contrário, a homofobia institucional tem alimentado, entre muitos formuladores de políticas educacionais, uma postura de marcada indiferença ou de incapacidade de perceber o quadro de preconceito, discriminação e violência homofóbica nos mais diversos setores da sociedade. (JUNQUEIRA, 2009, p. 16-17).

A mesma violência homofóbica que oprime, exclui e afasta da escola LGBT's, também segrega essa população de outras instâncias sociais como a família e os círculos fraternos, por exemplo. As/os jovens dessa pesquisa descrevem suas experiências excludentes em outros setores da sociedade, não apenas na escola, demonstrando, assim,

---

<sup>15</sup> Sobre modelo hegemônico heteronormativo posso informar que o termo heteronormatividade foi inventado por Michael Warner em 1991, em uma das primeiras publicações sobre a teoria queer e no pensamento de Adrienne Rich de heterossexualidade compulsória. Objetivamente, significa que variações da orientação sexual heterossexual são consideradas inadequadas e, portanto, marginalizadas. Sobre heteronormatividade ver também como ponto de vista determinante e dominante da cultura masculina ou machista (TREVISAN, 2000, p. 78).

o poder de alcance desta cruelíssima forma de desrespeito humano. Veremos no próximo capítulo, dedicado às pequenas biografias dos partícipes da pesquisa, um pouco de suas histórias e nelas identificaremos alguns desses elementos.

#### 4 QUARTA COR: O LARANJA REVELA O BRILHO DE CADA PESSOA

Fotografia 5 – Os sujeitos da pesquisa construindo seus memoriais, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, quem chegar perto pega fogo.

(Eduardo Galeano)

A luz que irradia de cada uma e cada um de nós nos torna únicas/os, embora com algumas semelhanças. Essa singularidade nossa nos permite construir nossa trajetória imprimindo nossos traços, riscos, rabiscos, contornos, desvios, paradas, retomadas... Permite-nos (des)construir nosso caminho.

Essa dinâmica pode ser alcançada visualmente nas juventudes. Essa faixa etária foi escolhida por mim para interlocução no/do estudo por me identificar com esses “interlocutores que constroem códigos próprios de referência do mundo, embora de forma conflituosa e com lógicas diversas” (ADAD, 2004, p. 52). Essa é a mesma juventude que

[...] ritmada pela sucessão de uma série de ritos de saída e de entrada que dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, o qual garante uma progressiva definição dos papéis da idade adulta. Assim, no plano individual, a juventude deve ser considerada uma fase crucial para a formação e a transformação de cada um, quer se trate da maturação do corpo e do espírito, que no que diz respeito às escolhas decisivas que preludiam a inserção definitiva na vida da comunidade. Deste ponto de vista, a juventude é efetivamente o momento das tentativas sem futuro, das vocações ardentes, mas mutáveis, da “busca” (a do cavaleiro medieval) e das aprendizagens (profissionais, militares, eróticas) incertas, sempre marcadas por uma alternância de êxitos e fracassos. A investidura do jovem cavaleiro, a noiva que toma o véu, o alistamento do futuro soldado, os ritos goliardescos da universidade são momentos cruciais, efêmeros carregados de fragilidade. São momentos de crise, individual e coletiva, mas também de compromisso entusiástico [...]. (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 11-12).

Este capítulo dediquei para ampliar o conhecimento sobre as/os interlocutoras/es da pesquisa. Cada jovem que participou do estudo precisava ser reconhecida/o, e para garantir o anonimato que a/o identifica na pesquisa e a/o protege de possíveis circunstâncias desagradáveis em virtude de sua orientação sexual, cujas razões foram discutidas anteriormente quando tratei de homofobia no capítulo anterior, e partilhei conceitos sobre esta temática e agora revisito mais um dizendo que

Exemplo de violência homofóbica como esse é protótipo emblemático dos estragos que uma associação deliberada entre ignorância, intolerância e má-fé pode ocasionar. Sem tocar em uma arma ou desferir qualquer golpe físico contra quem quer que seja, uma tal leitura da homossexualidade mostra, por si só, a violência a que este agrupamento social está sujeito. (MELLO, 2003, p. 34-35).

Entre conversas, risos, conjeturas, pensamentos e inspirações, o grupo de jovens envolvidas/os na pesquisa, resolveu que iria se reconhecer utilizando nomes de suas/

seus cantoras/es prediletas/os para elas/e. E, considerando a gama de artistas identificadas/os com a população juvenil e com os sentimentos comuns a esta faixa etária, escolheram autoidentificar-se com os primeiros nomes de ídolos. Assim, ficam escolhidos os pseudônimos: **Avril** de Avril Lavigne, **Katy** de Katy Perry, **Cazuza**, que não tem sobrenome e **Demétrya**, de Demi Lovato. Eu escolhi me identificar como **Alanis**, de Alanis Morissette, cantora que inspirou e embalou muitos dos acontecimentos da minha adolescência.

Escolhidos os nomes, chegou a hora de começar a falar de si e de seu universo, falar de sua história, contar a sua vida e como foi a descoberta de sua homossexualidade. Era difícil vivenciar? Não encontravam dificuldades? Eram felizes? Como lidar com essa temática na escola? E suas famílias? As amigas? O amor? O que esperavam de seu futuro? Enfim, muitos questionamentos sobre suas vidas e seus destinos, pois

Ao contrário do que revela o senso comum, o destino de uma pessoa não se prende somente às características próprias da sua personalidade: disposição, inteligência, caráter, vocação, aptidão, dons e méritos pessoais. Outras características são construídas a partir dos estímulos recebidos do meio ambiente e educacional. Esses elementos pesam sobre as opções que cada pessoa faz e acaba pré-escrevendo o futuro, orientando escolhas pessoais [...]. (IBIAPINA, 2010, p. 266).

E foi buscando respeitar as escolhas e trajetórias das/os jovens que pedi para construírem suas “caras”, suas identidades, seus rostos recriados, como super-heroínas e/ou super-heróis que as usam para se “transformarem” ou, quem sabe, apenas esconder momentaneamente quem realmente eram, visto que muitas vezes as pessoas desta comunidade a vivenciam na clandestinidade e escondem que realmente são e o que querem. A seguir, registro como cada pessoa representou-se pela máscara que confeccionou. Também tive o cuidado de procurar trechos de músicas, que aparecerão como epígrafes, de suas cantoras e do cantor que se assemelhasse com a biografia de cada uma delas e dele, considerando o que conhecia do grupo em função dos nossos encontros.

#### **4.1 Cazuza: o azul da cor dos seus olhos e de sua força infinita**

[...] Todo dia é dia e tudo em nome do amor, essa é a vida que eu quis. Procurando vaga, uma hora aqui, outra ali [...] Nadando contra a corrente, só pra exercitar todo o músculo que sente. Me dê de presente o teu bis, pro dia

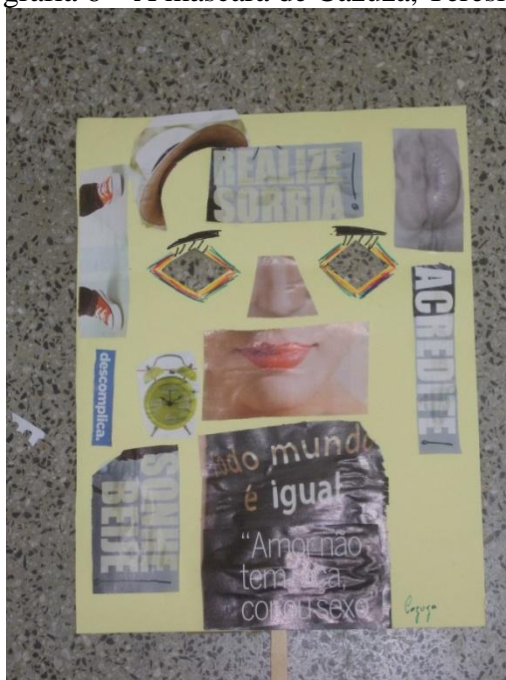
nascer feliz, pro dia nascer feliz, o mundo inteiro acordar e a gente dormir, dormir.

(Pra o dia nascer feliz, Cazuza)

[...] Assim feito um leão caçando o medo, meu caminho nesse mundo, eu sei vai ter um brilho incerto e louco, dos que nunca perdem pouco, nunca levam pouco, mas se um dia eu me der bem, vai ser sem jogo. Amor, amor, fiel me trai, me azeda, me adoça e me faz viver. Amor, amor, eu quero só paixão, fogo e segredo.

(Amor, Amor, Cazuza)

Fotografia 6 – A máscara de Cazuza, Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Cazuza é uma menina de 15 anos que adora *rock*, tem muita verdade nas palavras e realmente parece *um leão caçando o medo* de tanta coragem que exala. Ela estuda o segundo ano de Saneamento no IFPI e deseja, um pouco confusa quanto a profissão futura, cursar Psicologia, Tecnologia da Informação, Literatura, Filosofia e Sociologia quando ingressar em uma faculdade ou “pelo menos ter uma noção de cada um deles”, diz ela.

Essa confusão é muito comum quando despertamos para a escolha da profissão que desejamos seguir, reforçada pelas “cobranças de adultos, em especial familiares”, dificultando as escolhas e os caminhos a trilhar. “Somam-se a essas cobranças as necessidades, os desejos, as expectativas que emergem do interior de cada jovem, de si mesmos” (MACEDO; BOMFIM, 2007, p. 23) resultando na incerteza ou na tardia escolha.



Entre o grupo das jovens ela é a única que se identifica como lésbica, possivelmente a razão seja o “grandioso esforço psicológico” que a publicização desta condição produz, muitas vezes não sendo permitida e sim exposta à sua revelia, tornando “visível a não heterossexualidade” e exigindo uma “ressignificação das características negativas assimiladas bem como o enfrentamento público e político” como mulher lésbica. Ao se reconhecer lésbica ela espera que a “mãe me aceite!”, mas é preciso que ela compreenda que esse cenário poderá ser doloroso ou não aceito por sua mãe, pois “normalmente a família e a comunidade são espaços de conservação de valores morais” dos padrões heteronormativos (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77). Demonstra segurança quanto ao seu futuro permanecendo nessa condição, apesar da pouca idade.

Como minha pesquisa está imersa nas cores, ao ser perguntada sobre sua cor preferida, ela responde imediatamente: azul! A justificativa vem a reboque da resposta “porque é a cor dos meus olhos quando eu era mais nova”. Esse azul-infinito-azul dos olhos talvez seja a residência da sua força e do seu “desejo de pertencimento” (MACEDO; BOMFIM, 2007), que ela tem aos montes, outra característica da juventude. O seu olhar também tem *um brilho incerto e louco, dos que nunca perdem pouco, nunca levam pouco*. Cazusa é muito decidida e serenamente intrépida e desafiadora. É de poucas palavras, gesticular modesto, mas atitudes firmes.

Imersa nas artes, suas mãos pequenas gostam de dedilhar o violão. Adora música. A música é um elemento forte e bastante presente quando das manifestações de sentimentos e querer juvenis e ela, sem compreender, está “construindo saberes nas práticas musicais” (SOUSA, 2012). Canta e gosta das músicas da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii, das internacionais Rolling Stones e Pink Floyd, famosas por suas letras de críticas ao sistema e apologia a juventude. A/os ícones, já falecida/os da bandeira do arco-íris brasileiro e que se reinvidicam LGBT’s ainda em vida, são lembrada/os por ela: Cássia Eller, Cazusa e Renato Russo, líder da banda Legião Urbana. Ainda nas artes, agora nas visuais, ela assiste muito a séries de TV e filmes, este último “mostrando, muitas vezes, algo que nós, de uma forma ou de outra, às vezes não podemos (ou “insistimos em não”) perceber” (SILVA, 2007, p. 51).

Quando pedi que falasse da sua lesbianidade e construísse uma relação com a escola, ela foi de uma precisão cirúrgica ao revelar o que venho afirmando ao longo deste texto, que a escola ainda representa um espaço de opressão. Ela diz que

Na escola a gente sofre mais preconceito das pessoas que você pensa que são seus colegas. Mas sempre digo para deixar o sofrimento para depois. Não penso muito sobre homofobia, por que eu tô muito feliz agora e não quero pensar em coisas ruins. Se eu posso pensar em coisa boas e tenho a opção de ser feliz, eu prefiro ser feliz que ser triste.

O imediatismo em ser feliz e a pressa para viver também se configuram como características próprias da juventude. É a “energia que provoca grandes transformações no seu entorno” (MATOS, 2003, p. 31).

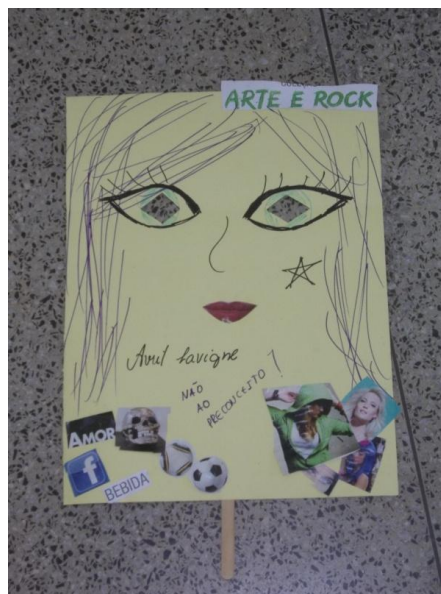
Sobre o IFPI, considera que é uma escola com preconceitos, ainda assim é “menos preconceituosa que as outras escolas” onde estudou. Ela mostra-se otimista quanto ao futuro e tem esperança que ele “mude”, pois “acredita no IFPI”. Mesmo com bons pensamentos, essa mudança só será efetiva sob “uma perspectiva de transformação e emancipação que deve ser, ao mesmo tempo, cultural, social, psicológica, política, individual e coletiva” (JUNQUEIRA, 2009, p. 413) dentro da ambiência escolar ifpiana.

#### **4.2 Abril: a felicidade do amarelo nas recordações da sua infância e no brilho do seu olhar**

[...] Eu faço o que quero quando sinto vontade, tudo o que eu quero fazer é perder o controle [...] E é por isso que eu sorrio, já faz um tempo que todos os dias e tudo parecem tão certos [...] Eu faço o que quero quando me apetece [...] Bastou uma olhada e agora nós não somos mais os mesmos [...].  
(Smile, Avril Lavigne)

Ao acordar vejo que tudo está bem. Pela primeira vez em minha vida e agora é tão bom. Devagar eu olho em minha volta e eu estou tão impressionada. Eu penso nas pequenas coisas que fazem a vida ser boa. [...] Eu achei um lugar tão seguro, sem uma única lágrima. Pela primeira vez na minha vida e agora é tão claro, sinto a tranquilidade a que eu pertencço, eu estou tão feliz aqui. É tão forte e agora eu me deixarei ser sincera, eu não mudaria nada nisso. Esse é o melhor sentimento [...]. (Innocence, Avril Lavigne)

Fotografia 8 – A máscara de Avril, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Avril é uma jovem de 17 anos que cursa o terceiro ano de Saneamento no IFPI. Ela se identifica como bissexual e afirma que se “sente feliz nesta condição”. Olhando para esta afirmação vejo que o trecho da epígrafe lhe cai bem quando diz que *eu achei um lugar tão seguro, sem uma única lágrima*. A certeza do que quer, do que pensa, do que diz, da sua condição em relação a sua orientação sexual também é uma marca da juventude. Avril tem uma personalidade marcante, tem força nas palavras, mostra que busca uma “identidade própria” (MACEDO; BOMFIM, 2007, p. 23).

Avril usa com muita habilidade as palavras que profere e a rapidez de raciocínio mostra “um momento centrípeto de autoelaboração”, com relação à sexualidade, seria uma espécie de “antecipação sobre si mesma” (PINTO, 1997, p. 46). Tal celeridade em ver as coisas acontecerem fez com que, do grupo, pudesse identificar nela um grau de otimismo maior em relação as/ao demais no que diz respeito a uma mudança de postura da sociedade no tocante às homossexualidades. Ela declarou: “as pessoas mudam, é só elas quererem”.

Ao adentrarmos em nosso colorido caminhar, indaguei a sua cor favorita e disparou: “gosto da cor amarela, porque na infância usei muito amarelo e adoro minha infância, adoro falar da minha infância. É uma cor feliz”. O amarelo sempre vem para representar o sol, o brilho, a luz. Luz que guia a felicidade de Avril. E a felicidade da Avril na infância já tinha contornos da sua condição de bissexual? Possivelmente sim,

apontando para o campo das “possibilidades novas” (PINTO, 1997, p. 51) que sua pouca idade ainda não a permitia entender muito sobre o seu desejo.

Avril, quando não está estudando, disse que adora ouvir música. Adora *rock* e, aos brados, assevera: “amo Pink Floyd!” e complementa: “associo as músicas que ouço ao que estou vivendo”. Essa associação de sentimentos a letras de músicas dizem muito do que “são, do momento pelo qual transitam/passam e que se concretiza com tudo que é precisão e imprecisão juntas [...] se dizem múltiplos, diferentes e parecidos: são jovens” (MATOS, 2003, p. 31).

Eu a enxergo coadunando com o trecho da epígrafe *faço o que quero quando me apetece*. Essa afirmação talvez desenhe o fato dela ser tão decidida e corajosamente lúcida. Fala com tranquilidade sobre sua bissexualidade e não sente medo do que lhe espera no futuro. Com relação aos compromissos amorosos no futuro ela mostra segurança do que quer dizendo que “não tenho o sonho de casar! Casamento é só uma palavra e o que importa é o sentimento das pessoas”. Ao mencionar sobre seus atuais relacionamentos amorosos, ela diz que

Já me viram beijando a menina que estou ficando e eu não fiquei nervosa, agi naturalmente, porque mais cedo ou mais tarde isso vai acontecer mesmo. Não importa o que os outros pensam, em primeiro lugar vem a minha felicidade.

No quesito artes visuais, muito apreciado pela juventude, ela afirma gostar pouco de filmes e prefere documentários. Adora ler e sobre seu futuro profissional disse que deseja exercer a profissão de nutricionista.

Ao abordar a temática da escola, pedi que fizesse um elo com sua bissexualidade e, enfática, disse que “se as pessoas da escola souberem, eu não me importo, pois é minha escolha e estou tranquila. Eu tenho força para enfrentar tudo e todos!”. Sobre as amizades ela diz que “minhas amigas da escola me aceitam, mas algumas ainda jogam indiretas. As amigas realmente me dão apoio”. Essa troca de “ideias, confissões e descobertas” (MATOS, 2003, p. 53) torna as relações de afeto entre jovens fraternas/os “cúmplice, principalmente nos erros” (MATOS, 2003, p. 53), pois a “amizade é uma aliança entre sujeitos que possuem afinidades, normalmente frequentam os mesmos espaços e constroem, processualmente, essa relação” (MATOS, 2003, p. 51).

Avril quando fala sobre o IFPI, diz que o “considera preconceituoso”, posição contrária a de Cazusa, jovem anteriormente apresentada. Esse posicionamento, possivelmente, encontra guarida ao lembrarmos que a manifestação das intolerâncias na

escola “tumulua o processo de configuração e expressão identitária; afeta a construção da auto-estima; influencia a vida socioafetiva” (JUNQUEIRA, 2009, p. 24), contudo “tem esperança que ele mude”, voltando a demonstrar o otimismo que tanto alardeio sobre ela. Categórica, afirma ainda que, o IFPI, é a mais preconceituosa das escolas que estudou.

Aqui, reconheço uma falha. Ao receber de Avril a assertiva de que o IFPI fora a escola mais preconceituosa que estudou, deveria ter indagado o motivo que a levou a afirmar tal situação. O que acontece lá que não acontecia nas outras escolas? O que as outras escolas oferecem que o IFPI não disponibiliza? Questionamentos que me instigam para futuros estudos, quem sabe!

### **4.3 Katy: o lilás para aplacar o seu medo do mundo continuar a ser preconceituoso**

[...] Você alguma vez já se sentiu como se estivesse enterrado a sete palmos. Você grita, mas parece que ninguém ouve nada. Você sabe que há uma chance para você, pois você tem um brilho. Você só tem que... Acender a luz, e deixá-la brilhar. Seja o dono da noite [...] Venha e mostre do que você é capaz [...] Enquanto você cruza o céu [...] Se você ao menos soubesse o que o futuro lhe aguarda, depois do furacão vem o arco-íris. Talvez a razão por quê todas as portas se fecharam, seja pra você poder abrir uma que te levará ao rumo perfeito [...]. (Firework, Katy Perry).

[...] Sem perder o sono, juntei cada pedaço e aterrissei de pé. Estou bem acordada, não preciso de nada para me completar, não. Estou bem acordada. Sim, nasci novamente para fora da cova dos leões. Não tenho que fingir e é tarde demais. A história acabou agora, o fim. Queria saber naquele momento o que eu sei agora. Não mergulharia de cabeça, não me curvaria. A gravidade machuca [...].  
(Wide Awake, Katy Perry)

Fotografia 8 – A máscara de Katy, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Katy tem 16 anos e estuda o segundo ano de Vestuário no IFPI. Ela se identifica como bissexual e disse que já comunicou esse fato à sua mãe, que não deu muito interesse e encarou tudo como se fosse “brincadeira”, em uma atitude que interpreto como um escamoteamento para si da condição de sua filha como bissexual, em uma espécie de “acomodação, ou seja, não se fala da questão: o silêncio é a norma” (BARROS JÚNIOR, 2007, p. 90). Aqui compreendo esse silêncio sinônimo da “brincadeira”. Assim, a epígrafe foi acertada para Katy onde ela parece dizer que *você grita, mas parece que ninguém ouve nada*.

Dizendo que, no seu universo colorido, a sua cor preferida é lilás, ela demonstra alegria e nos presenteia com um sorriso extrovertido sempre. Diz o que pensa com muita facilidade, como se estivesse sendo observada pela lente da positividade (MATOS, 2003). Essa característica pode representar importância para o seu futuro profissional. Ela quer trabalhar como psicóloga. Talvez essa sinceridade também promova algum conflito em sua vida, pois poderá se expor ao declarar sua posição em relação a algo ou alguma coisa e tornar-se assim, como as/os jovens que lançam desafios em busca de respostas, “extremamente vulneráveis” (MACEDO; BOMFIM, 2007, p. 27).

Em todos os momentos em que nos encontramos, ela sempre demonstrou muita alegria em estar participando das oficinas da pesquisa e afirmou que “foi uma ótima reflexão que me permitiu uma viagem, mostrando meus sonhos e meus medos”.

Katy, igualmente as duas que a antecederam, gosta de música e cantoras/es como Seu Jorge e Legião Urbana, cujo vocalista, Renato Russo, já comentei sobre sua homossexualidade. Também citou Maria Gadú e Ana Carolina, duas cantoras assumidamente bissexuais, como ela, e que nas suas linguagens corporais, expressam o esteriótipo masculinizado que o senso comum imediatamente associa como de lésbicas ou de mulheres bissexuais. Completando, nas artes visuais, ela diz que gosta de filmes de romances e comédia.

Tomando de empréstimo um trecho da epígrafe que diz que *sem perder o sono, juntei cada pedaço e aterrissei de pé*, descrevo o quanto ela é corajosa, porém o medo a rodeia. Tem receio do mundo continuar preconceituoso e, e particularmente, “ter que contar”, novamente, para sua família sobre sua bissexualidade e ela não a aceitar. Pensa que talvez sofra se não encontrar acolhida na sua família. Talvez um consolo para ela seja pensar como a epígrafe que diz que *talvez a razão por quê todas as portas se fecharam, seja pra você poder abrir uma que te levará ao rumo perfeito*.

Lúcida e sem rodeios, sobre igualdade entre as pessoas, ela nos diz que,

[...] se fizer uma análise do que eu gosto e do que uma pessoa hetero gosta, vamos ver que somos iguais e que não é uma opção e sim, uma escolha inconsciente nossa. Vi isso na música da Maria Gadú.

Ao ser questionada sobre a escola e que relação tem com sua bissexualidade, verbaliza:

Na escola tem uma parte dos alunos que é preconceituosa e assume. Usa termos que ofendem. Os professores são imparciais e não falam nada.

Pode-se ver nesta fala de Katy, o quanto as/os professores são importantes no enfrentamento ou no reforço de práticas opressoras e de exclusão da população LGBT na escola, porém “é comum que tais profissionais declarem não saber como agir quando um estudante é agredido por parecer ou afirmar ser homossexual, bissexual ou transgênero. O que dizer a ele ou a uma turma geralmente hostil?” (JUNQUEIRA, 2009, p. 34).

Ao me reportar sobre sua convivência no IFPI, ela o considera preconceituoso e, pessimista, não tem esperança que ele mude. Ela o considera a Instituição mais

preconceituosa que as escolas em que estudou antes. Igualmente ao que assumi como falha quando não perguntei o por quê dessa afirmação para Avril, reafirmo igualmente a falha para Katy.

#### **4.4 Demétria: porque o azul turquesa traz a certeza de que sem medo já temos dignidade e honra**

Você pode pegar tudo o que eu tenho, você pode quebrar tudo o que eu sou, como se eu fosse feita de vidro, como se eu fosse feita de papel. [...] Todas as minhas janelas ainda estão quebradas, mas eu ainda estou de pé [...] Sim, é um longo caminho a percorrer, mas eu estou mais perto das nuvens aqui em cima [...]Vá em frente e tente me derrubar. Eu vou me levantar do chão como um arranha-céu. (Skyscraper , Demi Lovato)

[...] rapidamente eu estou descobrindo que eu não vou cair tão cedo, não hoje. Eu acho que sempre soube que eu tinha toda a força para fazer isso até o fim. Não vou ter medo, eu vou acordar me sentindo bonita hoje e saber que estou bem, pois todos são perfeitos de formas diferentes. Você vê, agora eu acredito em mim, agora eu acredito em mim. (Believe In:me, Demi Lovato)

Fotografia 9 – A máscara de Demétria, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Demétria é o único jovem do grupo, tem 15 anos e estuda o segundo ano de Saneamento no IFPI. Sobre sua condição de LGBT, identifica-se como *gay* e se mostra “bem resolvido”. Firme, assevera frases como as da epígrafe em que diz vá em frente e tente me derrubar. Eu vou me levantar do chão como um arranha-céu.



Em sua família, sua relação com a mãe é de confiança e amigável e conversam muito, menos sobre a sua homossexualidade, que ela não quer aceitar a ideia reforçada por motivos religiosos, apesar de saber, reforçando os cenários excludentes das famílias em relação às/aos suas/seus LGBT's em que percebemos nitidamente que a “homofobia familiar pode se tornar uma opressão dolorosa determinante na vida da pessoa *gay*” (SCHULMAN, 2011, p. 70). O único irmão mais velho o apoia, o respeita e o defende. Esse fato representa um diferencial na sua vida, pois comumente não vemos respeito e tolerâncias para com LGBT's, em menor escala vemos manifestações para “o reconhecimento” e, “quando ocorre, é comumente problemático” (SCHULMAN, 2011, p. 71). Seu irmão demonstra com este comportamento companheirismo e solidariedade, valores há muito subutilizados, onde o último tem uma proximidade com a sensibilidade, sobretudo afetiva, de reorganização intelectual (SEQUEIROS, 2000).

Demétria gosta de escutar músicas, ler bons livros, assistir filmes e séries. Adora sair com as/os amigas/os, jogar videogame e fazer novas amizades. As/os amigas/os são apelos e registros constantes do grupo pesquisado, onde se “referem a amizade como uma das dimensões mais significativas na sua vida” (MATOS, 2003, p. 51).

Quando falamos de cores ele foi enfático em dizer que sua cor preferida é azul turquesa. O azul que traz a paz para as suas palavras também tem um viés e fortaleza e, assim, forte ele diz que

Atitude é tudo e não importa o que os outros digam. Se você tem a “cara” de fazer que você quer e o que te faz bem sem medo de críticas, você já é digno de honra e orgulho.

Sempre extrovertido e estudioso, com boas notas, esforçado, ele adora inglês e deseja ser professor de inglês no futuro. E, sobre o futuro, a epígrafe mostra muito do que ele realmente é quando diz agora eu acredito em mim, agora eu acredito em mim.

Quando perguntei sobre a escola e a relação desta com a sua homossexualidade, ele demonstrou segurança do que é e ausência de medo de que as “pessoas saibam”, embora considere o receio de ser alvo de violência homofóbica. Sobre o IFPI ele o considera como uma escola preconceituosa, porém não apontou motivos para chegar a essa conclusão, e “não tem esperança na mudança”, possivelmente por já ter sofrido com alguns episódios homofóbicos na escola. Realça que o IFPI é mais preconceituoso que as escolas que estudou antes.

#### 4.5 Alanis: sonhos lilases, realidades multicoloridas

Eu nasci em 1974, em uma rua calma e exata, em algum lugar ao sol. A doçura estava no ar, e muitas luzes se soltavam alegres, passam através da janela do quarto, não como uma ferida muda para uma canção ridícula [...] eu estou ocupada quebrando ossos, eu nasci em 1974 na base de uma brecha. [...] eu fui nomeada uma droga de princesa potencialmente ativa, com estrelas douradas e primeiras impressões, entre duas grandes portas, pequena, amável, orgulhosa e inofensiva [...] eu implorei para que você fosse forte quando você deveria ter sido frágil, como uma represa que precisa romper-se. Eu gostaria de ter sido as pedras, seu rio aprenderia o caminho [...] Nós estamos ocupados crescendo [...]. (1974, Alanis Morissette).

Fotografia 10 – A máscara de Alanis, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

A pesquisadora, que sou eu, Alanis, tenho 37 anos e sou professora no IFPI. Estudo na Universidade Federal do Piauí - UFPI e pesquiso sobre homossexualidades e sua relação com a escola. Sobre mim pude falar mais detalhadamente no capítulo I e aqui deixo expresso a vontade que cada uma e cada um das/os pesquisadas/os consiga realizar seus sonhos e viver o seu amor e o seu desejo na plenitude. Sobre minha inquietude que desem(bor)barcou nessa pesquisa, deixo o poema “Quando em teu colo deitei a cabeça, meu camarada” de Walt Whitman, da magnífica obra Folhas de Relva, que muito de mim traduz:

Quando em teu colo deitei a cabeça, meu camarada,  
a confissão que fiz eu reafirmo,  
o que eu te disse e a céu aberto  
eu afirmo: sei bem que sou inquieto  
e deixo os outros também assim,  
eu sei que minhas palavras são armas  
carregadas de perigo e de morte,  
pois eu enfrento a paz e a segurança  
e as leis mais enraizadas  
para as desenraizar,  
e por me haverem todos rejeitado  
mais resoluto sou  
do que jamais poderia chegar a ser  
se todos me aceitassem,  
eu não respeito e nunca respeitei  
experiência, conveniência,  
nem maiorias, nem o ridículo,  
e a ameaça do que chamam de inferno  
para mim nada é, ou muito pouco,  
meu camarada querido: eu confesso  
que o incitei a ir em frente comigo  
e que ainda o incito sem a mínima ideia  
de qual venha a ser o nosso destino  
ou se vamos sair vitoriosos  
ou totalmente sufocados e vencidos.  
(WHITMAN, 1983, p. 107).

Minhas escolhas, meus traços, minhas trajetórias e vivências foram sendo escritas e experienciadas na minha vida sendo essa pessoa inquieta que desbrava lugares sem medo do desconhecido. Esse comportamento só me fortaleceu na caminhada acadêmica, pois estudar um tema tão complexo e carregado de preconceitos, era preciso estar mergulhada nestas características. Não me preocupo muito se ao final da jornada sairei vitoriosa ou vencida, me preocupo mais em contemplar a caminhada e perceber o que vou encontrando pelo caminho.

Um desses caminhos, descrevo no capítulo a seguir que mostra mais detalhadamente a minha travessia na pesquisa qualitativa.

## 5 QUINTA COR: TRAVESSIAS VERDES NO PERCURSO DA PESQUISA

Fotografia 11 – Demétria construindo o seu percurso do Bicho da Homofobia, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

[...] cair no abismo da minha locura mansa [...] sem trança [...] nem fiança [...] Tenho apenas o desejo louco de fazer algo para terminar e poder começar algo novo, sem eira nem beira, na soleira da porta e cheia das minhas insanidades [...]!!! Não posso voltar pra casa, tenho que continuar essa viagem que se transformou em uma errância infinita em que não há destino para chegar, nem possibilidade de voltar para o ponto de origem. A minha inquietude não resolvida deixa em mim o vazio aberto pelo gosto de liberdade.

(Shara Jane Adad)

Minha travessia verde se inicia quando o primeiro pensamento de como trilhar na pesquisa trouxe-me inquietação. Como pesquisar? Sei pesquisar? Saberei interpretar os dados da pesquisa? Como dominar minha inquietude e dividir com o universo o gosto que sinto da liberdade?

Interrogações e estranhamentos passeavam em meu corpo e tatuavam letras, figuras, mapas, caminhos, atalhos, números e direções que poderiam representar “desorientações” ou incompreensões, porém todos esses signos me diziam que eu podia ir mais longe e cá estou. Sei que estou longe em relação ao ponto que parti e sei também que posso ir mais adiante.

Observava que, à medida que se aproximava à época da pesquisa, eu ficava mais apreensiva. Essa apreensão talvez derivasse do fato de partilhar das experiências que eu vivera na adolescência e que as/os jovens pesquisadas/os vivenciam hoje. Nossas histórias teriam uma intersecção? Como saber? Todas as coisas que iria ouvir seriam conhecidas por mim ou algo novo estaria presente nas revelações por vir? Cenas dos próximos capítulos...

Desde a feitura do projeto de pesquisa, imaginei esse processo com entrevistas e entendia que esta forma de aproximação com quem eu fosse pesquisar me traria as respostas para as minhas perguntas. O tempo foi passando e fui conhecendo novas possibilidades de encontrar respostas para minhas perguntas e essas respostas não iriam estar escritas apenas em um papel. Outros mecanismos de entendimento poderiam me auxiliar no encontro com as respostas. Dessa inquietação descrevo um pouco mais nos tópicos que virão a seguir. Posso assegurar-lhes que a busca pelas alternativas para pesquisar me proporcionaram encontros mágicos, desde a pesquisa qualitativa até a chegada da abordagem sociopoética, tudo com a certeza do aportar de respostas profundas.

Sistematizar as várias práticas relacionais de (in)tolerâncias construídas por e com jovens LGBT's, estudantes do curso médio integrado técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí (IFPI) – Campus Zona Sul<sup>16</sup> tornou-se meu propósito nessa travessia. Pesquisar no e sobre o IFPI era um desafio. Egressa da Instituição como aluna e, hoje, professora da mesma, existia uma profunda intimidade entre mim e o local sobre o qual pesquisaria. Desejava pesquisar sobre ele. Sobre o IFPI dedicarei um tópico mais adiante.

---

<sup>16</sup> Sobre o IFPI-Zona Sul, discorro com mais detalhamento na página 76 deste trabalho, quando falo do local onde aconteceu a pesquisa.

Interpretar dados em uma investigação em que o objeto de estudo, anteriormente definido, é repleto de subjetividades requer uma metodologia que busque não apenas coletar informações objetivas, mas buscar significados e ressignificações dos dados pelos sujeitos envolvidos.

Neste sentido, esta pesquisa, de natureza qualitativa, será realizada através de oficinas e entrevistas com estudantes das quatro séries do ensino médio. O critério para escolha destes sujeitos se define através de observação daquelas pessoas que na indumentária, comportamento ou que verbalmente explicitam a sua orientação sexual como LGBT e estejam cursando uma das séries do ensino médio integrado do IFPI, Campus Teresina Zona Sul.

O verdejante caminho começou a se desenhar quando da aceitação da direção do IFPI em permitir a pesquisa com seus discentes. Mesmo se tratando de uma temática tão polêmica, não houve qualquer resistência ou tentativa de impedir e/ou interferir na pesquisa.

Seguindo as trilhas das pistas que encontrava, fui me deixando levar para observação da rotina, harmonia e dinâmica da escola e suas/seus alunas/os. Esse momento foi imprescindível para que eu pudesse identificar quem, provavelmente, participaria da pesquisa. Lembrei-me de um fato ocorrido em setembro de 2011 quando, na aula em que eu ministrava, houve uma discussão entre um rapaz e uma jovem e ele falava aos gritos que era *gay* mesmo e que ela não tinha nada com isso e, de forma abrupta, dizia coisas lúcidas como “as escolhas são pessoais e as responsabilidades também”. Toda aquela confusão chamou a atenção e, obviamente de forma cidadã e solidária, tentei resolver a animosidade.

Aquele garoto me marcou. Como alguém tão jovem já podia falar com tanta certeza? Percebi nele, depois de algumas conversas, que sua contribuição para minha pesquisa seria muito valiosa. E, assim, depois de um convite, e algumas explicações, ele se tornou o primeiro sujeito da investigação.

No IFPI não consegui encontrar ainda travestis, transexuais ou transgêneros autodeclaradas/os. A indumentária foi importante para essa resposta. As/os discentes que lá se encontram, aparentemente, não têm suas identidades de gênero inclinadas para as transexualidades.

O tempo foi passando e fui mergulhando na observação da escola e seus sujeitos intensamente. As linguagens corporais cada vez mais me direcionavam aos sujeitos e a observação no cotidiano em relação à indumentária, gestos, sentimentos, verbalizações,

expressões de desejo, relações afetivas e posicionamentos a respeito dos fenômenos sociais, das homossexualidades, das diversidades e da escola, bem como as práticas das juventudes, dos direitos humanos e da cidadania foram fortemente consideradas/os. E, assim, fui convidando uma a uma, um a um, observando e constatando que a investigação seria feita apenas com lésbicas, *gays* e bissexuais.

Essa etapa da pesquisa foi muito instigante, pois revelava o grau de confiança que elas/e iriam depositar em mim. Em um primeiro momento essa pesquisa foi pensada para ser desenvolvida com oito discentes do IFPI, porém à medida que eu ia convidando e explicando a pesquisa e sua importância, não só para a escola, mas para o futuro das pessoas LGBT's, fui entristecendo por perceber que três meninos e uma menina não quiseram ou não puderam participar. Será que sentiam medo de serem relacionados futuramente com a pesquisa? Apesar de eu ter assegurado-lhes a confidencialidade dos dados e de suas identidades ficou esta indagação.

Finalmente havia conseguido encontrar três jovens mulheres e um jovem, sendo que duas jovens se identificavam como bissexuais, uma como lésbica e um *gay*. É hora de começar! É hora de continuar a pesquisar!

### **5.1 Pesquisa qualitativa: porque a compreensão dos detalhes é essencial**

Acredito que todo iniciar vem carregado de incertezas e do medo de não conseguir o objetivo que se busca. Assim me senti. E, apesar de saber que contaria com livros, jornais, revistas, internet, recursos que ajudariam na feitura do texto da pesquisa, ainda pairava a dúvida de como começar a estruturar a parte da metodologia da pesquisa.

Ao pensar na pesquisa sempre imaginei algo participativo em que eu não seria a protagonista, mas partícipe do processo. Identifiquei que a pesquisa qualitativa talvez pudesse me encaminhar nesta direção. Richardson (2009) me ajudou a pensar nela nesta perspectiva e compreendi que uma pesquisa qualitativa

[...] pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. (RICHARDSON, 2009, p. 90).

Era o que eu objetivava. Compreender os significados das respostas de cada uma daquelas pessoas que cotidianamente talvez vivenciassem situações de conflito em seus lares, grupos de amigas/os e, ali na escola, provavelmente, estivessem expostas/os a momentos de intolerâncias em virtude de sua orientação sexual.

Outra referência que foi importante para eu entender melhor esse processo metodológico foi Alberto Melucci (2005). Averiguando o que ele diz sobre a pesquisa qualitativa fui compreendendo que ela trabalha associando dados quantitativos (objetivos) e qualitativos (subjetivos), mostrando com isso que, mesmo em informações estatísticas e nas falas dos sujeitos de um universo estudado, há significados que não somente de quem pesquisa interpreta (significa ou ressignifica), mas as/os próprias/os partícipes do contexto investigado dão sentido à sua realidade.

Nesta linha de raciocínio, as situações por mim observadas, contribuem para a interação de quem observa de maneira externa com os sujeitos sociais pesquisados que, em nosso caso são jovens LGBT's estudantes do ensino médio integrado ao técnico, pois o meio ambiente não só fornece dados para minha observação, como também, interfere na prática de observação e de escuta dos sujeitos pesquisados. As/os atrizes/atores sociais se movem, falam, pensam, agem, enquanto eu, como pesquisadora, as/os conheço e reconheço “mais presente no seu campo do agir” (MELUCCI, 2005, p. 31). Considero importante pontuar que o fato de ser professora no IFPI me conferiu certa facilidade e intimidade com o local a ser pesquisado e os sujeitos.

Essa intimidade com o local pesquisado me conferiu certa facilidade para encaminhar alguns pontos da pesquisa. Conseguia quase que diariamente conversar com os sujeitos, observar suas rotinas na escola, seus desempenhos escolares, suas conversas, suas amizades, enfim uma boa parte dos seus dias. A maioria das/os alunas/os do IFPI almoça na escola, pois sua carga horária é bastante extensa com as disciplinas do ensino médio acrescidas das disciplinas técnicas. Ministro aulas de segunda a quinta, apenas nas tardes e somente uma manhã, o que me deixa uma boa parte do tempo da minha vida na instituição.

Acrescento que considero importante ter criado esses vínculos de confiança com as/os partícipes da pesquisa. Pude observar por muitos dias elementos que considero imprescindíveis para minha reflexão

[...] onde os fatos, os comportamentos, os cenários com as relações múltiplas de referências formativas e as fontes de conhecimento passam a ter salutar importância. Para nos ajudar na compreensão desses elementos tivemos que



levar em conta atitudes como: observar, escutar, separar, comparar e **captar os sentidos** (em de seus devidos contextos). (SILVA, 2011, p. 56, grifo meu).

Todo esse percurso é importante não só para percebermos e compreendermos melhor sujeitos e local pesquisado, mas também para me conhecer melhor como pesquisadora. A curiosidade sempre foi minha companheira inseparável, mas não basta ser curiosa, tem que direcionar a curiosidade para os objetivos a serem alcançados. E não bastava apenas que os sujeitos confiassem em mim, era preciso que eu também imprimisse essa confiança neles/as.

A pesquisadora Vicelma Sousa (2012) que pesquisou jovens imersos na cultura *hip-hop* traduziu muito bem o que eu sentia durante o contato com as meninas e o menino da pesquisa, mesmo entendendo que nossos tempos eram diferentes, nossas idades idem. Tudo era instigante, divertido, forte, verdadeiro e aconteceu “num misto de confiança, mas também marcado pela curiosidade fui saindo das entrelinhas dos fios de minhas arestas, fui me permitindo viver sensações minhas [...] Realidades muito adVERSAS e, por vezes, contraditórias” (SOUSA, 2012, p. 67).

Esse mapa de sensações (ADAD, 2004) diversas me preenchia em linhas e meridianos e me davam direções com suas latitudes e longitudes. Agora estava dividida em graus. Era alvo fácil de ser decifrada, estava imersa naquela convivência e transmitia em meu olhar os meus sentidos e localizações com precisão. Neste momento aconteceu o inesperado e que viria completar o mapa, descobri a sociopoética e narro adiante minha aproximação com essa abordagem.

## **5.2 Abordagem Sociopoética: porque o estranhamento dos/nos dados também é imprescindível**

Estava olhando o folder em 2009, salvo o engano, de um evento onde aconteceriam palestras sobre homossexualidades e entre os nomes das pessoas que iriam dialogar sobre o tema estava o nome de uma professora da UESPI que eu não conhecia. Fiquei feliz de ver gente nova discutindo sobre essa temática. O nome dela me chamou atenção: Shara Jane. Um nome incomum. Bem, não fui vê-la falar, lembro que coincidia com o horário do meu trabalho na época. O tempo passou e fui aprovada para o mestrado e nos primeiros dias de aula observei que ela, a professora do nome incomum, dividia a sala com minha orientadora. Que surpresa!

Nas primeiras semanas de aula, Bomfim, minha orientadora, me apresentou àquela mulher linda de cabelos avermelhados e um olho que parecia estrela de tão brilhante. “Essa é a professora Shara Jane que divide a sala comigo!”. Não esqueço seu sorriso. Era um sorriso de verdade, serenidade e paz. Aproximamo-nos e dessa/nessa aproximação fui apresentada à Sociopoética. Ela era a nossa referência piauiense nessa abordagem de pesquisa. Um dia conversando sobre minha pesquisa e falando das entrevistas, ela me disse de forma meio serena, meio abrupta: “Você tem condições de encontrar esses dados acrescentando outros instrumentos de pesquisa!”. Como assim? Os sujeitos iam responder a um questionário repleto de perguntas sobre a temática e acreditava que as respostas viriam certamente apenas dali. Foi quando ela tocou no meu ego: “Você é dinâmica! Você poderia fazer uma oficina com os sujeitos para encontrar alguns dados que, talvez, não sejam ditos.” E acrescentou: “Há coisas que sentimos e que às vezes não são ditas e algumas técnicas conseguem nos dar as respostas que procuramos”.

Fui seduzida de imediato! Comecei a escutar sobre a metodologia, sobre as técnicas, sobre teóricos e compreendi que podia pesquisar de uma maneira mais dinâmica. Estava devidamente convencida a fazer minha pesquisa inspirada na abordagem Sociopoética. Para me familiarizar com ela participei de uma oficina sobre a metodologia e pude me apropriar melhor de alguns conceitos.

Pesquisar com arte... Arte! Gostei da possibilidade de pesquisar com arte. Pensei em livros que li, filmes que assisti, músicas da minha predileção... Enfim, pensei em várias direções para a pesquisa tendo a arte como possibilidade de produção e encontro com os dados. Pensei também na incompreensão das pessoas frente à importância da arte em nossa vida e como ela modifica nosso viver ao entrarmos em contato com ela profundamente. Em alguns momentos me sentia igualmente a Foucault quando ele falava da forma como a sociedade vê a arte e “verborragizava”:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveriam uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1995, p. 261).

A arte estava ligada atavicamente a abordagem Sociopoética e me sentia cada vez mais confortável em prosseguir por este caminho, onde dentre as metodologias de

pesquisa, ela também se apresentava como forte e resistente como a arte, pois como disse, certa vez, Deleuze, “a arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (DELEUZE, 1992, p. 15).

Adad (2004) foi uma das leituras iniciais para apropriação da Sociopoética. A autora, que coincidentemente é a mulher do “olho que parecia estrela de tão brilhante”, em sua tese de doutoramento, pesquisou usando as técnicas dessa abordagem alicerçada fortemente em Gauthier (2003), o qual contribuiu imensamente para os estudos dela e, para mim, trouxe-me pontos de luz sobre essa possibilidade de pesquisa quando diz que Sociopoética é

[...] uma prática filosófica. Ela é uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar a transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, através do descobrimento das Américas (negras, brancas, indígenas e mestiças) do pensamento dos grupos pesquisadores. Por que uma filosofia? Por que ela: 1- descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; 2- favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; 3- favorece a criação de confetos<sup>17</sup>, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; 4- favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais. (GAUTHIER, 2003)

Que conceitos seriam esses? Que sentimentos íntimos e profundos são esses que não se consegue expressar? Sabemos que a homossexualidade historicamente foi alvo de perseguições, discriminações e intolerâncias por parte de nossas sociedades. Acredito ser este o fato de não conseguirmos, de forma tranquila e espontânea, nos reivindicarmos LGBT's. Acredito que estes sentimentos podem ser interpretados e demonstrados quando do uso das técnicas de Sociopoética ao pesquisar. Outro motivo para escolher trilhar por este caminho.

Ainda devemos considerar outra nuance quando tratamos das homossexualidades, o corpo. O corpo da maioria das pessoas da comunidade LGBT traz marcas, traços e signos que facilmente são decifrados. A linguagem corporal de meninos com indumentária e atitudes femininas e vice-versa para as meninas são exemplos típicos dessa nuance. E, nessa percepção corporal, que identifica pessoas muitas vezes de forma depreciativa, mas que também é fonte de aprendizagem e

---

<sup>17</sup> O confeto é a junção da escrita de conceito e afeto, e vai para além da gramática, faz em outro plano o que realiza a arte, a qual mistura percepto e afeto. Ver mais detalhadamente sobre confeto em Gauthier, 2010.

conhecimentos, asseguro que Adad (2004) vem contribuir com elementos para essa reflexão ao nos dizer que

[...] essa abordagem de pesquisa ou aprendizagem destaca, simultaneamente, os seguintes princípios:

- \_ a importância do corpo como fonte do conhecimento;
- \_ a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;
- \_ o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, co-pesquisadores;
- \_ o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar;
- \_ a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes (ADAD, 2004, p. 66).

Sobre essa proposta de pesquisar Adad (2004) ainda nos afirma que é importante perceber a importância de todos os aspectos envolvidos na investigação, inclusive aqueles que, para quem pesquisa, corriqueiramente e possivelmente são alvos de descarte. Ela nos propõe lucidamente a

[...] valorizar o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível, longe dos habituais critérios intelectuais da racionalidade. Trata-se, portanto, de desorientarmos nosso intelecto, caotizarmos nossa percepção e categorização do mundo e descobriremos outros significados humanos para os dados de pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência! (ADAD, 2004, p. 66).

Assim, diante de tantas perspectivas positivas, fui conduzindo o meu processo de pesquisa por estradas que me faziam valorizar cada momento, cada palavra, cada sorriso, cada lágrima e cada “cada” que encontrava no percurso. Fui percebendo a importância de pesquisar baseada nas pequenas construções e isto me fazia valorizar mais a minha pesquisa e a me valorizar. Valorização que me despertou para perceber a outra pessoa, desde o seu pequeno gesto até a sua grande reflexão e saber que esse processo é estar sociopoetizando. Considerar tudo a sua volta e percursos idos e vindos também é obter respostas. Tudo isso me deixou mais potente e na certeza de que

[...] para a sociopoética, as técnicas escolhidas, o local, a hora, os objetos, o material artístico e tudo o mais, são dispositivos capazes de aflorar a produção dos dados através da profusão de oralidade, de sentidos, de emoções, de imagens, de ritmos, de sons e de movimentos corporais que tais mecanismos, quando acionados, despertam nos participantes.

Não é à toa que, com a sociopoética, sempre estamos interrogando o sentido das práticas e experiências dos grupos humanos; logo, nossas verdades são parciais, próprias às nossas interrogações. Nesse sentido, entendemos o conhecimento como o caminho do meio entre os saberes e os fazeres que os grupos produzem da vida social, e a crítica desses saberes feitos pelo grupo-pesquisador. (ADAD, 2004, p. 68).

Importante realçar outro ponto importante nesta abordagem metodológica, a escuta sensível. Ela é de suma importância na Sociopoética para aquisição de dados mais fidedignos, “pois é o reconhecimento de que não pesquisamos apenas com a razão” (FERNANDES, 2011). Essa escuta não é realizada apenas pela audição, mas recebe influência e auxílio dos demais sentidos. Paladar, tato, visão, olfato também têm extrema importância neste processo de escuta sensível para a produção de dados (BARBIER, 2002). Sobre o processo de considerar todas as manifestações corporais na pesquisa, ele ainda acrescenta que só se é pessoa pela existência de um corpo, incluindo a imaginação, a razão e a afetividade em permanente interação. Essa interação entre a racionalidade e a sensibilidade é importante nestes processos, pois

Na cultura e no existir humanos, a pertinência e a relevância da presença constitutiva da razão (*Ratio, Logos*) é imprescindível como senso que potencializa a criticidade do pensamento, sua expressão como capacidade de discernimento e de indagação radical, como possibilidade duma Razão que dialoga e que cria Sentidos. Porém, ao ser plasmada de forma isolada e desvinculada do *Sensus*, como se fosse o único modo de expressão e de constituição do saber e do conhecimento verdadeiros, a Razão incide em processos reducionistas que desqualificam a complexidade in-tensiva da inteireza do humano. (ARAÚJO, 2008, p. 9).

Outro ARTEfato interessante na metodologia da Sociopoética e que, particularmente, foi extremamente prazeroso trabalhar com ele, foi o uso das fotografias no percurso da pesquisa. As fotografias foram assumidas, por mim, como um importante reforço na aquisição, produção e posterior análise dos dados da pesquisa. Coaduno com os pensamentos de Carrano (2003) que interpreta fotografia como um texto, um “texto imagético”. Esse texto-imagem, que revela desejos, ansiedades, medos, tristezas, territórios, arredores, momentos, “agoras” e “jás” da pesquisa, apresenta dados da realidade e ilustra os momentos da pesquisa e as oficinas em sua intimidade.

Sobre usar fotografia nas oficinas como texto e recurso de apoio para as análises dos dados, o sentimento percebido por mim foi que a fotografia causa

[...] Essa insaciabilidade do olho que fotografa altera as condições de confinamento na caverna: o nosso mundo. Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens. (SONTAG, 2004, p. 13).

Imagens que no “coração” do olho imprime um sentimento e na “alma” dos conceitos desenha as realidades. O momento real visto e eternizado no papel, materializado, guardado para posteridade, mapeando as sensações que se entrecruzam, pois

[...] o visor da máquina é uma área de contágio – é pele. O que determinava cada clique era intensidade de corpo pedindo contato, querendo contágios. O visor usado como o limiar entre o desejo e a arte. [...] na necessidade de criar redes de sentido com tudo que estava à minha volta [...] (BUENOZ, 2009, p. 258)

Esse contato entre mim, máquina fotográfica e sujeitos da pesquisa despertava-me um interesse em evocar memórias, registrar emoções, vestígios, lembranças, “**não inter-ditos**”, onde a “linguagem fotográfica produzia um rastro da realidade” (RIBEIRO, 2009, p. 274) e esse era o caminho para auxiliar na análise dos dados: rememorar através das fotografias o que acontecera.

### 5.3 O IFPI: pensar a partir do lugar onde ocupamos

Fotografia 12 – Vista da entrada do IFPI, em Teresina-PI



Fonte: Acervo do IFPI – 2012.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI é uma instituição que oferece educação superior, básica e profissional, tradicional na Educação piauiense. O IFPI tem se destacado no cenário piauiense como uma alternativa de Educação que prepara e encaminha as/os jovens ao mercado de trabalho, seja nos cursos

de ensino médio integrado técnico, cursos de nível tecnológico e licenciaturas em nível de terceiro grau, pois

Na proposta dos Institutos Federais, agregar à formação acadêmica a preparação para o trabalho (compreendendo-o em seu sentido histórico, mas sem deixar de firmar o seu sentido ontológico) e discutir os princípios das tecnologias a ele concernentes dão luz a elementos essenciais para a definição de um propósito específico para a estrutura curricular da educação profissional e tecnológica. (PACHECO, 2010, p. 13-14)

Aqui no Piauí, em 1909, o IFPI iniciava sua história como Escola de Aprendizizes Artífices, inicialmente no bairro onde hoje se denomina Pirajá, posteriormente transferido para um velho casarão situado na Praça Pedro II, onde recebeu o nome de Liceu Industrial do Piauí em 1934 e, posteriormente, em 1938 fez-se necessário a construção de uma nova sede, onde ainda hoje é instalada, na Praça da Liberdade, e, após a mudança física, ela passou a denominar-se Escola Industrial de Teresina no ano de 1942. Em 1966, passou a chamar-se Escola Industrial Federal do Piauí. Em 1967, foi elevada à categoria de Ensino Técnico do 2º grau, passando a se chamar Escola Técnica Federal do Piauí. Em 1994, foi autorizada a transformação em Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI), pela lei federal 8.948/94, que se efetivou em 22 de março de 1999, com a assinatura do decreto autorizativo pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. O IFPI – Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Piauí- foi criado mediante transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí em Instituto Federal, pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva. Sua Reitoria está instalada em Teresina (REGO; RODRIGUES, 2009).

No ano de 1994 iniciou o processo de expansão do IFPI para outros municípios piauienses com o fito de fazer chegar o ensino técnico e tecnológico às populações mais distantes da capital piauiense e promover crescimento e desenvolvimento local e regional. Hoje conta com 14 *campi* nas mais diferentes cidades do Piauí e na sua grade curricular a formação técnica está presente nas seguintes áreas e nos seguintes cursos:

- Área de Construção Civil: Edificações, Estradas e Saneamento;
- Área de Meio Ambiente: Tecnologia Ambiental;
- Área de Indústria: Eletrotécnica, Eletrônica, Mecânica e Refrigeração;
- Área de Saúde: Segurança do Trabalho;
- Área de Gestão: Administração, Contabilidade, Secretariado e Turismo;

- Área de Informática: Informática;
- Área de Artes: Música e Artes Plásticas;

#### Formação Superior

- Área de Educação: Licenciatura Plena em Química, Licenciatura Plena em Biologia, Licenciatura Plena em Física e Licenciatura Plena em Matemática;
- Área de Engenharia: Engenharia Mecânica;
- Área de Tecnologia: Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas;
- Área de Gestão: Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e Tecnologia em Secretariado.

O IFPI - *campus* Zona Sul, possui cinco anos de funcionamento efetivo. No início era uma extensão do *Campus* Teresina Central, posteriormente foi alçado ao posto de *Campus* avançado e, há dois anos, goza da autonomia jurídica junto ao Ministério de Educação e Cultura – MEC. Ele possui treze salas de aulas, laboratórios para ciências, informática, vestuário, cozinha e desenho técnico, biblioteca, refeitório, quadra poliesportiva, dentre outras instalações que estão, minimamente, adaptadas para pessoas com restrições de mobilidade.

Hoje, o IFPI Zona Sul, possui 75 docentes e mais de 1000 discentes.

#### **5.4 As oficinas: momentos de travessias, idas, retornos e escaladas**

Considerando a complexidade de temáticas que envolvem as homossexualidades foi preciso pensar cuidadosamente em vivências que pudessem envolver as/o jovens para se despirem do medo de revelá-las. As oficinas de vivências, baseadas em elementos da sociopoética, com os/as jovens da pesquisa buscavam discutir elementos significativos de suas vidas, sua orientação sexual e a relação desses elementos com a escola, aprofundando-os quanto à interação pesquisadora-atrizes-ator sociais pesquisadas/o e a necessidade de reflexão sobre essas temáticas.

As oficinas com elementos artísticos foram pensadas para tornar o momento da pesquisa também lúdico, pois trazendo arte para a pesquisa podemos causar o estranhamento e, assim, interagir o corpo e arte e desse encontro saem os conceitos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos, metafóricos e até inusitados (ADAD, 2004). Para Gauthier (2010), essas produções são conceitos desterritorializados, bem como,



confetos inusitados. O objetivo é mostrar que toda pessoa possui uma veia filosófica, sendo capaz de criar conceitos, de filosofar.

As oficinas buscavam responder aos objetivos da pesquisa e ao problema, ambos já mencionados na introdução deste texto, de forma mais lúdica, pois os partícipes são jovens e essa ludicidade é cotidiana em suas vivências. Também pensei em não fazer dos nossos encontros para a pesquisa, momentos monótonos onde alguém fala e as outras pessoas apenas são expectadoras e respondem monossilabicamente ao que se pede. Desejava que aquelas oficinas para produção dos dados fossem momentos prazerosos para nós.

Apesar de prazeroso pesquisar com arte, me senti insegura por se tratar de uma metodologia com a qual eu não tinha intimidade. Realizei as oficinas sem o temor de principiante, porém com a cautela que a/o mesma/o principiante tem. Uma certeza me povoava, era a de que, me arriscar nesta empreitada me possibilitaria perceber dados que são sutis no expressar e fortes no significar e que, a Sociopoética, poderia promover essa percepção, certamente. Adad (2004), inspirada em Deleuze, diz exatamente o que se passava em meu corpo naqueles dias

Enfim, eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso, mas como já entrei, quero deixar claro que o farei, sem alardes e nem pompas, pelo caminho do meio entre tantos fazeres e saberes do grupo pesquisador. A intenção é que a partir da Sociopoética possamos criar condições para que a máquina revolucionária, a máquina artística, a máquina analítica da pesquisa se tornem peças e engrenagens umas das outras (p. 62-63).

As oficinas cumpriram, ou tentaram cumprir, o que se propuseram e se configuraram em uma importante ferramenta de produção dos dados, porém não foi possível encontrar respostas para o objetivo específico que se propõe investigar sobre as práticas pedagógicas no IFPI e, para tanto, utilizamos o questionário como ferramenta de complementação dos dados.

### **5.5 Escritos: por que ainda foi preciso dizer algumas coisas**

Neste tópico falo sobre o questionário, que é um instrumento bastante utilizado na metodologia das pesquisas qualitativas e aqui, como já mencionado anteriormente, foi utilizado para obter informações necessárias à consecução do terceiro objetivo específico que trata das ações da escola.

O questionário, segundo Richardson (2008), é realmente uma entrevista estruturada, assim, o utilizei como complemento para identificar dados que seriam expostos com mais facilidade nas entrevistas do que nas oficinas. Ele é um instrumento de pesquisa composto por questões elaboradas previamente e organizadas numa sequência, acerca do tema em estudo (MACIEL, 2012). A escolha do questionário muito se deu pautada no que afirma Richardson (2008): “os questionários cumprem, pelo menos, duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social” (p. 189). Assim, o questionário objetivou conhecer o que os sujeitos que participaram da pesquisa pensam sobre o IFPI, quando trato das práticas e ações pedagógicas.

### **5.6 Os diários de itinerância: o que o corpo sente as palavras refletem**

O diário de itinerância é uma ferramenta muito importante na produção dos dados na pesquisa com abordagem Sociopoética. Ele também tem a utilidade que, no imaginário social, o diário da adolescente, por exemplo, tem. Escrever memórias! Memórias boas, estranhas, tristes, incômodas, enfim, memórias que nos atravessam e nos afetam.

Esse recurso durante as oficinas é importante porque algumas memórias, alguns conceitos que podem não ser expressos nas produções, acabam por vezes sendo explicitados nos diários. René Barbier (2007) o propôs como técnica de pesquisa-ação. Foi ele, também, que pensou e cunhou o termo, o qual é entendido como “bloco de apontamentos, no qual cada um mostra o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à vida”.

Os diários são cadernos de nossas vidas que, escritos por nós, nos revelam e nos declaram. Lá estão contidas nossas lembranças, vivências e experiências dos momentos experienciados nas oficinas temáticas. Essas experiências nos atravessam e constroem nossos conceitos e sobre esse elemento importante Larrossa (2002) diz que

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiência que caracteriza o nosso

mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 21).

Pode-se perceber assim, que tudo em nossa vida é importante e na pesquisa tudo, aquele pequeno detalhe tem importância na coleta e análise dos dados. Nada deve ser interpretado como insignificante. A informação que nos vem conscientemente é dado importante, porém o que reside em nós de maneira inconsciente, também o é. Na pesquisa Sociopoética, devemos trilhar por esta recomendação de considerar também esses dados inconscientes. Sobre essa consideração Gauthier (1999) nos orienta que “os membros do grupo pesquisador devem conseguir baixar seu nível de controle consciente, a fim de que expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual”.

## 6 SEXTA COR: O ILUMINAR DO **AMARELO** NA CARTOGRAFIA DOS DADOS

Fotografia 13– A mesa organizada para  
uma das oficinas, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

[...] toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa, que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas relações, desenvolvendo implicações – mas, que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos.

(Prefácio de Roberto Machado em *Microfísica do Poder*, 1979, XI)

Teoria provisória. Sim, as teorias são construídas, desconstruídas e reconstruídas. Não há cristalização dos saberes ou, pelo menos, não deveria haver. Tentativas de produzir conceitos brutos e engessados sobre algo são constantes, mas felizmente, não passam de tentativas frustradas, acredito.

Assim, dedicarei este momento para refletir as produções das/o jovens nas oficinas por meio da cartografia da realidade, os sentidos e ressignificações expressas e nas respostas ao questionário aplicado. Com base nos dados produzidos e respostas nessas duas estratégias metodológicas, construirei a análise, registrando o que cada uma e cada um diz sobre si mesma/o e seu encontro com a percepção de estar vivendo e desejando coisas que não entendiam e que posteriormente compreenderam ser traços das suas respectivas homossexualidades.

### **6.1 Primeira oficina: aproximações e descobertas iniciais rumo ao mergulho**

A partir daqui relatarei o meu percurso nas duas oficinas que realizei com as/o jovens sobre as homossexualidades e a escola, fazendo o recorte da homofobia. Elas foram realizadas na Universidade Federal do Piauí-UFPI, pois temia que as/o jovens da pesquisa fossem identificadas/o no IFPI ao realizarmos as vivências. Outro motivo que influenciou na escolha de realizar as oficinas fora do IFPI – Zona Sul é o fato de suas salas de aulas estarem todas ocupadas nos três turnos e não ter auditório, sala de dança ou um espaço mais adequado para que fosse possível realizar as oficinas.

Na primeira oficina, dia 13 de abril de 2012, estava um pouco nervosa, pois aquele momento era muito esperado por mim. Representava iniciar a “mão na massa” na pesquisa, não desmerecendo os momentos de estudos e sabendo que teoria e prática tem a mesma importância para este processo. Ali eu estava vivendo a pesquisa, literalmente no gerúndio! Era o movimento, era ação, era emoção, era produção. Ver a teoria se materializar!

A oficina contou com a ajuda valiosa do mestrando em educação, Romário Nascimento, que colaborou na organização do material e fotografando os momentos da pesquisa. Arrumamos a sala, deixamos o centro da sala livre para podermos ficar mais a vontade ao sentarmos no chão. Colocamos os materiais sobre a mesa para facilitar o manuseio. Neste dia usamos como materiais cola, tesoura, pincéis hidrocores, revistas, jornais, folhas de papel A4, cartolinas, palitos de picolé e fita adesiva.

Convidamos as/o interlocutoras/o para sentarmos no chão. Expliquei mais uma vez sobre a pesquisa enquanto elas/o ouviam atentamente minhas palavras. Descrevi como seria a oficina naquele dia e, partimos então, rumo à primeira vivência.

Iniciamos confeccionando as máscaras para que cada uma/um fosse identificada/o. O objetivo da confecção das máscaras foi apenas para identificação das/o participes da pesquisa, por isso não serão analisadas como dado da pesquisa. Pode-se informar, também, que a máscara representa a edificação/construção do pseudônimo. Para esse momento eu já trouxera de casa os moldes das máscaras prontos com os dois buracos furados representando os olhos. Dei um molde feito de cartolina a cada uma/um e expliquei que o motivo das máscaras estarem presentes naquele momento era uma forma de identificar cada pessoa pesquisada no texto para quando precisasse usar, por ventura, rostos. Acordamos que o ato da confecção seria utilizar recortes de revistas e jornais ou, se preferissem, desenhadas por elas/e. Decidi participar desse momento e confeccionar minha própria máscara, construir a face da Alanis.

A escolha de confeccionar máscaras para nos identificar foi um recurso utilizado para preservar a identidade de cada uma e cada um. Outra perspectiva foi que cada pessoa construísse a sua face, sua identidade, sua cara, pois o nosso rosto pode representar um buraco, em que todos os sentidos estão propensos a serem tragados, como pode ser tela branca, em que diversos sentidos sociais e culturais podem vir a serem inscritos (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31-32). Essa era a expectativa da construção máscara de cada pessoa. Inscrever sua história em sua máscara.

À medida que as máscaras iam sendo construídas, foi nítida a presença do entusiasmo e da criatividade. As figuras, os desenhos, os novos rostos, tudo ia sendo construído e iam tomando formas de acordo com a vivência, a percepção de cada pessoa. Fui percebendo que estava no caminho certo. Pesquisar com arte é muito prazeroso!

Cada máscara que ia sendo construída eu ia percebendo que não existia medo em falar de si e de sua vida naquele momento. Falar de você e depositar essas informações num quadrado pequeno parecia difícil num primeiro instante, mas assim que as revistas foram sendo folheadas, as fotos foram aparecendo, as cores foram sendo percebidas e, qualquer medo, que porventura tenha existido, já não estava mais presente ali.

A vontade de mergulhar na vivência era tão grande que me senti encorajada a participar e criar minha própria máscara. Também queria estar imersa naquela atmosfera.

As máscaras serão logo mais apresentadas num capítulo específico sobre a biografia de cada uma/um das/o partícipes. Após a sua confecção das máscaras, apresentamos (partícipes e pesquisadora) cada uma delas e falamos como foi à escolha das gravuras, o que cada uma delas representava em nossa vida. Dissemos como os desenhos interagiam conosco e o que era importante em nossa trajetória foi sendo marcado naquele “recorte-colagem” da máscara. Trabalhamos em 25 minutos para imprimir nosso olhar em um pedaço de papel. Foi surpreendente!

Frases marcantes estavam estampadas nas máscaras e o que cada pessoa pensava de si estava escrito ali também. Rostos redesenhados e reescritos. Me encontrava em algumas escritas, via minha vida refletida em algumas “caras”. Eis algumas falas:

“Aceite o desafio”. (Katy).

“Amor não tem raça, cor ou sexo”. (Cazuza).

“Não ao preconceito!”. (Avril).

“Todo mundo é igual”. (Cazuza).

Essas são palavras que me “retrospectizavam” a alma e os pensamentos. Começava a enxergar cada uma e cada um e perceber as semelhanças do que eu vivera. Verbalizavam coisas reais, fortes e emocionantes. E eu escrevia em minha máscara “onde quer que seja” para dizer que não importa onde eu onde esteja, qualquer lugar, eu tentarei ser o mais fiel aos meus desejos, afetos e vontades, quase uma spinozana!

A próxima vivência foi pensada para conhecer melhor a vida de cada uma/um e como se perceberam LGBT’s. Foi entregue papel A4 e pedi que colocassem suas lembranças impressas. Essas impressões transferidas para o papel carregam o pouco, se considerarmos as idades das/os partícipes, e o muito, a considerar todo o processo de percepção, às vezes aceitação, vivências clandestinas ou visibilidade da sua condição de LGBT. Esse processo mostrou que a memória

[...] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1983, p. 9).

Recomendei que buscassem trazer o que, de mais significativo, estivesse presente em suas lembranças. Sabendo que a descoberta da homossexualidade nem sempre é um momento fácil em nossas vidas, interpretei que aquelas/es jovens não fugiriam às estatísticas. Certamente suas vidas, em algum momento delas, eles/as

experenciaram momentos de dificuldades, tristezas, incertezas por não saberem e/ou entenderem que sentimento era aquele que estavam vivendo e que a maioria das pessoas não aceitava e, possivelmente, elas/e também não se aceitassem.

É bem verdade que certamente o que cada uma/um partilharia naquele momento talvez não tivesse a fidedignidade dos acontecimentos reais, pois o tempo e a vida encarregam-se de interferir na construção de nossas memórias seja crescendo ou diminuindo informações em nossas lembranças, pois

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1983, p. 17).

A construção dos impressos de suas vidas ia se efetivando e percebi uma similitude entre o que estavam realizando e o memorial. O memorial representa as escritas de sua vida. Brito (2010) pontua que escrever um memorial pressupõe reflexão prévia e como é um registro sequenciado de ideias permite ao sujeito resgatar vivências, estudos e aprendizagens. Além disso, a autora em tela lembra ainda que

[...] memorial é relato escrito de forma abrangente, que implica descrição, análise, interpretação das memórias selecionadas, dos conhecimentos produzidos e das aprendizagens auferidas. Memorial é um texto. É um percurso. É uma trajetória. É um movimento feito de várias trajetórias, e, cuja tessitura, pela trama, seus trançados e traçados, produz um tecido denso, resistente e, em geral de bela estampa. (BRITO, 2010, p. 58).

Visualizei que esse era o sentimento! Estavam estampando suas vidas ali e desvelando informações sobre o seu desejo, o seu amor, suas experiências, seja nos espaços familiares, escolares ou sociais. Pude ver que falar de suas vidas trazia um traço de tristeza, mas também percebi alegrias no desejo e na certeza de o futuro delas/e seria diferente e sem intolerâncias. Cada uma e cada um trazia inscritos em seus corpos, marcas, saberes e ditos relacionados com suas histórias e suas existências (LARROSA, 2002).

Falar do passado é falar, também, do que ajudou a construir nosso presente e que será importante para o futuro. Tudo o que vivemos tem imprescindível valor em nossa jornada pela vida. O pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Jr,



magnificamente inspirado em Foucault, expressa bem o que eu disse nas linhas anteriores. Ele nos instrui que

[...] o passado se configura, adquire forma, é desenhado na incessante batalha que os homens travam no presente, buscando dar a ele uma consistência, uma estabilidade, uma memória, que sirva de suporte para projetos, estratégias, astúcias, que apontam para a construção de verdades possíveis sobre o ser do homem no tempo. (ALBUQUERQUE JR, 2000, p. 18).

Assim vimos nos memoriais construídos com recortes de revistas que carregavam muito de pedaços das vidas daquelas pessoas. Cores, traços, riscos, desenhos, escritos, ditos, colagens, afeto, verdade, vontade e muita coragem para falar de si em pouco tempo, em pouco espaço e para muitas/os. Sim, o trabalho será lido por muitas pessoas, assim espero.

A nossa primeira análise será da produção de Cazuza. Como já informei, ela é uma das mais convictas do grupo sobre sua condição de LGBT. Ela é muito corajosa e decidida e, durante a oficina, em momento algum mostrou dúvida ou receio de dizer sobre ela e do seu amor por iguais. Eis sua produção:

Fotografia 14 – Memorial de Cazuza, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Essa é a produção traçada por Cazuzza e já é iniciada fazendo menção à sua infância

Enquanto todas as crianças brincavam no intervalo da creche, eu não parava de pensar na minha colega de classe que tinha faltado e apesar de nós não nos falarmos, eu só pensava nela... Foi estranho e acho que foi o começo [...]

A infância representou para ela o momento da percepção desse sentimento que aos poucos trazia uma

[...] sensação esmagadora de desespero. Meu cérebro era, basicamente, o meu maior algoz. Eu fiquei com medo de mim mesma.

E sobre essa sensação “esmagadora” completa

Foi assim que me senti bem no começo e quando descobri pelos meus próprios amigos que isso não era tão “natural”.

O perceber-se vivenciando uma situação que foge ao convencional provoca um, certo, desconforto, é fato. Logo uma pessoa que se percebe, ainda criança, vivendo uma situação diferente das que as/os demais pessoas da sua idade e convívio vivem, pode representar algo aterrorizador. Acredito que foi um terror essa “sensação esmagadora” que Cazuzza sentiu. O desejo de estar próximo da coleguinha de classe, na verdade era o desejo e estar perto do corpo, perto do desejo, perto do amor. Sentimento desconhecidos, do ponto de vista da dimensão, da realidade e da intensidade. Vividos na inocência e desconhecimento. Esse sentimento já era criticado, maculado, impedido e negado para ela, visto que não compartilhava a falta que ela sentia da menina, ao contrário, segredava-o com temor do castigo, legitimando, assim, a inferiorização das homossexualidades ao longo da história pelas nossas sociedades (PRADO; MACHADO, 2008).

Observando elementos importantes na vida de uma pessoa, vemos o quanto a família representa na construção social dela. Cazuzza fez menção à sua família. Sobre as famílias, de um modo geral, digo que ao perceber um traço da presença de pessoas homossexuais em seu seio é instalado imediatamente o processo de exclusão e descredenciamento de suas funções nela, visto que encontrar conforto e aceitação sobre a sua condição de LGBT ainda representa uma raridade, pois

[...] Os medos e desejos, seus silêncios e seus sons continuam imperando nos porões subterrâneos da vida cotidiana velada pelas máscaras sociais. A história das homossexualidades é permeada por uma multiplicidade de ruídos emitidos no seio das ambiguidades familiares. Entre tapas e beijos, vivemos no meio de famílias plurais e algumas veem no desejo homossexual uma potência ameaçadora [...] (BARROS JÚNIOR, 2007, p. 91).

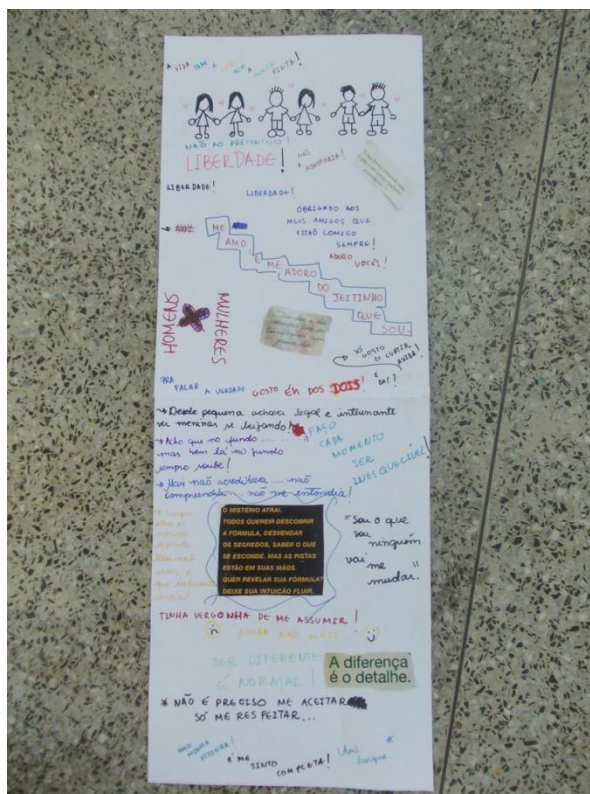
Quanto à sua família e o que vive com ela, diz que gostaria de ter uma “relação mais aberta” e sobre sua casa diz que gostaria de “ter um lugar pra chamar realmente de lar”. Esse sonho da casa própria é uma construção das/os adultas/os que a juventude, cada vez mais, incorpora como seu sonho. Refletindo que “os sonhos derivam da carência” (MATOS, 2003, p. 64), ela ainda nos diz, sobre sua vontade de ter uma casa, que

Não importa a cara que a sua casa tem, ela é o seu lar. É o lugar onde você se sente à vontade, repõe as energias, compartilha momentos com a família e os amigos.

Outra informação do seu memorial diz respeito à lesbianidade. Sobre sua condição de lésbica disse que, quando descobriu que “ser gay não é doença”, começou o seu processo de aceitação e, assegura, que a partir daí “me entendi, me respeitei...”. Mesmo muito jovem, Cazusa, vivencia uma fase da sua vida que ainda é muito conflituosa com a maioria das pessoas não heterossexuais. Começa a passar por mudanças profundas que compõem o processo de aceitação, que alguma vezes exige que busquemos outros espaços de sociabilidade para sentirmos segurança em visibilizar e vivenciar a homossexualidade (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77).

Ela finaliza suas memórias dizendo “acho essencial ser quem quero ser, não o que devo e que posso. Sim o que quero”, mostrando sua força e coragem, como já mencionado por mim aqui neste texto.

Fotografia 15 – Memorial de Avril, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Como já mencionei anteriormente, Avril, é a mais falante do grupo das meninas e vejo certeza nas palavras que profere. Ela inicia suas memórias dizendo que “a vida tem a cor que a gente pinta!”, mostrando o seu protagonismo e que é dona de suas palavras (MATOS, 2003). Ela vai descrevendo e desenhando seus momentos de forma a preencher quase todos os espaços que ela se propôs a completar. Gosta de preencher espaços, preencher sua vida.

Da sua infância ela recorda que

[...] achava legal e interessante ver as meninas se beijando! Acho que no fundo sempre soube! Mais não acreditava... Não compreendia... Não me compreendia!

Avril, assim como Cazusa, não entendia o que sentia na infância, mas já sabia que o seu desejo era considerado impróprio e não aceito socialmente, por isso não o revelava (PRADO; MACHADO, 2008). E hoje, mais consciente, sobre seus sentimentos ela se mostra enigmática, porém não mostra preocupação em viver os seus sentimentos. Esta afirmação fica visível quando ela diz que

O mistério atrai. Todos querem descobrir a fórmula, desvendar os segredos, saber o que se esconde. Mas as pistas estão em suas mãos. Quer revelar a fórmula? Deixe sua intuição fluir.

Ela passa por um momento de empoderamento (MATOS, 2003), comum na juventude, em relação à sua condição de bissexual e deixa a certeza disso ao dizer “pra falar a verdade... gosto é dos dois”, se referindo aos homens e as mulheres. Afirma que só quer curtir a vida e sobre mulheres diz que

Sempre olhei as meninas diferente... *Mais* não sabia o que realmente sentia! Tinha vergonha de me assumir! Agora não mais...

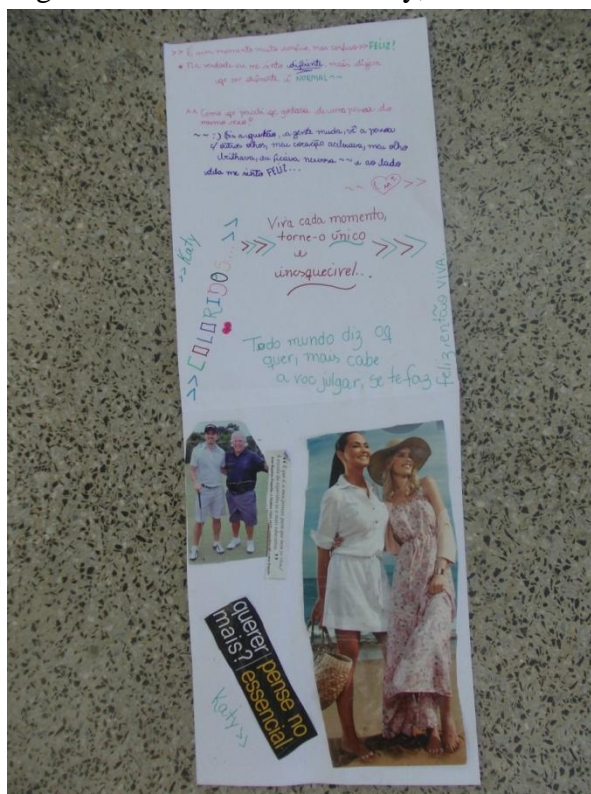
Quando falamos mais profundamente sobre homossexualidades ela é enfática “ser diferente é normal! A diferença é o detalhe. Não é preciso me aceitar, só me respeitar...” Essa assertiva dela mostra o quanto houve um avanço no processo de aceitação das homossexualidades pelo indivíduo que se percebe vivendo o “amor que não ousa dizer o nome”. Deve-se considerar que foi “um avanço e uma conquista política, no esforço de desconstruir a categorização médica e ideológica, discriminatória da homossexualidade como “doença”, “suspensão do desenvolvimento sexual normal”, “inversão sexual” (SOUSA FILHO, 2007, p. 17).

Sobre si mesma faz uma auto propaganda, presença forte da sua auto estima elevada, dizendo

Amo minha vidinha! Me sinto completa! Sou o que sou e ninguém vai me mudar. Me amo e me adoro do jeitinho que sou.

Uma constante nas falas do grupo é a presença das/os amigas/os em suas vidas e quão forte se faz a ajuda, a companhia e o afeto delas/es (MATOS, 2003). Avril diz não se sentir solitária, pois seus “amigos estão sempre com ela”.

Fotografia 16 – Memorial de Katy, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Compartilho agora as memórias de Katy e sobre como começou a se perceber bissexual. Ela inicia dizendo que “na verdade eu me sinto **diferente**<sup>18</sup>, mais dizem que ser diferente é **normal**<sup>19</sup>. É um momento muito confuso, mas confuso >> feliz!”. Do grupo ela é a pessoa que é menos efusiva quanto a sua bissexualidade, beirando, talvez, uma timidez em revelar quem realmente é, pois “cada indivíduo interage de maneira própria, singular e única com o seu entorno ambiental” (LORENCINI JÚNIOR, 1997, p. 87).

As descobertas sobre sua sexualidade a deixam um pouco triste em relação à sua família. Ela chegou a comunicar à sua mãe que interpretou como brincadeira, ou será que não quis realmente enfrentar a condição da filha como bissexual, namorando uma mulher ao invés do rapaz tão esperado pelas famílias para entregar Katy para o matrimônio heterossexual?

Esse modelo de família tão desejado está fadado ao fracasso atualmente, como advento dos novos arranjos familiares, famílias alternativas, “famílias recompostas”,

<sup>18</sup> Grifo de Katy.

<sup>19</sup> Idem 15

enfim “não existe mais, no interior de uma mesma sociedade, um modelo de família considerado o único válido e aceitável para todos” (MELLO *et al.*, 2009, p. 162).

Katy não sabe dizer bem quando, em idade, se percebeu bissexual, porém sabe dizer o que realmente sente quando identifica uma jovem, pela qual se sente atraída. Perguntei como ela percebeu que sentia algo diferente por mulheres e ela repetiu a pergunta como se a fizesse a si mesma dizendo “Como que percebi que gostava de uma pessoa do mesmo sexo?” e prontamente responde cheia de certeza

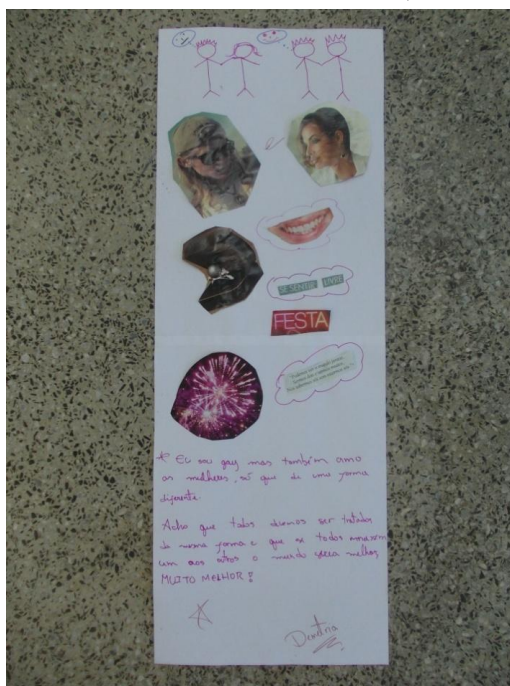
Eis a questão, a gente muda, vê a pessoa com outros olhos, meu coração acelerava, meu olho brilhava, eu ficava nervosa e ao lado dela me sinto feliz...

Ela, do grupo, é a mais “econômica” nas palavras e a mais “sovina” nos escritos. Mas aos poucos ela compartilha frases pequenas como

Todo mundo diz o que quer, *mais* cabe a você julgar, se te faz feliz, então viva.

Viver e ser feliz é quase uma unanimidade entre os seres humanos. Katy não foge às estatísticas. Sem muitas palavras sobre o assunto, mas apenas com os poucos escritos percebi que ela realmente quer viver esse momento com intensidade e ser feliz. Feliz em viver a sua bissexualidade.

Fotografia 17 – Memorial de Demétria, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

A produção das memórias acima é de Demétria, o único jovem do grupo. Nesta etapa da pesquisa ele foi tão econômico e sovina quanto Katy. Escreveu pouco, porém suas colagens dão pistas, à primeira vista, do que ele realmente quer e sonha. A figura de um anel, provavelmente de noivado denuncia que ele quer compromisso sério (MATOS, 2003).

No topo do seu memorial ele coloca dois desenhos. O primeiro desenho é ele segurando a mão de uma menina, onde ele aparece com o pensamento triste. O segundo desenho é ele segurando a mão de outro garoto, onde seu pensamento agora é de alegria. É uma demonstração nítida o quão desconfortável estava quando ainda vivenciava experiências heterossexuais, embora a sua relação com as mulheres seja de “amor”, segundo ele e diz “eu sou gay, mas também amo as mulheres, só que de uma forma diferente”.

Amar diferente as mulheres seria vergonhoso para um homem há anos atrás. Era quase um pedido de execração pública. Apesar de a sexualidade ser algo considerada natural entre nós, como o “ar que respiramos”, as práticas das sexualidades, as identidades sexuais, à exemplo das homossexualidades, não alcançam, ainda, este *status*, quase, beirando a anormalidade para uma significativa parcela da nossa sociedade imersa em preconceitos (PRADO; MACHADO, 2008).

Sobre a condição de gay, compreende-a bem e percebo o quanto, em determinado tempo da sua vida, confuso, ele desejou sair deste conflito. As/os amigas/os exerceram um papel imprescindível neste transpor de etapas sendo, portanto, “fundamental para deixar de ter uma relação silenciosa com a homossexualidade e ter coragem em lidar com minha própria experiência e, ao fazê-lo, me sentir mais parte do mundo” (LOPES, 2009, p. 356). Com fortes ideias de igualdade entre os seres humanos ele finaliza dizendo que

Acho que todos devemos ser tratados da mesma forma e que se todos amassem uns aos outros, o mundo seria melhor, **muito melhor!**<sup>20</sup>

Demétria é bastante segura dos seus desejos e sabe que o caminho da homossexualidade é carregado de momentos difíceis, porém ele não pode ir contra tudo o que ele sente e acredita.

---

<sup>20</sup> Grifo de Demétria.



Ao final deste dia intenso da nossa primeira oficina, fiz o convite ao grupo para partilhar o que sentiam naquele momento. O diário de itinerância foi apresentado ao grupo como uma proposta de dividir suas impressões e sensações. Eis algumas memórias daquele momento:

“Não me julgue por não ser igual... a você! Carrego a verdade aqui no olhar...”

Avril

“[...] me senti livre pra escolher como eu gostaria de ser, sem amarras ou medos, apenas me guiei pelas minhas emoções. mas o melhor foi: Ninguém me julgou por isso. Gostaria que na ‘vida real’ fosse dessa forma [...] Demétria

“*Nmg*<sup>21</sup> está livre do preconceito, mas só queremos respeito”. Katy

“Não desejo nada de mal pra ninguém!!! Só quero que me aceitem como sou!”

Cazuza

“[...] quem sabe juntos não possamos tirar o preconceito não só das escolas *mais* também das ruas”. Cazuza

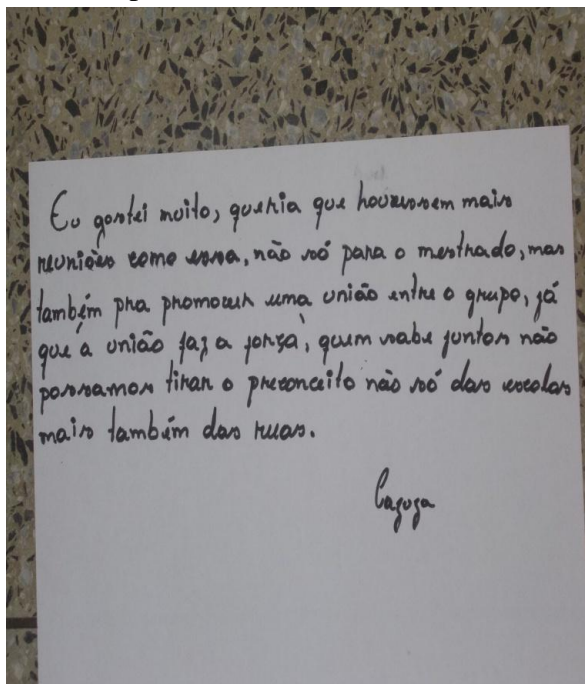
Podemos perceber nas falas que o desejo da aceitação e do respeito permeia a vida destas/es jovens. Entendi que aquele momento que vivenciavam e dividiam comigo suas angústias, alegrias e sonhos representava um bom momento. Um momento de clemência, de paz e de dignidade.

Seguem nas páginas a seguir as fotografias dos primeiros diários de itinerância do grupo pesquisado, onde podemos perceber os sentimentos vividos naquele dia.

---

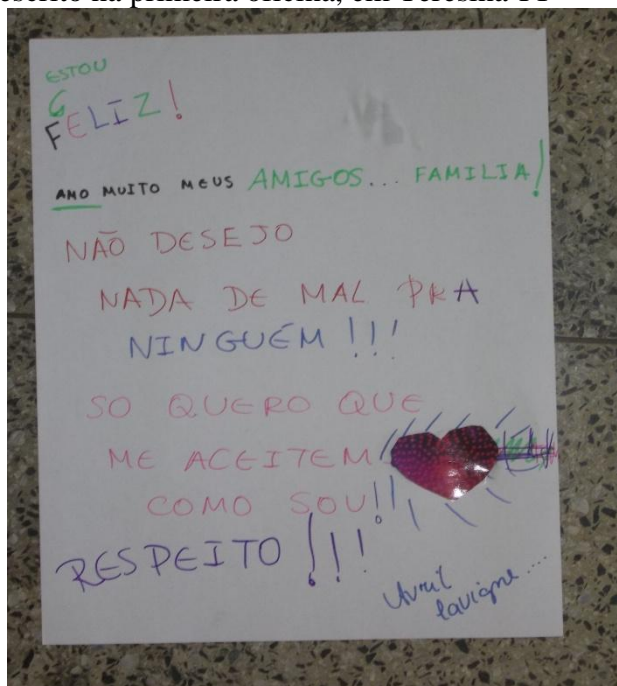
<sup>21</sup> *Nmg* é um diminutivo da palavra “ninguém” muito usado nas conversas on-line e nos bate-papos virtuais para agilizar a comunicação.

Fotografia 18 – Diário de itinerância de Cazuzá escrito na primeira oficina, em Teresina-PI



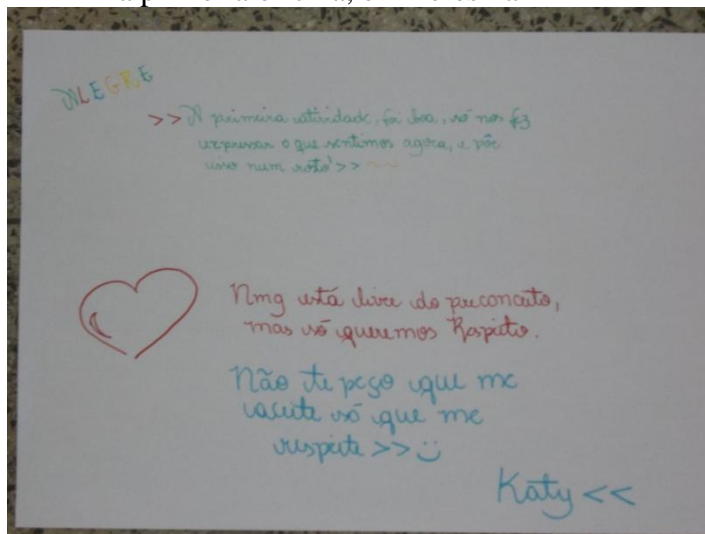
Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Fotografia 19 – Diário de itinerância de Avril escrito na primeira oficina, em Teresina-PI



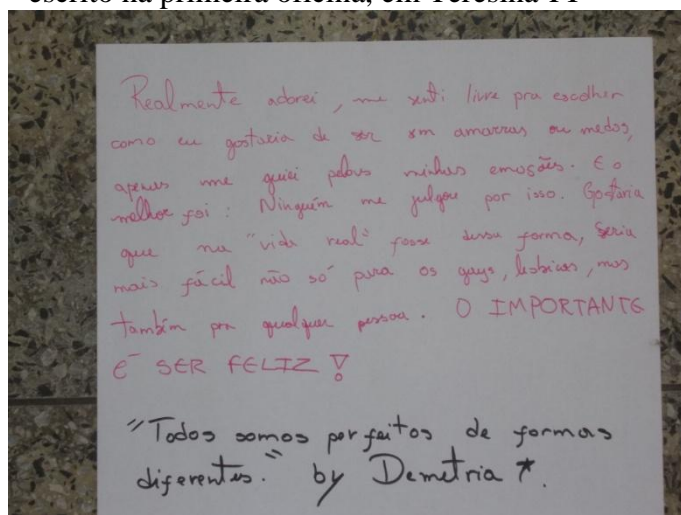
Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Fotografia 20 – Diário de itinerância de Katy escrito na primeira oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Fotografia 21 – diário de itinerância de Cazuzza escrito na primeira oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Os diários de itinerância deste dia devem ser interpretados como a forma do grupo dividir o despertar das homossexualidades em suas vidas e todos os sentimentos trazidos a reboque desta descoberta.

## 6.2 Segunda oficina: intensidade no mergulho em busca da profundidade

A segunda oficina aconteceu na semana seguinte à realização da primeira, dia 19 de abril de 2012. Nela busquei encontrar respostas para os objetivos específicos da pesquisa. Dessa vez, além de Romário Nascimento, estava Pollyana das Graças, estudante do curso de pedagogia da UFPI, pesquisadora do Observatório das Juventudes – OBJUVE e com experiência em conduzir oficinas com a proposta da abordagem Sociopoética e que contribuiria com a filmografia da oficina.

A primeira dinâmica envolvia um momento de relaxamento para a produção dos dados e, aquelas/e jovens, vivendo a explosão da juventude, não estavam acostumadas/o a essa calma. Senti dificuldades para que imergissem naquele momento e na proposta. Deitadas/o sobre colchonetes em decúbito dorsal e de olhos fechados, pedi que apenas me ouvissem e que realizassem o que eu fosse pedindo. Demorou um pouco, mas eu percebi que elas/e foram se sentindo seguras/o e encorajadas/o a mergulhar naquele momento de relaxamento. A foto a seguir mostra como estavam dispostos os colchonetes na sala.

Fotografia 22 – Organização da sala para a realização da segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

As palavras que eu ia pronunciando me davam a certeza de que eu encontraria as respostas para as minhas inquietações. Sentia que meu caminhar dentro daquela sala eram passos firmes e seguros e, mesmo de olhos fechados, aquelas/e jovens depositavam em mim confiança e segurança e pouco a pouco iam se entregando ao momento. O texto que lia bem devagar e de forma calma (dificuldade para mim, pois sou muito agitada “normalmente”) pedia que eles/as fizessem uma viagem pelo IFPI e

lentamente fui dando coordenadas de novas situações. Socializo agora o texto que li e que pedia que eles se tornassem o “BICHO<sup>22</sup> DA HOMOFOBIA”.

Nesse momento, feche os olhos e respire profundamente, respire, respire... Procure se concentrar. Respire. Sinta seus pés, seus dedos... Suas pernas... Sua barriga, toque na sua barriga. Imagine seu rosto, seus olhos, seu nariz, toque no seu rosto... Agora, imagine-se no IFPI Campus Zona Sul e você está sozinho/a no jardim da sua escola. Você está caminhando com os pés descalços pelo chão. Sinta este contato com a terra... O vento nos cabelos... Nesse momento, você vê próximo de você uma grande bolha transparente e se aproxima dela. Você entra na bolha e se sente protegido/a pela bolha. (silêncio). A bolha começa a se movimentar. De repente, você sente como se estivesse saindo de você. Você começa a se transformar. Você se incorpora num bicho. Você agora é um BICHO DA HOMOFOBIA. Como você se sente sendo esse bicho? De repente, a bolha transparente começa a se movimentar, a sair do lugar. Você agora fará uma viagem imaginária. No trajeto o BICHO DA HOMOFOBIA NA ESCOLA vai enfrentar obstáculos. Há muitas cores e sons por onde você passa. E você presta muita atenção a tudo a sua volta. Viajando, de repente, a bolha fura, começa a secar e você cai dentro do buraco da HOMOFOBIA. O BICHO encontra dificuldades dentro do buraco. Que dificuldade o BICHO DA HOMOFOBIA enfrenta dentro do buraco? Qual a atitude do BICHO nesse buraco? O que ele faz no buraco? De repente uma pessoa aliada se aproxima para ajudar o BICHO a sair do buraco. Como é essa pessoa aliada? Respirando profundamente, O BICHO se potencializa e sai do buraco com a ajuda da pessoa aliada. Com a pessoa aliada, você agora pode continuar a viagem, este BICHO DA HOMOFOBIA chega ao topo de uma montanha. Com ajuda de quem ele subiu ao topo da montanha? Quais as reações dele? Como O BICHO se sente subindo a montanha? O que o bicho encontra no topo da montanha? O que ele vê? O que ele faz? O QUE ELE PENSA SOBRE A HOMOFOBIA? Enfim, O BICHO DA HOMOFOBIA começa a retornar da viagem, mexendo os pés, mexendo as mãos e abrindo os olhos. Pergunto: O que é o BICHO DA HOMOFOBIA?<sup>23</sup>

Enquanto o texto ia sendo lido, Pollyana ia distribuindo silenciosamente ao lado deles/as o material: pincéis, papel CansonA4 e massa de modelar. À medida que iam retornando do relaxamento fui pedindo que silenciosamente pegassem o material e tentassem produzir o caminho percorrido durante o relaxamento. Percebi que sentiram dificuldades, porém informei que não era preciso desenhar todo o percurso se não conseguissem, bastaria desenhar o momento que elas/e interpretassem como mais significativo.

Em seguida informei que a massa de modelar era para que produzissem o BICHO DA HOMOFOBIA e o posicionassem dentro do percurso desenhado por cada uma/um. A produção plástica dos BICHOS DA HOMOFOBIA foi outro momento que percebi extremo prazer na realização por parte dos jovens. As mãos mexendo na massinha de modelar denotavam uma sensação de prazer muito grande.

Também pedi que nomeassem os seus “bichos” e percebi dificuldade em relacionar um nome a eles. Em seguida pedi que cada pessoa apresentasse seu percurso.

<sup>22</sup> Escolhi a metáfora do BICHO por entender que a manifestação da homofobia não é uma situação de conforto e nem tão pouco prazerosa para a população LGBT.

<sup>23</sup> Texto adaptado do arquivo pessoal da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Shara Jane Holanda Costa Adad.

A timidez ainda era presente, porém cada um/a foi falando e se despidendo dos medos e revelando as tramas do seu caminhar. Ao perceber que algumas coisas precisavam ser ditas, estimei a verbalização com o auxílio de algumas perguntas-chave adaptadas do arquivo da prof.<sup>a</sup> Elisângela da Silva Fernandes. Ei-las:

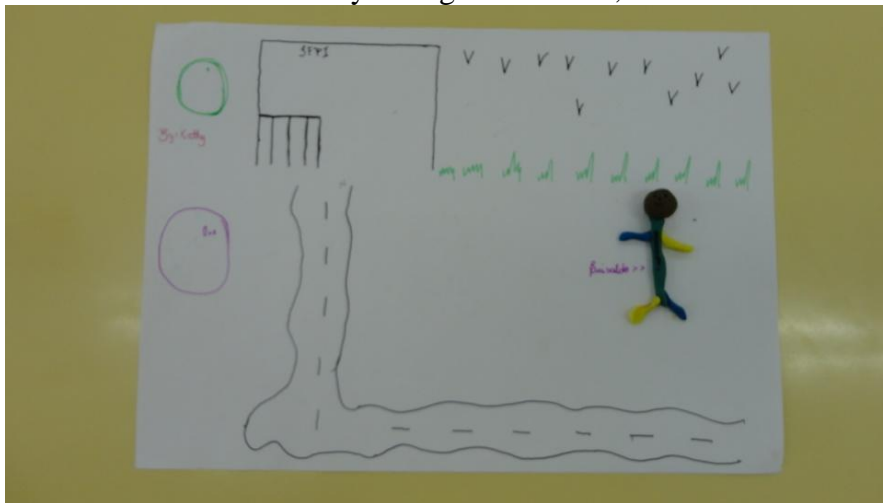
- *Quais os lugares que o bicho da homofobia passou?*
- *Quem ajudou o bicho a sair do buraco?*
- *Quais os desafios desse bicho nesses lugares? Sentiram dificuldades? Quais?*
- *O que o bicho da homofobia fez em cada um desses lugares-desafios?*
- *Quais as dificuldades enfrentadas pelo bicho da homofobia na escola? Quem lhe ajuda a enfrentar essas dificuldades?*
- *Como se sente o bicho da homofobia no espaço da escola?*
- *Qual relação deste bicho com a homofobia na escola?*
- *O que entende por homofobia na escola?*

Essas perguntas foram importantes, pois em determinados momentos percebia que algo queria ser dito e o que faltava eram pequenas frases estimulantes. Acredito ter conseguido obter boas informações.

A segunda oficina, que teve como produção o bicho da homofobia, foi permeada de revelações surpreendentes. Depois do relaxamento e da viagem imaginária pelo IFPI na bolha, podemos ver que as produções realmente são fruto do que o pensamento de casa uma/um desenhou na viagem imaginária.

Katy, chamou seu Bicho da Homofobia de Erivaldo, seu pai, pois ela vê nele a homofobia e outros preconceitos que vem a reboque como machismo, racismo e sexismo.

Fotografia 23 – Construção do percurso realizado pelo Bicho da Homofobia de Katy na segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Avril teve uma visão mais otimista do que vive hoje e profetiza que as coisas poderão mudar. Seu bicho da homofobia chama-se Lagarta, referindo-se ao futuro como borboleta. Veja como construiu sua viagem e o bicho da homofobia.

Fotografia 24 – Construção do percurso realizado pelo Bicho da Homofobia de Avril na segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Demétria chamou seu bicho da homofobia de Ignorius Ribeiro, em uma alusão a ignorância e o sobrenome de uma pessoa que ele “não gosta”.

Fotografia 25 – Construção do percurso realizado pelo Bicho da Homofobia de Demétria na segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Cazuza batizou seu bicho da homofobia de Sociedade Atual numa referência tudo e todas/as que nos cercam.

Fotografia 26 – Construção do percurso realizado pelo Bicho da Homofobia de Cazuza na segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Conhecemos as produções das/os partícipes e, em seguida, veremos o que dizem sobre homofobia, escola, cores, dificuldades, solidão, família, amigas/os e mais temáticas que as/os rodeiam. Início o quadro demonstrativo sobre como se sentiram na viagem imaginária.



Figura 01 – O que disseram sobre o início da viagem imaginária, em Teresina-PI

Avril	Foi legal quando eu entrei no CEFET, adoro grama e lá é gramado, então foi tão lindo (risos). Aí de pé descalço na grama foi legal. Da mesma forma que senti protegida, me senti sufocada. Foi estranho. Eu me senti mal, sei lá, eu entrei, aí olhava <i>pras</i> coisas de uma forma diferente. Não via, não conseguia sentir as coisas como elas eram. Olhava <i>pras</i> flores e, sei lá, era estranho.
Cazuza	Eu lembro que eu <i>tava</i> aqui na escola. Não, eu vi todos os meus amigos, mas aí eu tinha que estar sozinha, mas aí (risos) ficou ruim, eu não conseguia ficar sozinha, ficava pensando nos meus amigos na grama comigo. Assim, fui explicar. Eu fui pensar, aí até eu coloquei aqui um desenho que eu me senti vazia, eu senti que eu não tinha identidade, que eu <i>tava</i> sendo condescendente, que eu <i>tava</i> julgando uma pessoa pelo que diziam que ela era e eu nem sabia e nem procurava saber. Só me senti...sei lá, sem identidade, só mais uma pessoa ali no meio de tantas outras.
Katy	Sim, eu cheguei no Instituto, <i>né</i> . Também não consegui me imaginar sozinha lá. Imaginei meus amigos. Não imaginei a Renata <sup>24</sup> (risos). <i>Tô</i> brincando, aí, <i>né</i> , passeando sozinha, entrando. Caminhei, fiquei lá fora, lá naquela parte da grama que a gente sempre fica lá conversando só besteira. Deitada na grama ficava conversando. Porque, tipo assim, a partir do momento que você se descobre assim você é feliz, mas você fica triste porque tem as pessoas que você gosta não vão te aceitar. As pessoas que você mais gosta, tipo assim, meu maior medo é contar para a minha mãe e ela não aceitar, porque é a pessoa que, tipo assim, eu mais gosto, que eu me espelho nela, essas coisas. Então é o meu maior medo, por isso que a partir do momento que você entra você <i>tá</i> feliz, só que aí, parte de você não <i>tá</i> completa porque ainda falta sua família, ainda falta seus amigos, falta muita coisa, por isso.
Demétria	No início da viagem me senti livre, feliz, mas logo após ter me transformado no bicho da homofobia, me vi escuro, sem coração. Vi todas aquelas cores, mas não senti o que elas passavam.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Nos depoimentos pude constatar que a viagem, mesmo iniciando no espaço em que estão acostumadas/o a conviver, é na maioria das vezes difícil, mas encontram momentos em que se sentem confortáveis, talvez pela presença das amizades (MATOS, 2003) constantemente citadas aqui. A família também é lembrada e sempre vem escoltada pelo medo dela não aceitá-las/o em sua condição de LGBT.

A viagem imaginária também proporcionou cada partícipe falar dos seus medos, fragilidades e de como percebem o seu entorno quando se assumem LGBT'S, pois considero que não é fácil falar deste tema. A juventude, por não ainda ter um pensamento “formado” sobre essa e outras temáticas, possivelmente, converse com mais tranquilidade e conforto sobre as homossexualidades. Isso foi percebido ao associar o

<sup>24</sup> Nome fictício para garantir o anonimato da namorada de Katy.

seu convívio escolar ao buraco em que caíram quando a bolha estourou. Observemos o que foi dito:

Figura 02 – O que sentiram ao cair no buraco na viagem imaginária, em Teresina-PI.

Avril	Aí, eu caí no buraco. Foi ruim, eu me senti mal, senti que queria ajuda, mas ninguém ia me ajudar, só <i>tinha</i> pessoas maus e elas <i>tavam</i> muito tristes, não queriam me ajudar. Era um buraco fundo, muito fundo, frio, chovia, mas tinha meus amigos que gostavam de mim de verdade e me ajudaram. Cada um me ajudou jogando corda pra mim.
Cazuza	Eu pensei nos meus amigos, sempre, sempre. Eu pensei que, se não fosse por eles, eu teria desistido e, provavelmente, teria continuado lá. Todo momento da viagem eu pensei neles. O preconceito dos outros, dos amigos dos outros, das outras pessoas que, apesar de ficar jogando indireta e você sabe que é pra você, fica sorrindo quando você passa.
Katy	Foi triste. Foi deprimente essas coisas assim. Era um buraco fundo. Enfrentei preconceito, rejeição das pessoas que gosto, essas coisas. Quem me ajudou a sair, acho que <i>foi</i> meus amigos. A pessoa que eu queria que me ajudasse seria a minha mãe, mas eu acho que não. Meus amigos mesmo, a maior parte me aceita.
Demétria	Quando cai no buraco da homofobia, era escuro e úmido, era como se tudo no mundo fosse negro, não consegui enxergar as cores de antes. Depois alguém me ajudou, não consegui imaginar quem tinha me ajudado.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Neste cenário cada partícipe explicita o que, verdadeiramente, enfrenta em suas famílias, na escola, círculos afetivos e sociais quando publicizam ou tem, sem seu consentimento, a homossexualidade revelada, passando, portanto, a serem alvos de perseguição em virtude de seu amor para com as/os iguais. Ainda vivendo sob a égide das famílias, tornam-se

[...] um convite à compreensão dos mecanismos de gestão da poética do amor e da paixão, na perspectiva de sujeitos muitas vezes desprovidos de palavra/lugar para enunciar e viver desejos, afetos e amores ainda vistos em grande medida como patológicos, desviantes e imorais, para não dizer sub-humanos (MELLO, 2008, p. 431).

Palavras como rejeição, frio, fundo, preconceito, deprimente e úmido servem para exemplificar como se desenha o cotidiano de quem ousa amar e viver fora dos padrões heteronormativos.

Adiante demos como inspiração um local em que se imaginassem com a sensação de estar alta/o, acima, fora do espaço onde vivem cotidianamente, estar no topo de uma montanha.

Figura 03 – O que sentiram ao chegar ao topo da montanha na viagem imaginária, em Teresina-PI

Avril	Era um lugar bonito, mas não conseguia sentir a beleza do lugar até que eu cheguei na montanha. Lá no topo da montanha tinha neve. Aí eu me senti feliz, mas ao mesmo tempo um vazio. Eu sabia enxergar as pessoas como elas verdadeiramente eram, e eu sabia que tinha que mudar, mas eu não conseguia mudar. Eu olhei para baixo e vi as pessoas sorrindo e vi crianças brincando e vi que algo me faltava, que perdeu alguma coisa e <i>tava</i> além de mim. Eu queria compreender essa outra realidade, mas não conseguia.
Cazuza	Eu gosto da grama de lá. Eu passei pelo refeitório, claro (risos) e aí eu fui pra montanha, eu pensei no lugar <i>onde</i> eu ia muito na minha infância, no interior da minha mãe, no morro que tem lá. Ah, liberdade, porque quando eu era criança não tinha. Eu me senti criança quando cheguei lá. Eu senti que não tinha que esconder nada de ninguém, que eu era livre, que eu podia ser quem eu quisesse, podia falar o que eu quisesse que eu não <i>tinha</i> que me importar com nada.
Katy	Eu assimilei muito a viagem a minha vida pessoal, tipo assim, ao que eu acho que vai ser muito difícil ela (mãe) aceitar. Acho que ela não vai aceitar, vai só, sei lá, tentar entender.
Demétria	Depois que eu cheguei ao topo da montanha, ouvi todas aquelas coisas novamente. Foi algo assim lindo, foi aí que eu soube, naquele momento, que os olhos dele (bicho) estavam bem abertos para ver todas as cores do mundo com clareza.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

A sensação de liberdade, de poder fazer o que se quer, ser quem quiser e estar com quem quiser também, permeou as falas. O topo da montanha trouxe a sensação de que do alto são inatingíveis. Talvez ali fosse um *não lugar* (AUGÉ, 1994), um espaço de não pessoas-homofóbicas, não famílias-intolerantes, não espaços escolares violentos, não padrões heteronormativos. Um lugar onde as diferenças e desigualdades são invisíveis e imperceptíveis (SILVA, 2011).

Essa sensação de liberdade, entretanto, foi passageira, pois, infelizmente, tive que abordá-las/os sobre a homofobia e o que cada uma/um entendia sobre ela.

Figura 04 – O que é que você entende por homofobia?, em Teresina-PI.

Avril	Homofobia é não aceitar as pessoas como elas realmente são, não aceitar as vontades das outras, não aceitá-las e não compreendê-las.
Cazuza	Não sei, às vezes, evito pensar (sobre homofobia). Não devo me importar, ou melhor, que o bicho não deve se importar. Sei lá, sempre tento me sentir melhor, pensando alguma coisa diferente, não sei. Eu acho que homofobia é desconhecimento. Acho que é mais ou menos isso, falta de informação do que a gente realmente é. A gente também ama, também sente e, <i>pra</i> eles, parece que a gente só é bicho que, sei lá, é diferente. Eu acho que não é. Todo mundo é igual, as pessoas que veem a gente diferente.

Katy	Eu acho que a homofobia é toda forma de preconceito, toda forma de ver a pessoa de um jeito que ela não é, de não aceitar ela do jeito que ela realmente é, acho que é isso.
Demétria	O bicho entende, o bicho homofobia, acho que para ele é algo normal, mas para as pessoas com quem ele convive, não é algo legal, porque a pessoa fica triste, fica chateada, fica assim com aquele <i>negócio</i> de “nossa! vivo as coisas erradas!”. Todo mundo tem o direito de amar, todo mundo tem o direito de demonstrar o carinho, eu acho. Para ele é algo que tem que ser do jeito dele.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

“Desconhecimento” e “não aceitação”, talvez sejam palavras e expressões que melhor exemplifiquem o motivo de tanta intolerância e rejeição para com a população LGBT em nossa sociedade.

Paradoxalmente, as origens desta rejeição profunda à homossexualidade costumam ser atribuídas a desejos e fantasias homossexuais, via de regra conscientes, mas reprimidas, que transformam a vida do indivíduo homofóbico em um intrincado faz de conta: o desprezo e a perseguição a homossexuais são a contraface manifesta de um desejo homossexual latente, profundamente arraigado e negado. De acordo com Badinter (1993, p. 18), “os homófobos são pessoas conservadoras, rígidas, favoráveis à manutenção dos papéis sexuais tradicionais, inclusive em outras culturas”. Geralmente, a homofobia costuma estar associada ao machismo, à misoginia e ao fundamentalismo religioso, manifestando-se de formas variadas, que vão das músicas e piadas reafirmadoras de estereótipos negativos de *gays*, lésbicas e travestis, até explosões de violência física contra homossexuais, como no caso dos ataques de grupos neonazistas. (MELLO, 2003, p. 37-38)

Sobre homofobia, suas características, causas e consequências já foram amplamente discutidas no capítulo três, motivo pelo qual não me deterei aqui com mais profundidade.

No quadro a seguir são partilhados os sentimentos do grupo pesquisado com relação às dificuldades que enfrentam na escola.

Figura 05 – O bicho da homofobia (cada partícipe) enfrenta alguma dificuldade na escola?, em Teresina-PI

Avril	Ele vê a escola como um lugar onde há muitas descobertas. <i>Pra</i> ele a descoberta que você gosta de uma pessoa do mesmo sexo é uma coisa ruim, coisa que não pode existir. Na realidade nossa não pode existir.
Cazuza	Humilhação demais. Humilhado, sabe, se sentindo menosprezado. Só me senti só.
Katy	Na escola a gente passa por muito preconceito lá, por muitas pessoas. Só que a maioria elas só pensam, elas falam pra outras pessoas, mas elas não falam pra gente, tipo assim, é uma forma indireta de preconceito, porque elas não chegam e dizem aquela pessoa assim, mas fala <i>pros</i> outros. Eu nunca sofri lá na escola, não. Não que eu

	lembre, mas as pessoas comentam entre elas, não tocam na pessoa por isso. Sendo que isso não é uma opção de vida, é uma coisa inconsciente, não é uma coisa que a gente “ah eu acho isso, é bonito, eu vou ser assim.” Claro que não é uma coisa que você sente, não é porque você quer.
Demétria	Não, acho que não. Porque é ele quem faz a dificuldade, não <i>vi ele</i> enfrentando dificuldade. Ele faz a dificuldade.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

A escola, como temos visto amplamente em meus escritos e achados, ainda não se preparou para trabalhar as questões relacionadas às homossexualidades. Em relação, a esta assertiva, pode-se conferir nas falas acima, que esboçam o posicionamento do grupo quanto às dificuldades enfrentadas na escola em virtude de sua orientação sexual, que o tratamento no IFPI, encontra contradições nas respostas. Esse paradoxo nos mostra, possivelmente, que ele é uma escola que, aparentemente, tem um percentual que afirma sua falta de “dificuldade” de conviver com esta população. Outro ponto positivo foi classificá-lo como um lugar de “muitas descobertas”, retirando um pouco do caráter violento que as escolas são denominadas comumente, quando falamos de homofobia. Infelizmente, ainda podem-se observar as falas que bradam “humilhação” e “preconceito” para com esta população no IFPI.

Sobre essa divisão que vem se mostrar benéfica, considerando o contexto atual das escolas, em que a maioria das escolas sequer reconhece esta população e outras nuances que estão em seu entorno, deve-se compreender que

A escola adquire, assim, importância fundamental num contexto social, maior, de redes de saber-poder.

Primeiro, porque é também, no processo de escolarização que o conhecimento sobre as relações de desigualdade em relação ao gênero, raça e orientação sexual se produz, se reforça e, também se transforma; segundo, porque é, também, na escola que, a partir desses conhecimentos as diferentes identidades serão formadas e reforçadas nas crianças, nos jovens e nos adultos; terceiro, porque os significados sobre a sexualidade humana e as representações generificadas estabelecidas na sociedade estão nessa instituição que lida, ao mesmo tempo, com espaço privado (doméstico) e o espaço público. Lida, portanto, com a dinâmica do micro e macro poder nas relações de gênero e nos seus significados (FURLANI, 2005, p. 18).

A escola, assim, tem importante papel a desempenhar no enfrentamento às formas de sofrimento que esta população está sujeita nos processos pedagógicos de uma forma geral.

E como representar materialmente a homofobia? Não é das tarefas mais fáceis, visto que se trata de um conceito muito subjetivo, porém de forma lúdica, usando massa

de modelar, pedi que as/o partícipes produzissem o bicho da homofobia que criaram imagetivamente, durante a viagem imaginária, lhes dessem nomes e explicassem o motivo das escolhas.

Figura 06 – O nome do bicho da homofobia de cada partícipe e a justificativa da escolha do mesmo, em Teresina-PI

Avril	Lagarta	Eu acho que as pessoas podem mudar, tipo assim, até a pessoa mais homofóbica do mundo pode mudar, mas ela querendo realmente. Por isso eu fiz uma lagarta, porque eu acho que tem a possibilidade de mudar. A lagarta é uma coisa, sei lá, eu não gosto da lagarta (risos) eu tenho medo dela... Tem o lado bom, porque eu acho que as pessoas podem mudar é só elas quererem, realmente, mudar que elas conseguem. Eu tenho uma amiga muito homofóbica, mas eu acredito que no fundo, no fundo, ela pode mudar, é só ela tentar entender as pessoas como elas são.
Cazuza	Sociedade Atual	Eu <i>botei</i> esse nome, porque eu acho que o preconceito bate mais na sociedade que, generaliza muito a ideia de homem e mulher, e se não for, é pecado, aí vai pro inferno. Porque eu acho que uma pessoa sem identidade, eu acho que parte da ignorância.
Katy	Erivaldo	Eu <i>botei</i> o nome do bicho da homofobia o nome do meu pai. É porque ele é muito preconceituoso e eu acho que vai ser a única pessoa da minha família que não vai me aceitar de jeito nenhum. Eu nem tenho esperança que ele <i>vá</i> aceitar. Ele tem preconceito de tudo, preconceito de negro, sendo que ele é negro! É meio confuso, tipo assim (risos), ele só tem preconceito com as pessoas de fora, tipo assim, eu, no caso que sou filha dele, ele me vê branca! (risos). Ele tem preconceito de gay, de lésbica. Ele idealizou que o homem nasceu pra mulher e a mulher <i>pro</i> homem e pronto. (pausa) Por isso mesmo e, porque é uma pessoa que eu gosto muito, só que eu tenho uma convivência bem difícil com ele, mas que, no fundo, eu esperava que ele aceitasse. Eu sei que ele não vai aceitar por isso eu vou sofrer muito <i>né</i> , mas deixa isso pra quando tiver que acontecer mesmo.
Demétria	Ignorius Ribeiro	Ignorius porque vem de ignorância e eu acho que o problema (homofobia) vem da ignorância. As pessoas não sabem e também não querem saber. Ribeiro, que vem de uma coisa que aconteceu comigo e tal. Tem pessoas que brincam com os sentimentos dos outros, que me deixou muito magoado. Que se faz de homossexual para brincar com os sentimentos dos outros e não é uma coisa assim... Ah, não é algo legal porque como ela falou, nós temos sentimentos, não é só porque a gente é gay que vai ser bicho, ser irracional e tal. Eu não gostei da atitude da pessoa porque foi chato.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

A criatividade invadiu a imaginação e o coração na escolha dos nomes. Cazusa denominou sua produção de SOCIEDADE ATUAL, afirmando que a homofobia deriva da forma como a sociedade compreende a homossexualidade, muitas vezes, à luz de preceitos religiosos e clínicos.

Isso porque a homossexualidade, por si só, é vista por muitos como um misto de pecado-doença-crime, despertando rejeições de intensidades variadas em diferenciados segmentos sociais, o que faz dos homossexuais um dos agrupamentos mais atingidos pelas complexas lógicas de intolerância, preconceito e discriminação. Exemplo disso é que ainda hoje emergem, em várias partes do país, iniciativas que colocam em xeque a legitimidade das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo (MELLO, 2005, p. 6).

Ao atribuir o nome de ERIVALDO, nome de seu pai, Katy divide conosco o quanto é sofrível conviver com sua bissexualidade no âmbito familiar. Suas palavras são repletas de sentimentos tristes em relação a seu pai que ela acredita que não irá compreender o seu amor e o seu desejo. Ele não é muito diferente das mães e dos pais que comumente renegam, desprezam ou tratam com indiferença suas filhas/os (SOUZA FILHO, 2007) quando da descoberta da condição de LGBT delas/es e do pensamento equivocando de não continuidade da família, ou como dizem “da linhagem”.

A apreensão e a recusa se baseiam em que filhos gays, lésbicas, travestis etc. não cumpram as expectativas ou convenções morais e sociais. A procriação, a continuidade da família etc. faz com que, no caso de não poucas famílias, jovens e adultos sejam cercados de controle, insinuações, observações ou sejam violentamente perseguidos. (CECCARELLI, 2000, p. 27).

Demétria nos traz seu bicho nomeado de IGNORIUS RIBEIRO, fazendo alusão à ignorância com que ainda o tema é cercado. Ignorância essa que faz com pessoas ainda procurem razões biológicas, psicológicas, comportamentais, dentre outras para “tratar” da homossexualidade como algo ou um comportamento desviante da norma heterossexual.

Se há que se falar de *causa*, a causa da homossexualidade é a mesma de toda expressão/orientação sexual, a mesma da sexualidade humana como tal: libido, desejo, erotismo, afetividade. Aqui, entendidos como forças que, em cada um de nós, atuam e interagem na produção da nossa subjetivação pela cultura, por um dado sistema de sociedade. E forças que nos mobilizam a construir caminhos, escolhas, potencialidades, com menos ou mais consciência, em cada circunstância da existência. Assim, heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade são nomenclaturas usuais (todas com sentidos culturais e históricos) para direções do desejo, da libido, da afetividade. Todas essas orientações são modos possíveis de expressão da sexualidade que podem

aparecer na vida de um indivíduo, sem que sejam fixas e inevitáveis. (SOUSA FILHO, 2007, p. 24).

E, encerrando as nomeações dos bichos da homofobia, vejamos a opinião mais otimista do grupo. Avril, expressiva e contundente com as palavras, vem nos dizer de esperança, quando chama seu bicho de LAGARTA. Esse nome vem carregado de simbologia, pois se trata de um inseto que se transforma. Sai da composição “gosmenta”, feia e assustadora (muitas vezes!) para a clausura que o transformará em uma borboleta, que traz a imagem de beleza no colorido de suas asas. Remete a liberdade quando voa. Mostra-nos que é possível mudar, ao se deslocar pelo mundo alegremente.

[...] São muitos os caminhos. Esta foi apenas uma estória. Há muitas para serem contadas. É preciso estar atento a esta diversidade para gerar encontros inusitados, movimentos e espaços sociais mais plurais. Até onde pode levar a leveza? Há uma salvação pelas fragilidades e precariedades, não por verdades acabadas, sistemas fechados, pesados. Por mais que o mundo nos pese, ainda resta uma brecha, nem que seja para rirmos de nós mesmos, de onde estamos, até onde caímos. E neste riso, num gesto tolo, num ato gratuito, voa algo que não se pode prender: uma “modesta alegria” (ABREU, 1988: 157) [...] (JUNQUEIRA, 2009, p. 364).

Finalmente pedimos que cada uma das pessoas que participaram da oficina desse uma cor para a homofobia. Vejam, no quadro ilustrativo, o que encontrei:

Figura 07 – Escolhas das cores para a homofobia por cada partícipe e a justificativa da escolha, em Teresina-PI

Avril	Rosa e Marrom	Não gosto de rosa e nem de marrom porque acho marrom uma cor tão sem graça. Porque eu não gosto de rosa? De repente, porque eu tenho uma amiga que nunca vai me aceitar e ela ama rosa. Ela ama rosa, ela nunca ia aceitar, nunca, nunca, jamais. Não gosto nem de falar nessas coisas. O rosa lembra ela e lembra que ela não vai aceitar.
Cazuza	Branco e Preto	Eu escolhi branca e preta porque eu acho que a homofobia é como uma parede que tem tons escuros e tons leves tem pessoas que realmente não são muito homofóbicas, que vão pra protesto contra a homofobia, mas também tem gente que é, por exemplo. Eu sou totalmente contra a homofobia. E a pessoa fala: Ah tudo é gay, tu é lésbica. Aí, eu acho que a homofobia tem isso, claro! O muito pesado, mas também tem gente que é mais por influência, nem é tanto, mas tem influência dos amigos e aí se você é contra, você fica sozinho e é só isso.



Katy	Preto	Eu escolhi preto porque não gosto de preto, porque preto representa uma cor triste, luto.
Demétria	Preto	Eu escolhi o preto, porque [...] é uma cor que você não vê nada, você não consegue enxergar nada, você só faz aquilo que tem na cabeça. Não tem os olhos abertos para ver novas coisas ou por entre aquelas barreiras que a sociedade cria.

Fonte: Quadro organizado a partir do arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

As cores escolhidas por cada uma/um pra representar como veem a homofobia, nos colocou a cor preta como predominante em 75% das respostas, sob a argumentação quase que unanime que essa cor representa, para elas/e, estarem sem luz e, assim, sem segurança, indefesas/o, e quando a luz chega, as respostas aparecem, tudo fica visível.

Acredito que a escolha da cor remete a cultura de que o preto está associado a coisas ruins, como velório/luto, por exemplo. Também foram mencionadas as cores marrom, sob a argumentação de que era a cor que menos gostava e que, portanto, representava coisas ruins para sua vida. Teve a lembrança da cor rosa, sob a alegação de ser a cor das meninas que são heterossexuais e, que, possivelmente seriam também homofóbicas, segundo alegação de Avril.

O grupo ainda é muito jovem e não compreende a noção de negritude e as subjetividades que perpassam seu conceito (MUNANGA, 2012). Assim, não se devem dirigir a elas/e, sentimentos de repulsa ou indignação por associarem a cor preta, a cor de referência e orgulho do povo negro, a uma situação degradante que a população LGBT é submetida cotidianamente. Uma das lutas históricas da população negra, pois, é conscientizar, também, através da linguagem, o orgulho da cor de sua tez, desconstruindo práticas orais que imprimem e associam ao preto tudo que é ruim, remete ao azar e é elemento desqualificador do ser humano.

Para a produção da figura que representará a cor da homofobia, distribuimos papel A4, revistas, jornais, cola, tesoura e pincéis e pedimos que colocassem no papel a cor da homofobia para cada uma/um. Da dinâmica em que cada pessoa constrói sua cor para a homofobia, sugeri que uníssemos as produções e criássemos uma bandeira que nos mostrasse a cor da homofobia. Vejamos o resultado:

Fotografia 27 – Manifestação gráfica sobre qual a cor da Homofobia para as/os partícipes da pesquisa, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

A junção das produções foi transformada em um desenho abstrato e revelou alguns pensamentos das/o partícipes sobre as cores que colorem a homofobia, ou melhor, borram, nossas vidas.

Após o término da oficina recorremos ao diário de itinerância que são socializados nas páginas a seguir e as revelações sobre aquele dia foram as seguintes:

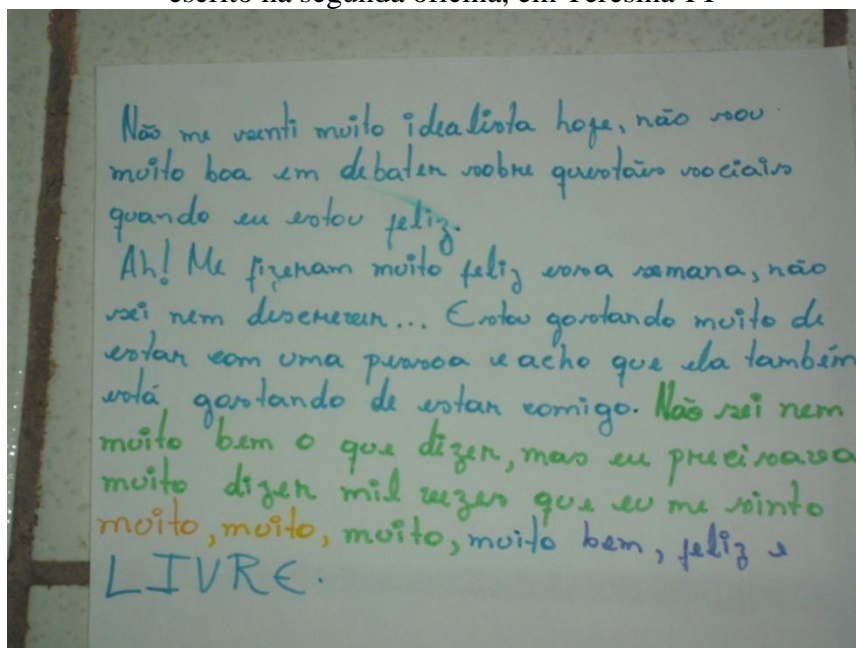
“A viagem me fez vê meus piores medos, me fez imaginar a homofobia, meu maior medo que é a rejeição pela minha família”. Katy

“Quando penso em *me* revelar a todos minha verdadeira face, tenho medo de não ser aceita! Mas acho também que quem me ama de verdade vai me aceitar como sou. Sou assim e ninguém vai me mudar”. Avril

“[...] Não sei nem muito bem o que dizer, mas eu precisava muito dizer mil vezes que eu me sinto muito, muito, muito, muito bem, feliz e LIVRE.” Cazusa

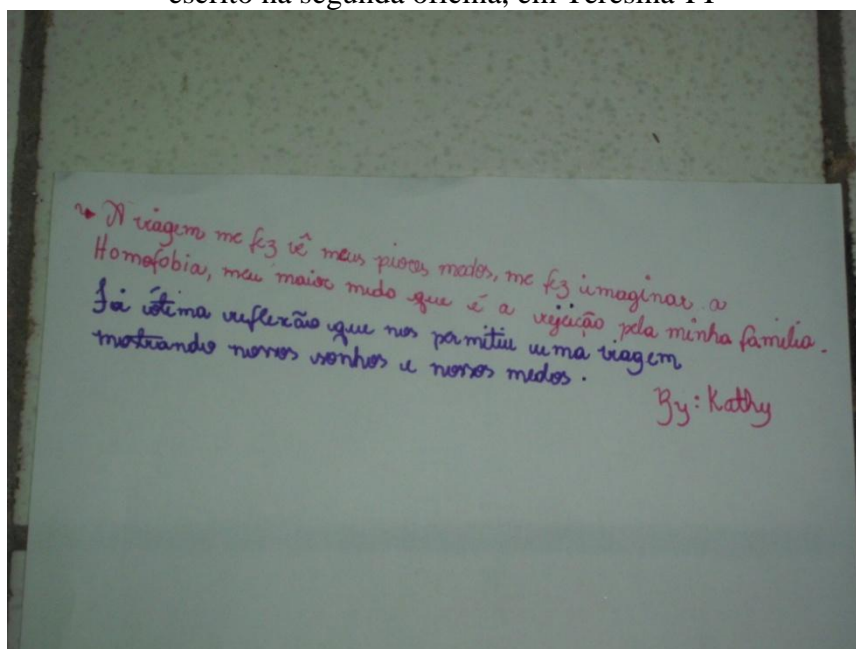
Dessa vez, nesta vivência, Demétria não se pronunciou sobre si no diário de itinerância.

Fotografia 28 – Diário de itinerância de Cazuza  
escrito na segunda oficina, em Teresina-PI



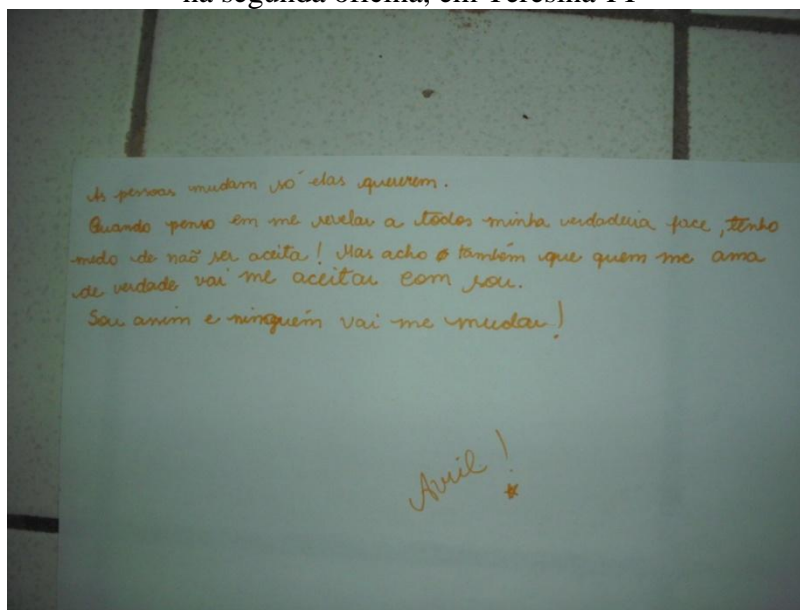
Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Fotografia 29 – Diário de itinerância de Katy  
escrito na segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Fotografia 30 – Diário de itinerância de Avril escrito na segunda oficina, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Os diários de itinerância deste dia trouxeram para mim a certeza de que a técnica da viagem imaginária fora a melhor para capturar os sentimentos mais profundos do grupo. Os escritos, os desenhos, produções, as falas, enfim, tudo naquele dia corroborou com meu sentimento de ter acertado neste processo.

### 6.3 Questionários: à procura de vestígios não ditos

Inicialmente vale registrar que, devido às dificuldades já mencionadas no capítulo sobre a metodologia, travessias verdes no percurso da pesquisa, não há paridade de gênero, portanto, dos quatro sujeitos respondentes, três são moças que correspondem a 75% e um rapaz que corresponde ao percentual de 25%. Destes 50% tem idade entre 12 e 15 anos e 50% tem idade entre 16 e 19 anos. Sobre a escolaridade dos sujeitos, 75% estudam no segundo ano e 25% no terceiro ano do ensino médio integrado ao técnico.

Ao iniciarmos as indagações sobre questões relativas às homossexualidades, constatamos que 100%, isto é, todos os partícipes sabem o que é homossexualidade e se dizem a favor da mesma. Isso demonstra que as homossexualidades na atualidade tem uma maior visibilidade, o que contribuiu para dismistificações a respeito delas (LOPES, 2009).

Quando falamos sobre o que torna alguém homossexual, 75% acredita ser uma escolha pessoal e apenas 25% acredita ser por outro motivo e justifica a resposta dizendo que são “influências externas e internas em nossas vidas”, coadunando, assim, como o pensamento de Prado e Machado (2008) quando dizem que as práticas das sexualidades e, entre elas, encontramos as relações afetivos-sexuais entre iguais, e são “construídas através das relações sociais e políticas de um tempo histórico [...] e não estão sob a égide da lógica da naturalidade, mas sim da moral e da política” (p. 19).

O grupo sabe que não são as/o pioneiras/o, nem estão no “fim da fila”. Ao lado delas/e estão as amigas que compartilham “a dor e a delícia” de ser quem são. Todo o grupo tem amigas/os que pertencem a esta população e dizem que são importantes em suas vidas (MATOS, 2003). Tem bons relacionamentos fraternos com intensidade que permite afirmar a cumplicidade existente entre o grupo e as amigas.

Quando falamos de família, 50% diz ter parentes LGBT’s e a outra metade, isto é, 50%, declara não saber da "existência de LGBT’s em suas famílias. E, sobre a aproximação de alguma ou algum familiar para informar de sua homossexualidade, 75% disse aceitar naturalmente e 25% apontou outro motivo e completou dizendo “que bom! Agora não sou a única!”.

Quando falamos de constituição familiar, todo o grupo representando 100%, se posicionou a favor do casamento entre homossexuais e favoráveis a adoção de crianças por casais homossexuais. Mostrando que, os novos arranjos ou constituições familiares em que esta população encontra-se inserida, estão cada dia mais ganhando a adesão das/os LGBT’s na perspectiva de organização familiar e “perpetuá-la como espaço de afetividade, de segurança emocional e de compartilhamento de projetos e expectativas, o que a caracteriza como uma instituição-ninho” (MELLO *et al.*, 2009, p. 162).

Ao tratarmos de assuntos relacionados à escola, indaguei sobre a atuação de profissionais da escola na visão do grupo. Neste ponto do questionário ofereci a possibilidade de escolherem mais de uma alternativa, assim, obtivemos como respostas que 75% afirma que as/os professoras/es se posicionam de forma indiferente e 25% afirma que as/os professoras/es reavaliam sua prática refletindo sobre valores e conceitos sobre as homossexualidades. 50% diz que as/os professoras/es tem procurado investir em sua formação em relação a homossexualidade e, o outro percentual de 50%, que as/os professoras/es são contra a homossexualidade e deixam nítida sua postura.

Com os resultados acima questionamos um pouco do que cada jovem disse ao falar de si e da sua escola, no capítulo 5, onde a maioria disse que o IFPI era uma escola

preconceituosa, porém no questionário, afirmam que as/os docentes ifpianas/os tem procurado saber sobre homossexualidades e reorganizar sua prática no cotidiano. O grupo também considera que nas situações de desigualdades e discriminação social, das/os docentes, 25% utilizam reflexão específica com as/os alunas/os da turma, 50% usam instrumentos pedagógicos com fins de conscientização contra desigualdades e 25% não consideram importante e não fazem discussão. Avaliei esse resultado importante e positivo, considerando o histórico de opressão que a população LGBT sofre por despreparo, muitas vezes, da escola e de todo o corpo profissional que a compõe (JUNQUEIRA, 2009).

Metade do grupo acredita que a escola deve promover o orgulho ao pertencimento da população homossexual de suas/seus alunas/os e a outra metade, 50% portanto, pede que a escola promova maior conhecimento sobre as manifestações culturais de diferentes populações de grupos vulnerabilizados.

Contribuindo com a mudança para essa realidade desejada, 100% acredita que a linguagem usada no cotidiano escolar tem poder de influenciar nas questões de homofobia e discriminação, onde 25% disse que algumas/alguns professoras/es estão contribuindo para esta nova realidade e falam sobre sexualidade, mais especificamente sobre homossexualidade em determinadas etapas do ano. O outro percentual, 75%, disse que existe a resistência das/es professoras/es em tratar das questões relativas a diversidade sexual nos trabalhos escolares.

Sobre acervo bibliográfico, 50% disse que existem alguns tipos de livros que contemplem a questão da diversidade sexual na biblioteca da escola e 50% disse que não existem livros sobre o tema na biblioteca da escola.

No quesito: trabalhos escolares, 50% afirma que algumas vezes no ano faz cursos ou grupos de estudo sobre a questão da diversidade sexual e 50% disse que ainda não teve a oportunidade de estudar a questão na escola.

Quando indagamos sobre a sala de aula, 50% asseverou que não se sente diferente, são iguais a qualquer pessoa na sala de aula e 50% conclui que as diferenças existem e intercedem que elas devem ser trabalhadas na sala de aula.

Unanimidade para responder que não há espaço para tratar a violência sexual na escola, embora no IFPI tenha uma profissional de psicologia atuando nos turnos manhã e tarde, o que poderia ser interpretado como um espaço para esta finalidade.

Ao serem questionadas/os sobre como se sentem quando as pessoas percebem quando são homossexuais, 75% diz ser indiferentes e não se importar com a opinião

das/os outras/os e 25% disse sentir tristeza de serem discriminadas/os e sentir indiferença das/os amigos/as em relação a elas/es. Sobre discriminação e direitos, 100% afirma não conhecer grupos de defesa dos direitos das/os LGBT's no Piauí, o que considero uma tristeza, visto que hoje o papel dos movimentos sociais organizados que luta pela cidadania desta população, tem papel importante na visibilidade e acesso aos direitos (FACCHINI, 2005) já adquiridos por diversas leis, como legitimações de uniões estáveis, previdência, adoção, dentre outros.

Quando falamos em famílias, retornamos, mais uma vez, ao que já debati largamente aqui, que é a não aceitação da homossexualidade de suas/seus filhas/os (MELLO, 2005), (MELLO *et al.*, 2009) e (SOUZA FILHO, 2007). Assim, o percentual de 100% afirma que suas famílias não falam, não gostam de homossexuais e não querem conviver com LGBT'S. Todas/os se dizem tristes com esta constatação.

A abordagem sobre violência homofóbica na escola traz um resultado esperado, considerando a realidade das escolas em relação às homossexualidades (JUNQUEIRA, 2009), portanto, 100% já presenciou alguma cena de preconceito na escola ou na sala de aula. Essa é uma realidade sobre a qual eu não gostaria de informar.

Para investigar como é o tratamento da sua escola em geral para com as/os pessoas homossexuais, 25% diz não se importar com pessoas que não suportam a presença de LGBT's e 75% acredita que algumas pessoas são indiferentes, algumas apoiam e outras são preconceituosas. Esse cenário demonstra uma diversidade de opiniões, na ambiência escolar, sobre o tema questionado.

Ao falar do comportamento desta população na escola, no tocante a vestuário, linguagem, gestos, ações, posicionamentos e outras manifestações comuns a este segmento, 50% das/os entrevistadas/os não gostam de vulgaridade, 25% não gosta de vê-las/os tristes, 50% acreditam que tem o direito de namorar onde quiserem e 25% acham que não devem ter medo de viver e de dizer o que pensam. Estes percentuais demonstram a intrepidez e empoderamento da juventude (MATOS, 2003).

E, para responder o terceiro objetivo específico, que investiga sobre as ações pedagógicas trabalhadas na escola, 50% gostaria que as/os alunas/os LGBT's fossem escutadas/os para dizerem como querem ser tratadas/os, 75% gostaria que acontecesse mais palestras sobre homossexualidades na escola, 25% quer que haja debates na sala de aula sobre diversidade sexual e 50% quer eventos sobre o orgulho LGBT e contra a homofobia como iniciativa da escola.

Diante destes números, posso afirmar que o IFPI é uma escola que transita, ainda que minimamente, ora como uma escola que respeita LGBT's e promove ações de enfrentamento a homofobia, ora como contribuinte para o aumento das estatísticas de promotora e perpetuadora de práticas homofóbicas e excludentes. Além disso,

Construir as possibilidades para este reconhecimento da diversidade sexual na educação implica uma visão de conjunto e um quadro de referências alimentado pelo diálogo, por princípios de justiça e equidade, por valores democráticos e pela compreensão do papel da diversidade e do pluralismo no processo educacional. (JUNQUEIRA, 2009, p. 425).

Ações assim fazem a diferença! Reconhecer que o respeito a diversidade é uma das alternativas de transformação do espaço escolar e por conseguinte da nossa realidade social.



## 7 SÉTIMA COR: CONTINUIDADES AZUIS PARA UM NOVO RECOMEÇAR

Fotografia 36 – Mãos das/os partícipes representando a união contra a Homofobia, em Teresina-PI



Fonte: Arquivo particular de Valdenia P. de S. Araújo – 2012.

Saber viver: o saber mais fundamental de que necessitamos agora, o qual, sem dúvida, precisa ter sua origem na sensibilidade [...] Assim, dar atenção aos sentidos [...] seja com base na miríade de estímulos e maravilhas dispostas pelo mundo ao nosso redor, seja através dos signos estéticos que a arte nos provê, tocando a nossa sensibilidade, constitui uma missão fundamental para o educador [...] Tudo começa no corpo, Grande Razão, e a ele tem de voltar, se quisermos reverter essa situação de crise em que nos metemos em nome de uma modernidade já exaurida. É preciso construir-se algo novo e diverso, e, para tanto, como já afirmou o poeta (Carlos Drummond de Andrade) o que temos, primordialmente, são “... duas mãos e o sentimento do mundo”.

(João Francisco Duarte Júnior)

Escrever este texto não foi das tarefas mais fáceis, mas certamente foi uma das mais prazerosas, embora considerando muitas noites acordadas, como agora, em que estou olhando para o relógio e vejo marcar 05h17min da manhã de uma quarta-feira cheia de calor, mas que não me diz em nenhum momento que é hora de dormir.

Pesquisar sobre homofobia foi um objetivo instalado em mim há oito anos e buscado há seis. Desde a primeira seleção em que, pensava que nunca haveria ninguém que quisesse orientar um trabalho sobre homossexualidade, até a seleção em que fui aprovada. A partir daí percebi que havia chegado o momento. Havia encontrado pessoas disponíveis e qualificadas para me guiarem pelos caminhos do saber.

Vencer esse desafio só foi possível considerando a experiência adquirida por mim em leituras e vivências sobre as homossexualidades e sobre a escola. Experiências estas que são

As experiências do fora, das margens, dos limites, das fronteiras, seriam as experiências que permitiriam cartografar novos desenhos, novas configurações para o acontecer de uma dada sociedade. Como o saber é perspectivo, esse olhar das margens permite constituir outras visibilidades e outras dizibilidades sobre qualquer tema ou problema que se queira colocar para o conhecimento. Conhecer é, portanto, também uma questão de localização, de colocação em um dado lugar, da abertura de um dado espaço para o pensamento. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 10).

E foi assim que percebi este Programa de Pós-Graduação, antes por mim intitulado de conservador, hoje merecedor de aplauso, por colocar para o mundo um tema infame, mal-dito, invisível e “indizível”. Este programa abre mais um espaço de pensamento, não só para homossexualidades, mas para o *hip-hop*, as religiões de matriz africana, o povo quilombola, mulheres negras, menores cumprindo medidas sócio-educativas, enfim, para temáticas que envolvem os grupos subrepresentados.

Ora, ao iniciar este estudo o meu percurso a seguir era o rio, hoje encerro dizendo que estou na margem, na terceira margem desse rio. Eu fui muito além do que pensei, do que sonhei, do que vi. Senti-me como “alguém que tem a tarefa de se descolar desta memória cristalizada, de fazer com que esta retorne ao fluxo temporal, que se liquefaça, para que novamente possa correr na direção do futuro” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 33).

Futuro que o grupo de jovens da pesquisa tanto sonha e faz planos. Desejam fortemente que as intolerâncias sejam dizimadas e que não precisem adotar vivências

clandestinas apenas por não amarem nos padrões seculares que a heteronormatividade dita (PRADO; MACHADO, 2008). Expressam também o desejo que um “cessar fogo” venha de suas famílias e que as mesmas recebam seus cônjuges dignamente, permitindo que participem dela intensamente. Revelam em suas falas que a existência de intolerâncias na família, no que se refere às homossexualidades, ainda é uma realidade em suas vidas e

[...] O que se tem feito, até aqui, conservando-se o preconceito, é fazer sofrer um grande número de pessoas que poderiam viver mais felizes não fosse o preconceito, a discriminação; sendo muitos os homossexuais que gostariam de partilhar suas vidas com pais, irmãos e colegas, partilhar problemas, alegrias, sonhos. (SOUSA FILHO, 2007, p. 28)

A outra “família” é a escola, afinal, depois da casa onde moram, na escola é onde passam a maior parte do tempo. Nesta pesquisa percebi a escola como espaço contraditório. Ao mesmo tempo em que dá apoio, oprime esta população. As falas, muitas vezes, direcionavam a escola como um lugar de intolerâncias, humilhações, violências e sutilezas (JUNQUEIRA, 2009), (LOURO, 1997; 1999) e (FURLANI, 2005), respondendo ao problema da pesquisa que buscava investigar quais as práticas de intolerâncias contra LGBT’s estavam presentes no cotidiano escolar das/os estudantes do IFPI. Outrora elas se distanciavam desse cenário e apontavam o IFPI como um lugar onde se pode perceber a tolerância, o respeito à diversidade e, com relação as/aos discentes, a busca desta escola por novas práticas pedagógicas.

E, surpreendentemente, uma resposta positiva para uma temática tão estigmatizada: ESPERANÇA! Sim, as/o jovens tem esperança que a escola mude de conceitos e atitudes em relação às homossexualidades e, que a sociedade acompanhe esta mudança. Num mundo tão repleto de preconceitos e intolerâncias, podermos enxergar a esperança vinda de jovens, é um motivo de alegria. Alerto, apenas, que ter esperança é positivo, porém é preciso que cada pessoa direcione essa esperança e trabalhe para que ela se materialize e faça parte da História.

[...] significa primeiro pensar que a História não se passa apenas no lugar da natureza, da coisa em si, do evento, da matéria ou da realidade, nem se passa apenas no lado da representação, da cultura, da subjetividade, do sujeito, da ideia ou da narrativa, mas se passa entre elas, no ponto de encontro e na mediação entre elas, no lugar onde estas divisões ainda são indiscerníveis, onde estes elementos e variáveis se misturam (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 28).

As construções das homossexualidades do grupo estudado foram/estão permeadas dessa “mistura”, dessa intersecção, desse atravessamento (CANEVACCI, 2005) dos seus conceitos, suas vivências, suas culturas, suas subjetividades, suas trajetórias, seus “mundos” e seus afetos (BARROS JÚNIOR, 2007), (FOUCAULT, 1983, 1984, 1985), (FRY; MACRAE, 1983), (JUNQUEIRA, 2007). Essa percepção da sua homossexualidade trouxe certa segurança as/ao partícipes, no que diz respeito a auto aceitação de sua condição, mas também trouxe impactos que interferiram significativamente em suas vidas, a ponto de serem, também, instalados sentimentos como tristeza, desprezo, descrédito, raiva, indiferença, medo, dentre outros de cunho negativo, que as/os impedem de alcançarem a tranquilidade necessária para viverem seu amor da forma que desejarem.

Minha trajetória até aqui não pretendia catequizar, punir, julgar, vigiar ou qualquer verbo que aprisionasse os conceitos e os corpos. Queria era correr riscos, escalar, ousar, desviar, chegar, partir, pois “o vento nas árvores visto pela vidraça não tem barulho. Os galhos, as folhas suaves se movem. Uma onda verde cruza o ar. Não me pertencem. Estou do lado, em outra margem” (LOPES, 2009, p. 364).

Escrevi acreditando na transformação.

E agora?

Começemos, pois, a partir de nós, o desmonte à homofobia!

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004.
- ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas negras**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Jovens e educadores de rua: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2004.
- \_\_\_\_\_. Juventudes, Cultura de Paz e Sociopoética: abraçando a vida como obra de arte. In: VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula *et al.*. (Org.). **Cultura, Educação, Espaço e Tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Disponível em <<http://napontadosdedos.wordpress.com/2011/04/28/o-perigo-de-uma-historia-unica/>> Acesso em 15 de abril de 2012.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Um leque que respira: a questão do objeto em História. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (Org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- \_\_\_\_\_. Epifanias da homoafetividade ou o choque anafilático sofrido por Anthony Giddens ao ingerir Caio Fernando Abreu. **Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. – V. 1, n. 1 jul./dez. 2007**. Natal : EDUFRN, 2007.
- \_\_\_\_\_. Da Terceira Margem eu So(u)rrio: sobre história e invenção. In: ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. (p. 19-39).
- \_\_\_\_\_.; VEIGA-NETO, Alfredo.; SOUZA FILHO, Alípio de, (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora (Coleção Estudos Foucaultianos), 2008.
- ALCOBA, Ernest. “Prólogo a la edición española”. In: TALBURT, Susan; TEINBERG, Shiley (Ed.). **Pensando queer: sexualidad, cultura y educación**. Barcelona: Editorial Graó, 2005, p. 9-22.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ARAÚJO, Neulza Bangoim Veras de. Caminhos solidários: marcas de uma cidade que se transforma pela mobilização social. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira, LIMA, Solimar Oliveira. (Org.) **Homossexualidades sem fronteiras**: olhares sobre o Piauí. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

ARAÚJO, Valdenia P. Sampaio; BRANDÃO, Agda Jorge. Atrás do *aque*: dificuldades e incertezas no acesso ao trabalho das travestis e transexuais de Teresina PI. In: LIMA, Solimar Oliveira; BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; ARAÚJO, Valdenia Pinto de Sampaio. (Org.). **Trabalho e desigualdades**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2009, v. 1, p. 164-177.

ÁVILA, Maria Betânia. Os Direitos Sexuais devem ser uma pauta constante do feminismo, In: **Jornal da Rede Saúde**, n 24, dezembro de 2001.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BALEEIRO, Maria Clarice; SIQUEIRA, Maria José; CAVALCANTI, Ricardo Cunha; SOUSA, Vilma de. **Sexualidade do adolescente**: fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht e Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 1999.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Brasília: Liberlivro, 2007.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais, temas transversais: uma interpretação e sugestões para a prática**. Curitiba: Bella Escola, 2002.

BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira. Oscar Wilde na sala da aula: um professor que ousa dizer o nome do seu amor. In: \_\_\_\_\_.; LIMA, Solimar Oliveira. (Org.) **Homossexualidades sem fronteiras**: olhares. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. O CCE/UFPI e a pesquisa no campo da diversidade: a experiência do Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGECI). In: BOMFIM, Maria do Carmo A. do.; MATOS, Kelma S. A. L. de.; GOMES, Ana Beatriz S.; SANTOS, Ana Célia de S. (Org.). **Educação e Diversidade Cultural**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001 (ed. or.: 2000).

\_\_\_\_\_. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. (Org.) **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília, DF: Letras Livres/Ed. UNB, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, reimpressão 1983.

BOSWELL, John. **Cristianismo, tolerancia social y homosexualidad**. Barcelona: Muchnik Editores, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

\_\_\_\_\_. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça – SNDH/MJ. **Direitos Humanos no cotidiano: manual**. – 2ª ed. – Brasília: Ministério da Justiça, 2001. 384p.

BRASILEIRO, Marcus. Signos do interdito: considerações sobre o sujeito desejante em *A confissão de Lúcio*. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira, LIMA, Solimar Oliveira. (Org.) **Homossexualidades sem fronteiras: olhares**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina, 2007.

BRITO, Antônia. Edna. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e a formação de professores. In: MORAES, D.Z; LUGLI, R.S.G. (Org.). **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 53-67.

BUENOZ, Paulo Lima. CorpoCobaia e o caderno das contaminações. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 4, p. 233-270, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (ed. or.: 1993).

CARRANO, Paulo C. R. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Homossexualidade e preconceito**. In: <http://www.ceccarelli.psc.br> (2000).

CIXOUS, Hélène. **La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura**. Barcelona: Anthropos; Madrid: Comunidad de Madrid; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1995.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_.; GUATARRI Felix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1, São Paulo, Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da cultura e desporto, 1998.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?:** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FERNANDES, Elisângela da Silva. **Sociopoetizando as Sexualidades:** conceitos filosóficos produzidos pelos adolescentes da Unidade Escolar Prof.<sup>a</sup> Júlia Nunes Alves. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia). Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Teresina, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** – A vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II**– O uso dos prazeres.: Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III**– O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Dits et Ecrits**. Vol. 4 (1980.1988). Paris, Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 16.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREITAS, F. R. A.; PEDROSA, C. H.; BRITO, Walderes; MELLO, Luiz. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. **Bagoas:** Revista de Estudos Gays, v. 6, p. 99-122, 2012.

FRY, Peter; MACRAE Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar!** – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9<sup>a</sup>.ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GAUTHIER, Jacques Zanidê . **Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética**. Mimeografado, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociopoética:** o livro do iniciante e do orientador. Mimeografado, 2010.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade:** sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOETHE, J. W. **Doutrina das Cores**. (Selecionado e comentado por Marco Giannotti). São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GONTIJO, F. S. Casais gay buscam espaço na sociedade por meio do "novo" modelo de família. **Sapiência** (FAPEPI. Impresso), v. 30, p. 16-16, 2012.



\_\_\_\_\_. Homossexualidades Periféricas? Resultados de pesquisa sobre a vivência das homossexualidades em Teresina, Piauí. **Revista FSA**. Faculdade Santo Agostinho, Teresina, v. II, n.2, p. 57-69, 2005.

\_\_\_\_\_.; SOUSA, Jaqueline Pereira de; EVANGELISTA, Ianara Silva. "Casar" ou "Ficar"? "Amar" ou "se Apaixonar"? Família e relacionamentos afetivos entre homossexuais de Teresina – considerações sobre as relações entre gerações. In: Francisco de Oliveira Barros Júnior. (Org.). **Homossexualidades e Gerações**. Rio de Janeiro: Booklink, 2008, p. 11-28.

\_\_\_\_\_. Identidades Homossexuais e Discriminação Sexual em Teresina. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; FROTA, Wander Nunes. (Org.). **Phoros: Estudos Lingüísticos e Literários**. Rio de Janeiro: Caetés, 2006, p. 202-216.

GUASCH, Òscar. **La crisis de la heterosexualidad**. Barcelona: Laertes, 2000.

GUIBERT, Hervé. **Para o amigo que não me salvou a vida**. Tradução de João Luiz Gomes. – Lisboa: Livros do Brasil-Lisboa, 1993.

GUIMARÃES, Luciano. **A autonomia da significância das cores**. Disponível em <[http://propart.files.wordpress.com/2008/10/autonomia\\_significancia\\_cores.pdf](http://propart.files.wordpress.com/2008/10/autonomia_significancia_cores.pdf)>, acessado em 15 de junho de 2012, 11h.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a04.pdf>> acessado em 07 março de 2012, 21h.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IBIAPINA, Ivana L. de M. Mulher-professora: história de vida que ensina e ilumina o coração. In: BOMFIM, M. C. A.; MATOS, K. S. A. L.; GOMES, A. B. S.; SANTOS, A. C. S. **Educação e Diversidade Cultural**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide; BRANDT, Maria Elisa; HENRIQUES, Ricardo (Org.). **Gênero e diversidade sexual: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. – V. 1, n. 1 jul./dez. 2007**). Natal: EDUFRN, 2007.

\_\_\_\_\_. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual**

**na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.

LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan./abr. 2002, p. 20 a 28.

LEVI, Giovanni. SCHMITT, Claude (Org.). Introdução. In: **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIZARDO DE ASSIS, Cleber. Teoria queer e a resolução CFP n. 1/99: uma discussão sobre heteronormatividade versus homonormatividade. **Bagoas** : revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. – V. 1, n. 6. – Natal : EDUFRN, 2011.

LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004 (1ª. Ed.: 1997).

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Rosa M. de A.; BOMFIM, Maria do Carmo A. do. **Um olhar sobre Juventudes, Escola e Violências**. Teresina: Expansão, 2007.

MACIEL, Emanoela Moreira. **O estágio supervisionado como espaço de construção de saberes para ensinar:** o caso da UFPI. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2012.

MATOS, Kelma S. L. de M. **Juventude, professores e escola:** possibilidades de encontros. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003.

MAZÍN, R.; BRUSCHINI, C. Homossexualidade. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, Luiz. Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil. **Gênero**, Niterói – Editora da UFF, v. 4, n. 1, p. 33-46, 2003.

\_\_\_\_\_.; GROSSI, Miriam P.; UZIEL, Ana Paula. A escola e @s filh@s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.

MESQUITA, Marylucia. Movimento de mulheres lésbicas: identidade política como negação da heterossexualidade compulsória. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira, LIMA, Solimar Oliveira. (Org.) **Homossexualidades sem fronteiras**: olhares. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

MORAIS, Soraia. Grupo Free: uma ebulição clandestina. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira, LIMA, Solimar Oliveira. (Org.) **Homossexualidades sem fronteiras**: olhares sobre o Piauí. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

MOTT, Luiz. **O sexo proibido**: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição. Campinas: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. Um Congresso de diabos e feiticeiras no Piauí Colonial. In: BELLINI, Lúgia; SALES SOUZA, Evergton; SAMPAIO, Gabriela Reis (Org.). **Formas de crer**: ensaios de história religiosa no mundo luso-afro-brasileiro, século XIV-XXI. Salvador: Corrupio-Edufba, 2006, p. 129-160.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia Reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: RJ: Vozes, 2005.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os Institutos Federais**: uma revolução na Educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010.

PICAZIO, C. M. S. **Sexo Secreto**: Temas Polêmicos da Sexualidade. São Paulo: Editora Summus, 1999.

PINTO, Heloysa D. de S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

PRADO, Marco Aurélio Máximo, MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. –São Paulo: Cortez, 2008. – (Preconceitos; v.5)

REGO, Vilson. R.; RODRIGUES, Antônio. G. **100 fatos de uma Escola Centenária**. Teresina: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, 2009.

RIBEIRO, Maristela S. A. O processo criativo em dois atos. **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, v. 4, p. 271-289, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry (*et al.*). **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3ª. Ed. – 10. reimp. – São Paulo: Atlas, 2009.

SÁ, Geysa Elane Rodrigues de Carvalho. **O Mercado Rosa de Teresina**: Identidades Homossexuais, Políticas Públicas e Economia. Dissertação (mestrado em Políticas Públicas). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2005.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. Tradução: Felipe Bruno Martins Fernandes. **Bagoas**: revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. – V. 1, n. 5 jul./dez. 2007)- . – Natal : EDUFRN, 2007- .

SEQUEIROS, Leandro. **Educar para a solidariedade**: projeto didático para uma nova cultura de relações entre os povos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Francilene Brito da. **Arte Afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina-PI**. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2011.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Tradução: Rubens Figueredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Vicelma de Paula Barbosa de. **Rap de “quebrada”**: construção de sentidos e saberes pelos grupos de Rap – “A Irmandade” e “Reação do Gueto” de Teresina – PI. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2012.

SOUSA FILHO, A. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira e LIMA, Solimar Oliveira. (Org.). **Homossexualidades sem fronteiras**: olhares. Homossexualidades sem fronteiras: olhares. Rio de Janeiro: BookLink, 2007, v. 1, p. -.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e diversidade**: o sujeito democrático. Bauru: EDUSC, 1998.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UNESCO, **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam... São Paulo: Moderna, 2004.

VIANNA, L. C. R. **A Idade média**: uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa. Brasília: UnB, 1992.

VIEIRA JÚNIOR, Astor. Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. In: **Bagoas**: revista de estudos gays/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. – V.1, n.1 jul./dez. 2007)-. – Natal: EDUFRN,2007.

ZIRALDO. **Flicts**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA**  
**NETO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)- SALA Nº 416**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA –**  
**ININGACEP 64.049-550 – TERESINA-PIAUÍ**  
**TELEFONES: (86) 3215-5820 – FoneFAX: (86) 3237-1277. E-MAIL:**  
[educmest@ufpi.br](mailto:educmest@ufpi.br)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** Educação e diversidade(s): qual a cor da homofobia no arco-íris da escola?

**Pesquisadora responsável:** Valdenia Pinto de Sampaio Araújo

**Instituição/Departamento:** Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPI

**Telefone para contato (inclusive a cobrar):** (86) 3215- 5820

**Pesquisadora participante:** Valdenia Pinto de Sampaio Araújo

**Telefones para contato:** (86) 8831-2444

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte a responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser **esclarecido/a** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma.

A pesquisa que propomos tem como objetivo analisar como se manifestam as construções das homossexualidades relativas aos/às jovens LGBT's no ambiente escolar do ensino médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí – IFPI – Campus Zona Sul. Ela será desenvolvida através de observação participante, questionários e de oficinas temáticas sobre as homossexualidades e outras temáticas que a envolvem.

Todas as informações obtidas nestes procedimentos metodológicos serão registradas para posterior avaliação e estudo. Você será avaliado/a quanto a sua capacidade de compreensão sobre a temática da pesquisa.

A pesquisa que realizaremos não causará a você riscos, prejuízos, desconfortos, lesões que possam necessitar de quaisquer formas de indenização, ressarcimento de despesas. Informamos ainda que não há benefício direto para o/a participante. Trata-se de estudo experimental testando a possibilidade de analisar melhor informações a cerca das

homossexualidades e que, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício ou não.

Em qualquer etapa do processo do estudo, você terá a garantia do acesso as profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Também é oferecido a você, caso participe deste estudo, a garantia do sigilo, a menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

A mesma deverá ser desenvolvida em maio de 2012, onde você participará ativamente, quando solicitado/a, das etapas de coletas de dados e poderá retirar-se dela no momento em que não quiser mais colaborar com a mesma.

### **Consentimento da participação da pessoa como sujeito**

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG, \_\_\_\_\_, CPF, \_\_\_\_\_,  
 abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Educação e diversidade(s): práticas homofóbicas e impactos na vida de jovens LGBT’s”, como sujeito. Fui suficientemente informado/a a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Educação e diversidade(s): práticas homofóbicas e impactos na vida de jovens LGBT’s”. Eu discuti com Valdenia Pinto de Sampaio Araújo sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram nítidos para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de elucidamentos permanentes. Ficou nítido também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:  
 \_\_\_\_\_

### **Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar**

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Local e data: \_\_\_\_\_  
Nome e Assinatura da pesquisadora responsável: \_\_\_\_\_

**Observações complementares**

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI – Campus Universitário Ministro Petrônio Portella  
– Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 – CEP: 64.049-550 – Teresina – PI  
tel.: (86) 3215-5734 – email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: www.ufpi.br/cep



**APÊNDICE B****QUESTIONÁRIO**

Este questionário refere-se a pesquisa intitulada: “Educação e diversidade(s): qual a cor da homofobia no arco-íris da escola?”, do Mestrado em Educação da UFPI, que será realizada com alunos/as LGBT’s do Ensino Médio Integrado ao Técnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI para aferir questões relativas a homossexualidades e a ambiência escolar.

**Assinale a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar**

**1. Sobre você:**

A- Masculino ( )

B- Feminino ( )

**2. Sua idade:**

A- Entre 12 e 15 ( )

B- Entre 16 e 19 ( )

C- Entre 20 e 23 ( )

D- Acima de 24 anos ( )

**3. Você estuda o:**

A- Primeiro ano do médio integrado ( )

B- Segundo ano do médio integrado ( )

C- Terceiro ano do médio integrado ( )

**4. Informe seu grau de conhecimento sobre homossexualidade:**

A- Sabe o que é ( )

B- Não sabe, mas tem interesse em saber mais ( )

C- Não sabe e não se interessa pela temática ( )

**5. Sobre a mesma temática você é:**

A- Contra ( )

B- A favor ( )

C- Não me diz respeito ( )

**6. O que torna alguém homossexual, refere-se à:**

A- A genética ( )

B- A uma doença ( )

C- A uma escolha pessoal ( )

D- Outro motivo? ( )

Qual? \_\_\_\_\_

**7. Você tem amigos/as que se declaram homossexuais, ou pelo menos, que você percebe:**

A- Sim ( )

B- Não ( )

C- Não consegui perceber ainda ( )

**8. Se a resposta for positiva, como é sua relação com eles/as?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. **Você tem parentes que se declaram homossexuais, ou pelo menos, que você perceba:**

A- Sim ( )

B- Não ( )

C- Não consegui perceber ainda ( )

10. **Se alguém muito próximo/a lhe confidenciasse que era homossexual, qual seria sua reação:**

A- Aceitação ( )

B- Rejeição ( )

C- Relutância ( )

D- Outro? ( )

Qual? \_\_\_\_\_

11. **Você é a favor do casamento homossexual:**

A- Sim ( )

B- Não ( )

C- Não pensei sobre isso ( )

12. **E a adoção de crianças por casais homossexuais, o que você pensa:**

A- Sou a favor ( )

B- Sou contra ( )

C- Não pensei sobre isso ( )

13. **Em sua opinião o/a professor/a da sua escola:**

**\*Neste item você poderá marcar mais de uma alternativa.**

A- Posicionam-se de forma indiferente quanto às questões sociais. São apenas transmissores/as de conteúdos dos livros didáticos e manuais pedagógicos. ( )

B- Reavaliam sua prática refletindo sobre valores e conceitos que trazem introjetados sobre a homossexualidade e sua cultura, repensando suas ações cotidianas. ( )

C- Tem procurado investir em sua formação quanto às questões relativas a homossexualidades. ( )

D- São contra a homossexualidade e deixam nítida sua postura em sala de aula. ( )

14. **As situações de desigualdade e discriminação sociais, no tocante à homossexualidade, provocam os docentes para:**

A- Reflexão específica com todos/as os/as alunos/as da sua turma. ( )

B- Reflexão específica com os/as alunos/as discriminados/as da sua turma. ( )

C- Instrumentos pedagógicos com fins de conscientização dos/as alunos/as em relação à luta contra todas as formas de injustiça social. ( )

D- A não considerarem importantes, e por isso, não fazem discussão na turma. ( )

15. **A escola, para fortalecer os relacionamentos entre as pessoas em geral, necessita da aceitação da diversidade sexual e de respeito a esta diferença, assim deve:**

A- Promover o orgulho ao pertencimento da população de homossexuais de seus/suas alunos/as. ( )

B- Procurar não dar atenção para as visões estereotipadas sobre os/as homossexuais nos livros, nas produções e nos textos do material didático, quando houver. ( )

- C- Promover maior conhecimento sobre as manifestações culturais de diferentes populações de grupos vulnerabilizados. ( )
- 16. Quanto à expressão verbal:**
- A- Acredita-se que a linguagem usada no cotidiano escolar tem o poder de influir nas questões de homofobia e discriminação. ( )
- B- Usam-se outros termos que remetem a homossexualidade de forma depreciativa para ofendê-los/as. ( )
- C- A linguagem não tem influência direta nas questões sobre diversidade sexual. ( )
- 17. Quanto aos trabalhos escolares de uma forma geral:**
- A- Alguns/algumas professores/as falam da questão da sexualidade, mais especificamente da homossexualidade, em determinadas etapas do ano letivo. ( )
- B- Existe resistência do/as professores/as para tratar a questão da diversidade sexual com relação à luta contra todas as formas de injustiça social. ( )
- C- Existe um trabalho coletivo sobre a questão da diversidade sexual com a participação de todos/as, inclusive da direção e dos/as funcionários/as. ( )
- 18. Quanto à biblioteca:**
- A- Existem muitos e variados livros sobre a questão da diversidade sexual que contemplam alunos/as e professores/as. ( )
- B- Existem alguns tipos de livros (dois ou três) que contemplam a questão da diversidade sexual. ( )
- C- Não existem livros sobre o tema. ( )
- 19. Quanto à capacidade dos/as professores/as de discutir sobre a questão da diversidade sexual:**
- A- Algumas vezes no ano fazem cursos ou grupos de estudo sobre a questão da diversidade sexual. ( )
- B- Procuram incorporar o assunto nas discussões de reuniões pedagógicas, grupos de estudo e momentos de formação. ( )
- C- Ainda não tivemos a oportunidade de estudar a questão. ( )
- 20. Sendo homossexual, como você se sente na sua sala de aula?**
- A- Enfrento conflitos e não sei lidar com isso; ( )
- B- Não sinto nada, sou igual a qualquer outro/a na sala de aula; ( )
- C- As diferenças culturais existem e devem ser trabalhadas na escola; ( )
- D- É um problema que não deve ser tratado na sala de aula. ( )
- 21. Há algum espaço para tratar a violência sexual na escola?**
- A- Não ( )
- B- Sim. ( )
- C- Qual? \_\_\_\_\_
- 
- 22. O que você sente quando as pessoas percebem que você é homossexual?**
- A- Tristeza, pois sou alvo de muita violência. ( )
- B- Raiva, porque não gosto de ser destrutado/a. ( )
- C- Indiferença, pois não me importo com a opinião das outras pessoas. ( )
- D- Undo saiba da minha condição.
- E- Outro? ( )
- Qual? \_\_\_\_\_
-

**23. Você conhece grupos de defesa dos direitos dos homossexuais em seu Estado?**

A- Não ( )

B- Sim ( )

Quais?

---

---

**24. Como seu grupo familiar trata a homossexualidade e os indivíduos que tem essa orientação sexual?**

---

---

---

---

**25. Você já teve oportunidade de presenciar uma cena de preconceito sexual na sua escola ou sala de aula? Faça comentários.**

---

---

---

---

---

---

**26. Como você percebe o tratamento da sua escola em geral para com os/as pessoas homossexuais?**

---

---

---

---

---

**27. O que, para você, é inaceitável no comportamento dos homossexuais na escola? Por quê?**

---

---

---

---

---

**28. Você gostaria de sugerir algumas ações para que sua escola realize e que pautem o respeito aos/as homossexuais?**

---

---

---

---

---